

SÉRGIO MATTOS

**RELICÁRIO
COMUNICACIONAL
E LITERÁRIO**

**(Entre artigos, reportagens, orelhas, prefácios e
resenhas)**

Salvador 2008.

© Sérgio Augusto Soares Mattos

Editor: J. J. Randam

Coordenação Editorial:

Capa: Jorginho e Jenner Randam

Editoração Eletrônica: Jorginho e Jenner Randam

Impressão: Gráfica Santa Bárbara

Ficha Catalográfica

Biblioteca Central Reitor Macedo Costa – UFBA

Mattos, Sérgio

Relicário comunicacional e literário: (artigos, reportagens, orelhas, prefácios e resenhas) / Sérgio Mattos; editor J. J. Randam – Salvador : Contexto & Arte, 2008.

176 p.

ISBN: 978-85-87607-63-8

1. Jornalismo – Antologias. 2. Literatura brasileira. 3. Reportagens e repórteres.
I. Randam, José Jorge, II. Título.

CDD – 079.81

Editora Contexto e Arte

Telefone: (71)3245-4679 / 3356-0927

e-mail: editoracontexto@gmail.com / jjrandam@gmail.com

Dedicatória

Dedico este livro à memória:
de meus pais, José de Castro Mattos e Maria Helena Soares Mattos,
do poeta Nonato Marques e
dos jornalistas Quintino de Carvalho e Jorge Calmon.

SUMÁRIO

PREFÁCIO

Uma etapa na trajetória de um escritor prestante – Edivaldo M. Boaventura.....07

PRIMEIRA PARTE – ARTIGOS E REPORTAGENS

Este jovem Dorival Caymmi.....	11
Cultura importada.....	15
O exemplo do cacique.....	18
Misticismo político.....	21
Rio Vermelho.....	23
São Cristóvão, um poema.....	26
A cura através da arte.....	30
Anna Edler, fundadora da Escola de Teatro, volta aos palcos	33
Chaplin, o eterno palhaço sempre presente entre nós	37

SEGUNDA PARTE – ORELHAS E PREFÁCIOS

Justa homenagem.....	47
Produção expressiva	49
Portais poéticos	50
Focus poético	52
Uma poetisa madura	54
A poetisa Kleyde Ramos	57
Upongo, um pranto poético	59
Um Maxado enamorado	64
Sintonia poética	68
Tudo é poesia	71
Luar sobre as faces	75
O sonho de uma viagem	77
Crônica de viagem	79
Janela panorâmica	81
Encantados da Bahia	84

Homens que fizeram história	86
Entre o mito e a realidade	88
Os dez anos da Turma do Xaxado	90
Contribuições ao conhecimento	93
Televisão na era da globalização	97
Análise semiótica da telenovela	105
Aspectos da trajetória da imprensa baiana.....	109

TERCEIRA PARTE – RESENHAS

Para ler Tieta	119
O Percegonho de Guido	122
Fragmentos e raios	124
Narrativa de bastidores	127
Reverendo a mídia eletrônica	131
Estudos de Nanicos	134
BBC, um modelo de TV	137
Para entender a produção da TV brasileira	140

QUARTA PARTE – PERFIS

Jorge Calmon, o ponto de referência	147
Nonato Marques, o poeta da Baixinha	159
Paulo Gaudenzi: um profissional da cultura e do turismo	171

QUEM É SERGIO MATTOS	175
-----------------------------------	------------

Prefácio

**UMA ETAPA NA TRAJETÓRIA
DE UM ESCRITOR PRESTANTE**

A convergência dos anos fez com que Sérgio Mattos reunisse textos diversos em uma publicação que reflete sua dupla condição de escritor e de jornalista. O jornalista realizado registra personalidades do nosso tempo, como o poeta sensível apresenta poemas e livros e o homem amadurecido cria agremiações de cultura.

O profissional em comunicação, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), acrescentou o mestrado e o doutorado na Universidade do Texas, em Austin, nos Estados Unidos. Formação que lhe permitiu o magistério superior com destacada qualidade de desempenho, pois foi o primeiro doutor da Faculdade de Comunicação (FACOM/UFBA) e foi igualmente o primeiro a orientar tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Contemporânea. Na pesquisa, tomou como linha de investigação a televisão brasileira. A sua contribuição acadêmica, no particular, é referencial teórico obrigatório na revisão da literatura concernente. Destacam-se as dissertações sobre o impacto do governo militar brasileiro no desenvolvimento da TV e a publicidade nacional e estrangeira no crescimento da comunicação de massa. Em 1990, analisou o perfil da TV brasileira. Tem continuamente tratado do tema em publicações e simpósios. Como reconhecimento às suas pesquisas, recebeu o Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão, na categoria de maturidade acadêmica. O profissional demonstra um amplo interesse pelo jornal, pela TV, pelo rádio, pela internet, enfim, pelas mídias. Fez carreira acadêmica na Universidade Federal da Bahia e prossegue como docente na Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão (UNIBAHIA).

Mas Sérgio Mattos não restou no patamar acadêmico, muito pelo contrário, sempre se exercitou no jornal com competência. Estreando na *Tribuna da Bahia*, trabalhou por muitos anos em *A Tarde*. Nos artigos e reportagens reunidos, traça perfis, alinha conceitos, caracteriza situações. São exemplos o encontro com Dorival Caymmi, na casa de Jorge Amado, o caso Juruna, o contributo de Anna Edler para o ensino do teatro na Bahia, o

resgate de Charles Chaplin. Saliente-se aquele comunista bem baiano e melhor macumbeiro que “usa colar de contas e não deixa de cumprir obrigações para abrir caminhos. Afinal de contas, ou nas próprias contas, todos os meios podem até justificar os fins”. Os ensaios e reportagens são apenas um reduzido *survey* do profissional de imprensa.

O jornalista, na dupla condição de acadêmico e de prático da imprensa, é provável que tenha induzido o escritor. Como poeta define-se “o vigia do tempo”. A sua obra abrange um largo campo na construção da arquitetura do verso e da escrita. Poesia e comunicação são os pilares básicos do intelectual bem formado e melhor exercitado na imprensa e no departamento universitário. É na condição de escritor que, generosamente, estimula estreantes e veteranos apresentando inúmeros poetas, ensaístas. O importante é que o poeta Sérgio Mattos, pleno de bons sentimentos para com outros bardos, lança-os em prefácios incentivadores. Em parênteses, quem escreve não dispensa apresentação. Sérgio soube revelar Daniel Fernando Setila, poeta angolano que não foi publicado, mas ficou a sua marcante apresentação.

Como estritor, soube penetrar na intimidade da poesia de Franklin Maxado, José Jorge Randam, Derval Evangelista dos Santos, Josemário Lima e tantos outros. A sua galeria de prefácios e orelhas funciona como uma antologia. Destaco o ensaio sobre a análise semiótica da telenovela de Lícia Soares de Souza, professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) com destacado trabalho acadêmico no Canadá. Enfeixa o livro com os perfis de Jorge Calmon, Nonato Marques e Paulo Gaudenzi. Reunindo pouco ou muito da experiência feita, Sérgio Mattos tem contribuído, decididamente, para o engrandecimento da nossa cultura, liderando a criação do Instituto Baiano do Livro, da Academia de Letras e Artes do Salvador (ALAS) e da revista Neon.

Um livro traz sempre uma mensagem, suscita u resulta de uma campanha e marca uma etapa na trajetória de um escritor prestante, como Sérgio Mattos.

Salvador, no dia de São Boaventura, 15 de julho de 2008.

Edivaldo M. Boaventura,

Professor emérito da Universidade Federal da Bahia.

PRIMEIRA PARTE

Artigos e Reportagens

ESTE JOVEM DORIVAL CAYMMI¹

Como diz Jorge Amado, na apresentação de um disco de Dorival Caymmi, foi “na praia de Itapuã, nas malícias do Rio Vermelho, nas ladeiras da cidade antiga que cresceu o menino Dorival, filho de seu Durval, modesto funcionário estadual, bom no violão e no trato. Cresceu assim o moço Caymmi, na pesca, na serenata, na festa de bairro, no samba de roda, nos terreiros de santo, vivendo cada instante de sua cidade e de sua gente”.

Pergunto agora: Caymmi precisa de definição melhor do que esta? Não, pois, Caymmi é como disse Jorge Amado, um bom baiano. Jorge Amado não sabe como foi que conheceu Caymmi, mas eu, que há tanto tempo o admiro, o conheci, pessoalmente, na casa de Jorge, quando o governador Antonio Carlos [Magalhães] lá esteve, em seu primeiro dia de Governo. Caymmi, com sua cabeça prateada e 57 anos, é a própria história da Bahia, tema sempre explorado em suas músicas. Caymmi é, como ele mesmo diz, um artista pobre, que não pegou o tempo dos direitos autorais (apesar de nele ainda viver). Enfim, Caymmi é, como diria o senador Heitor Dias, a síntese da baianidade.

Foi no dia 16, primeiro dia do novo governo, que conheci Caymmi. Todos estavam almoçando caruru, vatapá e efó, enquanto ele se limitava a comer frutas. Cheguei-me a ele e perguntei:

- Como é Caymmi, você não vai comer?

- Não. Estou de regime e há mais de 12 dias que como apenas frutas. Aliás, estou tentando ligar para o médico, para saber se já posso voltar a comer proteínas.

Foi aí que James Amado, de nós se aproximando, largou:

- Cuidado com este homem que ele anota tudo. Vai acabar escrevendo toda a sua vida.

Sorrimos, eu e Caymmi. E continuamos a conversar.

- Caymmi. Eu gostaria de fazer uma entrevista completamente diferente do que já foi feito até hoje. Eu gostaria que você contasse coisas suas. Coisas que nunca foram publicadas. Detalhes interessantes de sua vida.

¹ Artigo-reportagem publicado na página 2, do 3º caderno, da Tribuna da Bahia, edição do dia 27 de março de 1971.

Ele sorriu, olhou para cima e quando ia responder, James Amado agarrou-me pelo braço e disse:

- Aproveita o flash daquele português para fotografar o governador ao lado de Jorge e do Azeredo Perdigão...

Levantei-me. Aproveitei, realmente, o flash do português de quem nem o nome sei. Fotografei bastante e voltei à carga.²

- Caymmi, vamos continuar?

- Vamos – respondeu com sua voz calma.

Foi aí que João Jorge, filho de Jorge Amado, colocou, na radiola, uma música de Caymmi: Maracangalha. Caymmi parou. Ouviu por alguns instantes e disse: “Se eu tivesse que lançar esta música hoje teria que gastar muito dinheiro”.

Voltamos ao assunto. Eu estava com caneta e papel na mão, quando James Amado voltou com a gozação.

- Rapaz, deixe de fazer anotações. Você não tem imaginação não? O negócio é este. Depois você inventa...

Limitei-me a rir. Perguntei ao Caymmi o que é que ele tinha, já que estava tentando telefonar para um médico. E James, mais uma vez, falou:

- Ele não tem nada. O que ele está precisando é de uma mulata de olhos verdes.

E Caymmi disse:

- É, realmente não tenho nada, apesar de muita gente viver dizendo que estou doente, que estou com isto, que estou com aquilo. Os jornalistas sempre gostam de me ver na cama, pois outro dia, lá em casa, um rapaz perguntou o que eu tinha. Respondi que estava bem, mas ele queria fazer uma foto minha, deitado na cama, como um doente. Olhe, escreva aí, que o que eu tive foi uma crise de gota. Isto é o que eu sempre deveria dizer quando me perguntassem o que eu tenho, não é?

Caymmi falou com tom de contrariedade e deixando claro que não gostava de ouvir que estivesse doente. O tempo foi passando. Logo eu teria que fazer mais algumas fotos e acompanhar o governador em seu programa, a fim de cumprir minha missão: Cobrir o primeiro dia do governador. Até aí, eu não tinha conseguido realizar nada do meu intento,

² Na época, como repórter especial da *Tribuna da Bahia*, a depender da cobertura, fazíamos também as fotografias.

em relação a Caymmi. Aliás, a reportagem que pretendi fazer quando o vi, em casa de Jorge Amado, não passou de uma frustração. Além de não conseguir fazer a reportagem diferente, não consegui nem uma entrevistazinha comum. Tudo não passou de um bate-papo informal e rápido, além, de ser intercalado de fotos, de James, de cumprir a missão e tudo o mais.

Enquanto fotografava eu perguntava a Caymmi:

- Você trabalha suas músicas muito tempo?

- Sempre achei vital, respondeu, o fato de compor músicas. A minha realização é colocar em termos de música uma idéia poética.

- Você pretende fazer algum lançamento por agora?

- Entre maio e junho devo lançar qualquer coisa. Um disco ou apenas uma canção.

- Você faz músicas de parceria?

- Sempre recebo em casa diversas letras falando que a Bahia tem petróleo, tem baiana, etc. Geralmente vêm do interior e com o pedido para que eu coloque a música. São letras incríveis.

E assim, enquanto fotografava, ou prestava atenção ao que se passava com o governador, que estava conversando animadamente com o presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Sr. Azeredo Perdigão, eu ia fazendo algumas perguntas de menor importância, na tentativa de não perder o fio da meada, que acabei perdendo.

O governador Antonio Carlos contava a Jorge Amado, a Perdigão e a outros, como em 1957, numa viagem à Europa, Dorival Caymmi e Odorico Tavares foram seus companheiros de viagem. Caymmi ouviu e também recordou aqueles tempos:

- Em 1957, em Lisboa, Amália Rodrigues me recebeu muito bem. Naquele tempo fiz uma verdadeira tournée.

Foi aí que todos se levantaram e foram percorrer a casa de Jorge Amado [na rua Alagoinhas 33- Rio Vermelho- Salvador]. O português começou a filmar, James Amado gritou para que eu não deixasse de aproveitar o flash. Fomos até o gabinete de Jorge. Lá ele distribuiu livros e agendas. Apenas Caymmi, que é velho conhecido da casa não nos acompanhou. Ao mesmo tempo em que fotografava eu procurava tomar notas, enquanto James Amado, com seu espírito de jornalista irreverente, dizia:

- Deixa de tomar notas, rapaz. Depois você inventa. Você não tem imaginação não?

Expliquei-lhe que estava cronometrando os passos do governador, mas ele continuava achando que eu devia apenas fazer fotos, pois o texto se daria um jeito mais tarde.

A visita na casa de Jorge Amado terminou. Eram 16 horas e tive que acompanhar o governador no seu primeiro dia de Governo. Deixei, na casa de Jorge Amado, duas coisas: Caymmi, que no dia 30 viaja para o Rio em companhia de sua mulher, e a minha grande frustração de repórter que não conseguiu realizar uma reportagem original.

Se o jogo do bicho ainda existisse, talvez, naquele dia, eu fosse capaz de jogar no número 30, pois: no dia 30 de março, Caymmi viaja, no dia 30 de abril ele faz aniversário e, ainda este ano, completará 30 anos de casado. No bate-papo entrecortado que mantive com Caymmi, ele se queixou dos direitos autorais e explicou como surgiu a idéia de compor “É Doce Morrer no Mar”, que segundo ele, é uma frase que se encontra em “Mar Morto”, livro de Jorge Amado. Aliás, ele disse que desta música ele só fez a linha melódica, pois os versos são de Jorge ...

CULTURA IMPORTADA³

“Quase a metade de tudo o que o brasileiro vê, ouve e lê nos teatros, rádios, televisão e livros é de origem estrangeira. No cinema, a proporção é mais alta: apenas um quinto dos filmes exibidos são nacionais. Os veículos tradicionalmente formadores de cultura continuam perdendo terreno para a televisão”.

É de estarrecer esta afirmativa. O trecho foi publicado recentemente no *Jornal do Brasil*. A ele soma-se o fato de que o consumo de livros no Brasil gira em torno de apenas dois exemplares anuais per capita, demonstrando que o setor cultural brasileiro não vai muito bem.

O momento-cultural, em síntese, apresenta-se assim: mais de um terço das peças teatrais exibidas no País em 1971 eram estrangeiras; quase a metade dos discos lançados em 1973 foi gravada fora; menos de um quarto dos filmes apresentados era nacional; mais de um terço dos livros editados no País em 1974 foi de traduções; um terço da programação de televisão era importada; e quase a metade da programação de rádio era musical, mas não se sabe quantas dessas músicas eram estrangeiras.

Contribuindo para estagnar o setor cultural poderíamos enumerar uma série de fatores, tais como a influência negativa da televisão, o sistema do vestibular e seus cursinhos preparatórios, a má preparação e baixa remuneração dos professores, a censura, a cultura enlatada, poucos investimentos no setor educacional, entre inúmeros outros.

Segundo as autoridades do MEC, a baixa qualidade de formação dos professores para os níveis médio e universitário é responsável pela má qualidade do ensino. Mas, a recíproca também é verdadeira.

No ano passado [1976], o ministro Ney Braga, da Educação e Cultura, também afirmou que o problema de baixa qualidade do ensino tem suas raízes mais profundas na formação dos professores. Sua observação foi feita através de uma portaria e por meio de avisos endereçados aos Secretários de Educação de todo o País, solicitando a adoção de medidas destinadas a melhorar o ensino da língua portuguesa e da literatura brasileira em todos os níveis.

³ Artigo originalmente publicado no caderno 2 de A Tarde de 10 de maio de 1977.

Entretanto, a orientação do Ministro esbarra no vestibular, que por ser um sistema seletivo estritamente técnico, tem levado os cursinhos e os colégios de segundo grau, a apenas treinar o aluno a responder questões de múltipla-escolha. Limitando, conseqüentemente a aprendizagem da língua portuguesa. Talvez, como fruto da preocupação do Ministério da Educação e das constantes críticas e sugestões feitas, a redação passará a ser exigida novamente no vestibular e, provavelmente, a partir de 78.

Mas, um dos maiores responsáveis pela situação em que se encontra a cultura nacional, continua sendo, na opinião de muitos, o baixo nível da televisão brasileira que contribui para diminuir as possibilidades de as pessoas, principalmente dos jovens, refletir e se expressar com lógica, espírito crítico e opinião própria.

O maior problema da televisão é a idéia-padrão que ela veicula, criando nas pessoas a ilusão de que estão bem informadas porque usam os termos da moda, utilizam expressões e palavras sem ter apreendido seu sentido. Na verdade, as pessoas estão deixando de ler livros e jornais para receberem, diariamente, através da televisão, uma carga de afirmativas e anúncios que mesmo quando compreendidos nunca são questionados.

Enquanto, em 1960, apenas uma entre 94 pessoas tinha televisão, em 1974, segundo o IBGE, um em cada 16 habitantes possui um aparelho de televisão.

Mais grave ainda é o fato de sabermos que grande parte dos programas da televisão brasileira é totalmente importada: das 4 mil, 944 horas de transmissões na primeira semana de dezembro de 1973 – segundo o IBGE – 3 mil 794 eram dedicadas à programação nacional e 1 mil, 150 à estrangeira. Do total nacional, entre outras programações, 600 horas foram de publicidade, 515 de novelas, 200 de informação esportiva e 940 de programas ao vivo.

Esta é a situação: assistir televisão e deixar de ler, inclusive jornais e, aos poucos, matar o que ainda resta de nossa cultura ou fazer uma revisão de valores, procurando melhorar o nível dos programas de televisão, transmitindo cultura em vez de filmes enlatados repletos de violência, que também têm contribuído para o aumento da delinqüência.

O EXEMPLO DO CACIQUE⁴

O País teve o privilégio de conhecer, através dos meios de comunicação, o cacique xavante Juruna, em toda a sua pureza, clareza e precisão. Conhecemos, nas entrevistas aos jornais e televisão, antes de tudo um Homem, que apesar de considerado como não “civilizado”, nos deixou uma lição de objetividade e honestidade para consigo mesmo e para com seus propósitos. Isto para não falarmos da coragem, antes cantada, em prosa e verso, pela imaginação criadora dos nossos escritores e que agora se personifica em Juruna.

Há quase um século, Gonçalves Dias escreveu sobre um velho guerreiro:

“Sou bravo, sou forte, sou filho do Norte”.

Há pouco mais de uma semana os jornais publicaram as palavras de Juruna dirigidas a um burocrata da Funai, com quem manteve um diálogo gravado:

- Eu não sou filho de ninguém. Eu sou homem. Sou pessoa. Tenho cabeça para poder perceber tudo.

Estas palavras não deixam de ser uma reedição do verso de Gonçalves Dias. A diferença está no fato de que o velho guerreiro do poema não existiu como o cacique xavante, que é uma realidade.

Comentando o assunto, um jornal carioca disse que os diálogos de Juruna são uma “lição àqueles que, por falta de conhecimento acreditam que a civilização é algo que se conquista pelo nascimento e pela cor da pele”.

O raciocínio simples de Juruna é algo que nos deixa preocupado porque estamos vivendo num mundo de mentiras, onde falta solidariedade, sinceridade e honestidade, Os países ricos não querem que os subdesenvolvidos aspirem também a condição de um dia serem considerados como potências. Agora mesmo os Estados Unidos, diretamente, e a União Soviética, indiretamente, estão pressionando o Acordo Nuclear firmado entre o Brasil e a Alemanha. Afirmam que o Brasil não precisa da tecnologia nuclear porque temem que um dia possamos construir nossa própria bomba atômica ou porque querem nos manter sempre dependentes de tecnologia importada. Pergunta-se: a bomba é mais

⁴ Artigo publicado na pág. 4 do jornal A Tarde do dia 05 de fevereiro de 1977.

perigosa em nossas mãos do que nas mãos dos outros? Não vale a pena perder tempo com slogans e bombas, porque o nosso assunto é Juruna. Exatamente isto, Juruna. Prestem atenção ao diálogo mantido por este índio e um funcionário da Funai. Leiam com atenção e façam a analogia com o Acordo Nuclear:

Juruna – Por que não tem dinheiro?

Broocke – Porque uma bala calibre 38 custa CR\$ 8. Se você for matar caça a bala, até você acertar na caça você desperdiça um dinheiro danado. Então, vamos criar gado. Pra que você vai matar um veado que não dá pra coisa nenhuma? Matar um veado, uma anta, não dá pra nada. Então vamos criar porco, galinha, que você tem carne para comer.

Juruna – Pois é. E por que gente ensina arma pra índio também? Depois a gente acostuma.

Broocke – Eu já cansei de dizer para você, pro Aniceto, pro Cipriano, pro Humberto. Eu não tenho dinheiro para comprar bala.

Juruna – Por que?

Broocke – Porque não tenho. Então você vai ao Presidente e pede para a Funai comprar arma para o índio. *Bala é para destruir coisas* (o grifo é nosso).

Juruna – Então acaba com a fábrica, Se não pode ter bala pra cidade, não pode ter bala pra índio. *Então é melhor acabar* (o grifo é nosso).

Broocke – Isso aí eu não acho certo. Está proibido pelo Exército vender bala, você diz que pode.

Juruna – Eu quero saber se Funai está com medo, se índio está atirando em alguém.

Broocke – Arma na sua mão só vai criar problema. Vem um branco sem-vergonha, aí fica nervoso, puxa uma arma, e se você estiver com arma você mata ele.

Juruna – E mata mesmo. *E não é justo defender?* (o grifo é nosso).

Juruna não é diplomado, não nasceu no chamado mundo civilizado, ninguém lhe disse o que é direito ou o que vem a ser justiça. Também não lhe disseram o que é hierarquia e qual o papel da imprensa, Entretanto, ele sabe de tudo. Basta se prestar atenção no que ele disse durante a conversa mantida na Funai. Eis alguns trechos soltos:

- Isso é costume de branco. Eu não sou escravo nem empregado de ninguém, eu sou pessoa. Esse costume pra mim não serve. A gente é cidadão brasileiro. Por que não pode falar com o Presidente?

.....

- É muito complicado. A vida do branco é muito difícil. Falei com o Jurandy e ele brigou comigo. Disse que o senhor não queria falar comigo. E que na próxima vez eu não podia fazer mais aquilo.

Aí lhe disseram:

- Você, a Igreja, a missão, têm que trabalhar direito. Eu tenho que trabalhar direito, padre Miguel tem que trabalhar direito, cada um em seu área. Eu fico aqui escrevendo o que você precisa. Outra coisa: a gente tem que pedir uma coisa de cada vez *e falar em jornal é perigoso* (o grifo é nosso). Se eu falar vão dizer que eu estou contra o Presidente.

Juruna – Quando gente ficar chateada comigo pelo jornal, pode me chamar e vamos resolver. Quando Ministro saber coisa pelo jornal pode me chamar.

X X X

É, realmente, Juruna nos faz pensar. Ele falou nos jornais e conseguiu chegar onde queria, pelo menos em parte, vez que não falou com o Presidente. Gravou todos os diálogos que manteve e levou as promessas, em fitas, para seu povo. Ele é um chefe que sabe o que quer e que presta contas aos seus comandados.

MISTICISMO POLÍTICO⁵

Às margens da Baía de Todos os Santos cresceu Salvador, a cidade d'Oxum, imortalizada em prosa e verso e cantada ao som dos trios elétricos e dos atabaques. Salvador, a cidade que encanta, é uma cidade mística e cheia de mistérios. Em suas históricas ruas estreitas ou nos modernos shoppings se pode encontrar de tudo: de comunista macumbeiro, petista capitalista a direitista de ocasião.

É isso mesmo. Se estiver duvidando, passe em revista os que você mesmo conhece. Observe aquele comunista com “C” maiúsculo, seu vizinho, que acabará descobrindo que ele bota fé em Marx, mas não desleixa o sincronismo (ou seria sincretismo Marxfioso?) do discurso retórico (cheio de alegorias carnavalescas) com o ritmo dos atabaques que saúdam o seu santo-guia-protetor. Comunista macumbeiro usa colar de contas e não deixa de cumprir obrigações para abrir os caminhos. Afinal de contas, ou nas próprias contas, todos os meios “podem até justificar os fins”.

O petista-capitalista integra o grupo pensante do partido e provém das elites intelectuais. Alguns fazem parte, do que vem sendo chamado de “esquerda escocesa”, ou seja, aquele tipo que participa de assembléia, faz greve, discurso contra o *status quo*, mas, à noite, burguesamente, se reúne nos bares da cidade, bebericando um uisquzinho, de preferência escocês, enquanto discute a inflação e os novos métodos para reivindicar aumento salarial “em nome da classe trabalhadora”. Atrás desta posição e do discurso repetitivo, uma verdadeira ladainha das “Filhas de Maria”, esconde-se o espírito especulativo de um consumidor nato. O petista-capitalista recebe altos salários, o que lhe permite uma prática especulativa e consumista: trocar de carro, adquirir um computador último modelo e importado (por debaixo do pano, é bom que se diga), comprar um som da “pesada”, ou até mesmo fazer uma senhora oferenda a Iemanjá. Assim é o petista-capitalista que ataca o fisiologismo, mas o pratica nos acordos celebrados.

⁵ Publicado na página 2 do Caderno 2 (coluna Ultraleve) de A Tarde, edição do dia 09 de março de 1989.

Mas, o que dizer do direitista de ocasião, que anda armado, prega o golpe, se comporta como malandro populista e se apresenta com um discurso dito progressista? Na verdade, este homem não passa de um oportunista que topa qualquer acordo para se manter no poder (com ou sem a proteção da Santa Guerreira) ou pelo menos se colocar próximo a quem o detém, sabendo, entretanto, trocar de onda, pulando de prancha em prancha com a mesma habilidade com que um surfista desliza sempre por cima da onda que se quebra sem, no entanto derruba-lo.

Ninguém duvide, pois este direitista também tem corpo fechado e rezado pelos mais famosos pais ou mães-de-santo da terra. Costuma colocar tanto “pó de pomba” na roupa que ao receber tapinhas nas costas, dos cumprimentos dos puxa-saquistas, sobe aquela nuvenzinha branca que todos fazem questão de ignorar, mas o possuidor de alergia não consegue esconder o fato porque nariz de alérgico é sempre um Nariz Dedo Duro, seja de direitista de ocasião, petista-capitalista ou de comunista macumbeiro. Nisto pelo menos são todos iguais.

Durante as festas de largo ou no Carnaval baiano, estes três tipos tão comuns no nosso folclore político esquecem as diferenças, correm atrás do trio elétrico, tira onda de machão, mas acabam juntos gritando uníssono: “Eu sou negão”. Ou então perdem um tempão, trocando as pernas na dança da galinha, bancando o crocodilo ou fofocando num verdadeiro ti-ti-ti da Bahia.

É isso aí. Atrás do trio elétrico, como já disse o poeta Caetano, só não vai quem já morreu, e eles continuam vivos, se preparando, mesmo no Carnaval, para as próximas eleições: o Carnaval deste ano teve trio de político e bloco petista. Esta é a fantasia e o mistério que envolve a Bahia tão badalada por Jorge Amado.

RIO VERMELHO⁶

Com o compromisso de resgatar a memória histórico-cultural, lutar pela preservação da tipologia arquitetônica do bairro e defender os interesses da comunidade, acaba de ser fundada a Associação dos Moradores e Amigos do Rio Vermelho (AMARV), que tem como presidente de honra o morador mais famoso do bairro, nosso Jorge Amado, e como presidente executivo, Ubaldo Marques Porto Filho.

A AMARV foi criada num momento decisivo para a vida daquele bairro, que já foi conhecido como o recanto dos artistas e intelectuais e que ainda preserva, apesar do seu crescimento, suas características místicas, que não sabemos como explicar, mas que nos prendem como se existisse qualquer coisa de sagrado na área de abrangência de seus limites, sob a proteção de Senhora Santana e de Iemanjá.

Tantos seus atuais como ex-moradores têm consciência da importância histórica e cultural do bairro, em cuja costa naufragou, em 1510, Diogo Álvares, o Caramuru. Foi também no Rio Vermelho, mais precisamente no Morro do Conselho, onde D. Marcos Teixeira, investido no cargo de capitão-mor, comandou a resistência contra os holandeses que, em 1624, haviam invadido a Cidade do Salvador.

Trata-se de um momento importante para o bairro porque seus moradores e amigos estão decididos a preservar, a qualquer custo, o que ainda resta do seu conjunto arquitetônico. Já existe uma consciência formada em torno da igreja e do Largo de Santana (foto), além da intenção de se tentar restaurar os antigos nomes das ruas, que estão sendo mudados apesar da população do bairro continuar a identificá-las por seus nomes tradicionais.

Os moradores, agora, querem ter a certeza de que o atual prefeito, Mário Kertész (devido ao seu já conhecido desejo de recuperar o Centro Histórico do Salvador) também esteja comprometido com o interesse público em relação ao bairro e que tudo faça, desde já, pela preservação da tipologia arquitetônica do Rio Vermelho.

⁶ Artigo publicado na página 2 do Caderno 2 do jornal A TARDE, do dia 26 de abril de 1986.

A luta dos moradores e dos amigos do bairro, agora, tem o respaldo legal de uma associação, constituída para reivindicar e lutar pelos interesses daquela área. Assim, a AMARV pretende desempenhar, junto às autoridades competentes, o seu papel, buscando encontrar e/ou propor soluções para os problemas do bairro, além de lutar pela preservação de seus monumentos. Isso porque inúmeros dos imponentes casarões do Rio Vermelho já não mais existem, porque não resistiram às especulações imobiliárias.

No momento, a palavra de ordem é lutar pela recuperação da igreja de Santana e pela manutenção da tipografia arquitetônica do bairro. Se você é morador ou amigo do bairro e comunga com estas preocupações, procure filiar-se a AMARV, que está funcionando provisoriamente numa das salas da Biblioteca Juracy Magalhães Jr., para que sua opinião e reivindicação sejam também consideradas. A diretoria executiva, fundadora da AMARV e eleita por aclamação no dia 2 de abril [de 1986], está assim constituída: presidente, Ubaldo Marques Porto Filho; vice-presidente, Jorge Eduardo Liberato de Matos; diretora administrativa, Suzana Olmos; diretor financeiro, Clovis Bezerril; diretora cultural, Eneida de Almeida Cavalcanti; diretor de comunicação social, Sérgio Augusto Soares Mattos e diretor jurídico, José Carlos Taboada.

Compõem ainda o quadro diretivo da AMARV três diretores para assuntos especiais: Jorge Filho (presidente da Colônia de Pesca Z-1), David José dos Santos (representante do Comércio e Serviços) e José Augusto Saraiva Peixoto (representante do Grupo Gérmen). O conselho consultivo é formado por nomes representativos, tais como os de Almir Ferreira da Silva, Edmundo Germano Rezende, Ivan Barreto de Carvalho Filho, José Ramos dos Santos, Rubens Mário de Macedo e Tarquínio de Oliveira Gonzaga.

O Rio Vermelho merece sua atenção. Participe também da luta pela preservação histórico-cultural do Rio Vermelho.

SÃO CRISTÓVÃO, UM POEMA⁷

Como diz Manoel Cabral Machado, São Cristóvão tem “cheiro de coisa velha, Igrejas, casarões, relíquias, gente antiga relembrando estórias de um tempo remoto, ruas estreitas guardando o mistério dos passos perdidos, conventos seculares esconde frades e freiras, vivos e mortos, imagens, altares, ex-votos, corpo-seco, almas e assombrações”. Isto é São Cristóvão, ex-capital sergipana, a mais velha do Estado e a quarta mais velha do Brasil.

São Cristóvão dista de Aracaju 25 minutos. O dia e o mês de sua fundação são desconhecidos, mas os historiadores apontam o ano de 1590, quando, após uma batalha vitoriosa, Cristóvão de Barros a fundou. Hoje [1971], São Cristóvão tem cerca de 30 mil habitantes e o Patrimônio Histórico de Sergipe já se preocupa com a sua restauração primitiva, com suas praças e monumentos. A distância entre Aracaju e São Cristóvão é de apenas 18 quilômetros.

Segundo historiadores, baianos e sergipanos, não existem mais do que meia dúzia de cidades iguais a São Cristóvão, espalhadas pelo Brasil. Comparando-a, eles citaram: Ouro Preto, Olinda e Cachoeira entre outras. Além da riqueza do turismo, quase inexplorado, as riquezas naturais de São Cristóvão são: sal, barro, frutas de jurubeba, lenha para combustível, castanhas de caju, cipós para fabricação de cestos, ouricuri, raízes de ipsisca, além da madeira para fabricação de carvão vegetal e grande quantidade de peixes nos rios que cruzam a área.

Depois dos 18 quilômetros de asfalto da BR-101, que liga Aracaju a São Cristóvão, o acesso à cidade se realiza através de uma rua antiga, calçada de pedras irregulares. Segundo descrição do professor Manoel Cabral Machado, sergipano, ao aproximar-se da Cidade de São Cristóvão:

“Um casarão pobre recebe o visitante, de costas, mostrando os fundos dos quintais vazios, como faz a gente humilde, envergonhada. Depois, um silencioso casarão acompanha uma rua comprida até a Fábrica de Tecidos. Aí, você está avistando a parte

⁷ Publicada nas páginas 4 e 5 do caderno especial da Tribuna da Bahia sobre Sergipe veiculado no dia 18 de junho e 1971.

nobre da velha capital sergipana, assentada no alto da colina heróica. Todos lhe esperam: Igrejas e praças coloniais, palácios e casas senhoriais, gente boa, água, peixe, confeitos e Senhor dos Passos".

Subindo a ladeira de calçamento primitivo, que fazem com que o visitante sinta a presença de “senhôzinho e sinhá dona, intrigas do Paço, falas de deputados e governadores e brigas de políticos”. Após a ladeira, o visitante entra em São Cristóvão, onde florescia a agricultura da cana-de-açúcar do vale de Itaporanga.

Em São Cristóvão não há hotéis, mas devido à pouca distância de Aracaju e os meios de transportes existentes, eles não se fazem necessário. O visitante pode programar um dia inteiro em São Cristóvão. O preço da passagem de ônibus, que parte da Estação Rodoviária, é de apenas Cr\$ 2, e lá o preço de um almoço médio de Cr\$5.

HISTÓRICO – Segundo um relatório do Patrimônio Histórico de Sergipe, “O patrimônio do Estado data do século XVII e não tem sido preservado como devia, por incultura do seu povo, por descuido dos governos, por inoperância dos que lidam com a causa pública”. A cidade de São Cristóvão, no século XVIII, quando o Estado de Sergipe começou a prosperar, dominava a situação política.

No século XIX, quando a cidade tomou uma posição contrária à Insurreição Pernambucana de 1817, o Estado disto se beneficiou porque foi transformado, a título de recompensa, em capitania independente. Depois disto, São Cristóvão assumiu a direção da política Imperial, o que lhe deu maior plenitude e liberdade de ação.

E assim, visitando os monumentos existentes em São Cristóvão, olhando a praça municipal ou o convento de São Francisco, segundo se expressou o professor Manoel Cabral Machado, o visitante recua uns dois séculos porque “quase todas as casas conservam ainda o estilo colonial”.

Fechando a praça está sediado o convento de Santa Cruz, que data de 1618, fundado pelo frade Luis do Rosário. Segundo documentos, a construção deste convento durou quase 100 anos. Ao lado do convento há uma Igreja que ostenta altares e cornijas douradas, além das imagens antigas.

Nesta mesma praça, estão ainda o prédio da Santa Casa da Misericórdia, onde hoje funciona um orfanato, a Casa do Conselho do Governo e o Palácio Imperial, que data de

1825. No Museu de Sergipe, o visitante encontra toda a história de Sergipe, contada nos murais e nas peças expostas, que vão de camas, arcas, mesas, sofás, cadeiras de arruar, nichos, imagens, carabinas e bacamartes.

SEU POVO E CALENDÁRIO – Todo ano é celebrada, durante dois dias, no segundo sábado e no segundo domingo da Quaresma, a Festa dos Passos, quando peregrinos, de todo o Estado, se dirigem para São Cristóvão a fim de fazer promessas. Eles andam de joelhos pelas ruas, durante a procissão de Senhor dos Passos e depois vão comer uma peixada, nas residências e restaurantes da cidade.

O povo de São Cristóvão é tímido, mas acolhedor. Quando se fala em remodelação ou restauração de uma casa tombada, o povo inventa mil e uma histórias:

“Dizem que se alguém remodelar uma casa velha e não conservar o estilo antigo, sofrerá desgraças terríveis. Perde filho em desastre ou filha foge de casa. Mulher morre de câncer ou enfeita o marido. Já houve vários casos e muitos estão para acontecer”.

Segundo o professor Manoel Cabral Machado, quem for a São Cristóvão não deve deixar de comprar os confeitos que as beatas vendem, nem tão pouco deixar de comer uma boa peixada, o que se encontra num restaurante chamado “Candango’s Bar”.

A CURA ATRAVÉS DA ARTE⁸

Pitágoras já praticava a terapia pelas cores. Platão e Aristóteles também fizeram estudos sobre a luz e as cores. Na Idade Média, as bruxas utilizavam as cores para seus trabalhos. Hoje, Sanromán, psicólogo e pintor, fala sobre a importância das cores usadas numa tela ou terapia. Enfim, Sanromán fala da **psicodinâmica das cores**, que segundo ele, “nos imprimem temperaturas, peso e dimensões”.

Sanromán afirma que “há cores de baixa vibração e cores de alta vibração. Conhecendo o valor delas em sua frequência, podemos então distribuí-las, de maneira disciplinada, colocando as de baixa vibração mais próximas e as de alta vibração mais distantes. Fazendo isso conseguiremos, no caso da pintura, uma iluminação geral por toda a tela ou tanto no primeiro plano como nos subseqüentes”.

Continuando, Sanromán diz que as cores de onda longa ou baixa frequência são as cores quentes, do vermelho ao amarelo – o vermelho com 400 bilhões de oscilações, a laranja com 450, o amarelo com 500 –. E as cores de alta vibração são: o verde com 550 bilhões de oscilações, o azul com 600, o lilás com 680 e, finalmente, o violeta com 700 bilhões de oscilações.

CORES E SONS – O pesquisador explica que as sete cores (vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, lilás e violeta) provem de apenas três, e estas da decomposição da luz branca. Em uma experiência ele misturou as cores com o som. Sanromán diz que o ser humano só consegue enxergar uma oitava e ouvir 11 oitavas do som. Assim, as sete cores podem ser combinadas com as sete notas musicais que se continuarmos a desdobrá-las, encontraremos semitons e semi-sons:

- Foi assim que, a título de experiência, consegui pintar alguns quadros e, um deles, foi a abertura do Guarany, do maestro Carlos Gomes, que foi examinado e aprovado pelo professor Nelson de Souza Oliveira, que também estuda a teoria das cores do som. Este professor elogiou a experiência.

⁸ Publicado na página 2, do Caderno 3, da *Tribuna da Bahia*, do dia 07 de agosto de 1971.

AS CORES E A INFLUÊNCIA – Sanromán afirma que as cores são, talvez, as que mais influências possuem sobre os seres humanos. “Este fenômeno se deve porque as cores representam a luz e esta é a primeira razão da vida. Digamos que cada mente humana funcione em determinada frequência. Assim sendo é lógico que cada uma de nossas mentes é mais sensível a determinada cor ou som. Entretanto, temos de convir que esta atração é recíproca e, numa forma de permuta: tanto podemos nos identificar com elas, como sermos identificados (algo assim como a anedota do ovo e da galinha, quem apareceu primeiro?)”.

– A importância fisiológica das cores não é menos interessante que a psicológica: Se dois grupos de pintores saírem para pintar determinada paisagem, não haverá dois deles que cheguem a pintar com a mesma tonalidade. Mas, o que pode acontecer se as cores da paisagem são as mesmas para todos? O fenômeno está na retina visual devido os efeitos da energia radiante, na parte foto-sensitiva do olho. O pintor não sabe explicar a razão pela qual vê o panorama diferente do seu colega. O fisiólogo atribui o fenômeno à retina visual. Entretanto, eu, na condição de pintor e psicólogo, no esforço de atribuir cada fenômeno ao seu campo, reunindo técnica, física e metafísica, digo o seguinte: O cérebro interpreta a cor na área inteligível, ao mesmo tempo em que é condicionado. A mente psíquica, como uma síntese destes dois campos, resulta na preferência da tonalidade conveniente a cada tipo humano.

Sanromán que também estuda outros ramos do comportamento humano, psicoterapia e parapsicologia, afirma que nenhum método tem sido tão eficaz como o da **psicodinâmica das cores** para corrigir o comportamento humano:

– As cores afetam nosso equilíbrio psicossomático. Foi por isso que estudei a parapsicologia e a psicoterapia. A primeira, para desenvolver a razão dos fenômenos paranormais e outra série de conseqüências. A segunda, para melhor aplicar e tornar úteis, estes conhecimentos, pois é no subconsciente que se alojam todas as espécies de impactos recebidos pelos nossos sentidos – considerando o da visão, como o mais sensível –, tornando as cores de importância transcendental.

– A nossa alma – continua Sanromán – é a sede de todas as emoções. Quantas vezes nos lembramos de passagens da infância ao nos depararmos com uma cor, música, ou mesmo um perfume? Às vezes, estas lembranças despertam em nós um impacto, de tristeza ou alegria, pois os impulsos de um adulto são apenas o resultado das emoções vividas

durante os primeiros dez anos de vida. Daí, passarmos a gostar de determinada cor, música, etc.

Sanromán lembra a importância das cores e dos sons quando aplicados em tratamento psíquicos, que utilizando cores e sons provocam no paciente uma lembrança que o faz retornar ao passado. Na psicoterapia preventiva, segundo ele, se deve observar quais as cores são provocadoras de estímulos, pois existem as que nos causam depressões e as que nos dão satisfação. A utilização das cores e dos sons em tratamentos psíquicos ganhou o nome de “A Cura Através da Arte”.

ANNA EDLER, FUNDADORA DA ESCOLA DE TEATRO, VOLTA AOS PALCOS⁹

PITTSBURGH – Estados Unidos – Sérgio Mattos – especial para A Tarde – Afastada do teatro por mais de dez anos, Anna Edler, uma das fundadoras da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, residindo há 15 anos em Pittsburgh, está retornando à vida artística que a consagrou no Brasil. Ana tinha se afastado do teatro para criar os filhos, Deborah e Arthur, frutos de seu casamento com Jack Brown, que também foi professor da escola.

Álvaro Moreira costumava dizer que a “Escola de Teatro nasceu nos braços de Anna Edler”, que, além de ensinar fez de tudo para que fosse inaugurada, em abril de 1958, com a peça “Senhorita Júlia”. Agora, Ana pensa em marcar seu retorno ao Teatro com a representação de uma peça de Ibsen, em Salvador, durante o ano de 1979.

A ESCOLA DE TEATRO – Anna Edler chegou a Salvador no dia primeiro de agosto de 1956, a convite do reitor Edgard Santos, com um contrato de cinco meses para fazer três peças e retornar ao Rio. Mas, com o convite de Martins Gonçalves, para iniciar a primeira Escola de Teatro do Brasil, ela renunciou à fama para se dedicar a um ideal: Teatro Cultura.

- Quando cheguei – conta Ana – a escola era apenas uma sala, sem cadeiras, sem móveis. Uma sala vazia. Sentei-me no chão com o diretor Eros Martins Gonçalves e fizemos planos. Sonhamos com o futuro da escola, onde fiz de tudo. Fui de professora a datilografa; de primeira-secretária a costureira. Com muito esforço conseguimos apresentar o “Auto da Cananéia”, de Gil Vicente. Entretanto, o teatro da escola só foi inaugurado em 1958, com a encenação da peça “Senhorita Júlia”, cujos ensaios foram iniciados em 1957.

Os trabalhos da escola iniciados com Anna Edler, Antonio Patinho e Martins Gonçalves, como professores e Othon Bastos e Sônia Gabi, como estudantes. Um ano depois chegaram Janne Ratto, Luciana Petrucci e João Augusto, que era crítico de teatro

⁹ Publicado na primeira página do Caderno 2 de A Tarde, edição do dia 05 de janeiro de 1979.

no Rio e, entusiasmado com o trabalho realizado em Salvador, veio ensinar História do Teatro. Dometila Amaral foi outra que participou do primeiro grupo de professores da Escola de Teatro da UFBA.

A ARTISTA – A história artística de Ana Edler começou numa sexta-feira, 13 de agosto de 1949, no Rio de Janeiro, quando, aos 16 anos, fez sua estréia no teatro com Renato Viana. Pascoal Carlos Magno a descobriu e a incentivou. “O Idiota”, de Dostoievski, foi a peça que a consagrou como artista de grande talento. Em 1953, percorreu vários países europeus, arrancando aplausos e ao mesmo tempo estudando. Em Londres, John Gilgud a conheceu e recomendou-a junto à “Central School”, de onde saiu, em 1955, para concluir seu curso de Direito no Brasil por pressões paternas.

Logo ao chegar, Anna Edler ingressou no Grupo dos Artistas Unidos de Maria Clara Machado e, sob a direção de Boelnei, fez a priora do “Diálogo das Carmelitas”, recebendo a consagração da crítica. Logo em seguida, no Teatro Municipal, fez Electra, do “Circo”, de Hermilo Borba Filho.

Então foi para Salvador, onde, após um trabalho de repercussão nacional, ganhou uma bolsa de estudos para os Estados Unidos, onde se aperfeiçoou na “Carnegie Tech Drama School”, uma das mais famosas do mundo. Durante seu aperfeiçoamento ela representou “A Mulher de Creta”, “A Dama das Camélias”, “Bernarda Alba” e “O Circulo” entre outras peças. Após a bolsa, retornou a Salvador, onde encontrou uma escola toda modificada e que nada tinha com o ideal traçado e para o qual tanto colaborou. Como resultado, afastou-se, retornando para o Rio, onde, em 1960, instalou um “Studio de Teatro” com Jack Brown, com quem casou pouco depois, no qual ensinava pelo método de Stanislawski. Através deste “Studio”, Anna e Jack fizeram várias adaptações no Teatro Copacabana.

No dia primeiro de janeiro de 1963, mudaram-se para os Estados Unidos, onde, após uma temporada em Baltimore, fixaram residência em Pittsburgh. Na continuou seu trabalho artístico com o “American Conservathore Theater”, do qual Jack era uma espécie de gerente, até 1966, quando ela teve que optar entre filhos e o teatro, abandonando este último.

RETORNO AO TEATRO – Em julho de 1978, Anna Edler este no Brasil mantendo contatos com críticos teatrais, que não entendiam como um talento como o seu tinha deixado o teatro para trabalhar numa “boutique” no centro da Cidade do Aço [Pittsburgh].

Desde esta época que a consciência artística passou a falar mais alto em Ana, que, tendo encontrado o apoio dos filhos e marido, hoje produtor e diretor de filmes para TV, decidiu retornar à carreira, numa atitude que surpreenderá a muito que já tinham perdido as esperanças de vê-la novamente nos palcos.

Anna conta que, durante estes dez anos, em sua casa, nunca se falou de teatro nem que ela tinha sido atriz. Sua própria filha, 17 anos, só tomou conhecimento de seu passado, este ano, quando esteve com ela no Brasil. A revelação de seu passado foi uma grata surpresa, vez que os filhos, entusiasmados, passaram a pressiona-la no sentido de que retornasse à vida artística. João Augusto também foi outro que muito influenciou nesta decisão, pois, em julho último [1978], fez com que ela pensasse muito em assumir sua verdadeira vocação quando a criticou, dizendo que ela “tinha escolhido ser feliz dona-de-casa e abandonado o teatro”.

Interrogada sobre se gostaria de marcar o seu retorno com uma reapresentação em Salvador, Anna Edler respondeu com uma afirmativa, além de acrescentar que gostaria inclusive de representar “Hedda Gabler”, de Ibsen, pois sempre tentou trabalhar com esta peça e nunca teve oportunidade.

Durante o mês de dezembro [1978], Anna Edler começou a trabalhar em um filme industrial, e, “aos poucos, estou me ligando novamente na arte da representação, deixando continuar o que parei em 1966”. Ana encerrou dizendo ter esperanças de voltar a Salvador, em 1979, para uma temporada teatral.

CHAPLIN, O ETERNO PALHAÇO SEMPRE PRESENTE ENTRE NÓS¹⁰

Há exatamente cem anos, no dia 16 de abril de 1889, num subúrbio proletário de Londres, nascia Charles Spencer Chaplin, o maior comediante do cinema, o criador de “Carlitos”. Chaplin foi um gênio que se destacou pela simplicidade com que sempre realizou seus filmes, demonstrando ter descoberto a fórmula da comunicação objetiva e direta com o público independente de idade, sexo, credo ou nacionalidade. Foi usando a simplicidade que Chaplin já encantou a quatro gerações e deverá continuar fazendo muita gente, no futuro, chorar de tanto sorrir.

Quando Charles Chaplin morreu, com 88 anos, no dia de Natal de 1977, a Rádio Suíça dedicou-lhe um programa especial, quando foi apresentado não apenas como um artista cômico, mas principalmente como “um trágico que soube entender a humanidade e faz-la sentir as próprias fraquezas por um ângulo de profundo humor”. Chaplin morreu há 11 anos, mas a imagem de seu personagem predileto, o vagabundo Carlitos, ficou registrada para sempre. E assim, através de sua criação Chaplin continua vivo. Ele está presente em livros, camisetas, cartazes, estatuetas, brinquedos e desenhos. Seu nome se transformou num dos símbolos de nosso século. E tudo indica que ele tinha plena consciência de que isto aconteceria. Isto porque até o fim de sua vida, ele procurou acompanhar de perto a reedição de seus filmes, preocupando-se sempre com as reações do público.

Ao constatar que seus filmes continuavam fazendo sucesso, exclamou certa vez: “Vejam, continuam rindo com Carlitos! Então posso morrer tranqüilo. Com ele serei imortal”.

O universo cinematográfico de Charles Chaplin, que foi identificado como o “Molière dos tempos modernos” e como o “Shakespeare da sétima arte”, abrange cerca de 80 filmes produzidos entre 1914, quando estreou com “Carlitos Repórter”, e 1966, quando encerrou sua carreira com “A Condessa de Hong Kong”. Apesar de negá-lo (“meus filmes

¹⁰ Artigo publicado no suplemento “Lazer e Informações” do jornal A TARDE, edição do dia 16 de abril de 1989, na página 7.

não têm sentido social, meu principal objetivo é divertir”), o conteúdo de seus filmes sempre refletiu a sua preocupação com o indivíduo sufocado pela miséria, abandonado ou desprezado afetivamente.

Aliás, a pobreza de sua infância acabou se transformando na fonte de inspiração de praticamente todos os seus filmes, exercendo influência direta nos tipos que criou e no conteúdo crítico de toda a sua obra. O drama vivido durante os primeiros anos de sua vida foi tão gritante que um de seus biógrafos, o historiador Georges Sadoul, o descreveu como se fosse um produto de obra de ficção: “A infância de Chaplin parece saída de um romance de Charles Dickens”.

VIDA DIFÍCIL – Mesmo tendo escrito sua autobiografia – “A História de Minha Vida” – parte da infância de Charles Chaplin permanece ainda obscura. Apesar do esforço de inúmeros biógrafos que vasculharam sua vida, consta, por exemplo, que o registro de seu nascimento jamais foi encontrado. Entretanto concordam que ele teria nascido às 20 horas do dia 16 de abril de 1889, no bairro pobre de East-Lane-Walworth, Londres. Filho de Charles, um barítono alcoólatra, e de Hanna, uma atriz de “music-hall”.

Chaplin teve uma infância miserável agravada pelo fato de seu pai tê-los abandonados, morrido muito cedo (aos 37 anos) e pela doença de sua mãe, que vivia sendo internada devido às violentas crises nervosas, resultado do esforço que fazia para sustentar os filhos: Charles e Sidney. Hanna sustentava a família cantando, mas um dia, quando Charles tinha apenas 5 anos, sua voz acabou e seu filho a substituiu improvisadamente. Apesar de se apresentar diante de uma platéia hostil, ele demonstrou tanta graça e desenvoltura que acabou entusiasticamente aplaudido. Acompanhado de alguns músicos, Chaplin iniciou sua participação com uma canção que estava em moda na época; “Jack Jones”.

Ele também dançou e fez algumas imitações conquistando a platéia formada basicamente por soldados. Sobre esta estréia artística, em sua autobiografia, o próprio Chaplin escreveu: “Com toda a minha inocência, eu imitei a voz de mamãe. Fiquei surpreso com o efeito que isso causou na platéia. Risadas e aclamações, nova chuva de moedas. Quando mamãe reapareceu no palco para levar-me, sua presença desencadeou tremendos aplausos. Essa noite marcou a minha aparição em cena e a última de mamãe”.

Aos 7 anos ele entrou para um grupo de meninos cantores, conhecido como “Os oito Mocinhos de Lancashire”, onde dançava e cantava. Mais tarde passou a fazer “pontas” num circo, trabalhando como palhaço, cantor e malabarista. Começou também a aprender acrobacias, mas devido a uma queda, desistiu das tentativas. Aos 16 anos, Chaplin já tinha tentado de tudo fora do palco para sobreviver: jornalista, tipógrafo, fabricante de brinquedos, recepcionista de laboratório médico, garoto de recados e entregador de compras. Aos 17 anos ingressou na Companhia de Fred Karno, conhecido então como “o rei do music-hall” de Londres, da qual Sidney, seu irmão, filho do primeiro casamento de Hanna, era o ator principal. Foi, portanto, com esta idade que Charles Chaplin tornou-se um astro de Vaudeville, caracterizando-se por apresentar cenas cantadas e situações imprevistas.

A Companhia de Fred Karno destacava-se pelo repertório de comédia, nas quais os principais ingredientes artísticos eram correrias e pastelão, além de muita acrobacia e truques. Foi neste grupo que Chaplin aprendeu e desenvolveu uma rica experiência no campo da pantomima, que viria assegurar-lhe pouco tempo depois um verdadeiro sucesso. O seu talento de comediante cresceu a ponto de chamar a atenção de Mack Sennett, diretor da “Keystone Film Comedy”, durante uma excursão, que a Companhia de Karno realizou pelos Estados Unidos. Chaplin estava com 21 anos.

O SUCESSO COM CARLITOS – A figura de Charles Chaplin apareceu nos cinemas do mundo pela primeira vez no dia 2 de fevereiro de 1914, fazendo uma “ponta” numa comédia de Mack Sennett, o principal diretor da “Keystone Film Comedy”. Isto aconteceu no filme intitulado “Making a Living” (Carlitos Repórter), dirigido por Henry Lehrman, quando surgiu o personagem Charlie (no Brasil, simplesmente, Carlitos): um pequeno palhaço, com andar de pato e olhos melancólicos, que conquistou o mundo, armado apenas com uma bengala, um chapéu-coco e um sorriso irreverente. “Carlitos Repórter” foi o primeiro dos 35 filmes curtos que Chaplin interpretou nos estúdios da Keystone, durante o ano de 1914. Com este filme nasceu o artista que Picasso, Bernard Shaw, Apollinaire, Aragon, Max Jacob, entre outros considerariam como o “gênio do século”. Para o crítico brasileiro Otávio Faria, um dos maiores conhecedores deste gênio, “antes de Chaplin o cinema navegava em águas turvas. Foi ele quem conseguiu dar arte a arte do cinema”.

Caracterizado como Carlitos, Charles Chaplin interpretou cinco filmes sob a orientação de outros diretores da Keystone antes de dirigir seu primeiro filme: “Apanhado na Chuva”. A esta altura Chaplin já era um sucesso indiscutível de público e ganhava 200 dólares por semana. Terminado seu contrato com a Keystone, em 1915, Chaplin mudou-se para outra companhia, a “Essanay”, onde dirigiu 13 filmes. Em 1916 ele já estava rico e famoso, quando assinou contrato com outra companhia, a “Mutual Film”, por 670 dólares. Sobre esta fase, Chaplin fez o seguinte registro em sua autobiografia:

“A meu ver, este foi o período mais feliz de minha carreira. Com apenas 27 anos eu me sentia leve e desembaraçado. Com fabulosas perspectivas e um mundo maravilhoso diante de mim. Dentro de pouco tempo seria milionário – e tudo isso me parecia um pouco maluco”.

Na “Mutual”, ele realizou, entre 1916 e 1917, 12 filmes curtos, transferindo-se então para a “First National”, onde produziu e interpretou nove filmes, entre os quais estavam os três que o consagraria definitivamente: “Vida de cachorro” (1918), “O Garoto” (1920) e “O Peregrino” (1923). “O Garoto” foi o primeiro longa-metragem de Chaplin que trabalhou durante todo um ano em sua produção, inovando com a mesclagem em uma comédia de elementos dramáticos. Este foi, talvez, o filme de Chaplin que obteve maior popularidade.

A partir de 1920, Charles Chaplin passou a ser uma das mais celebradas personalidades do mundo cinematográfico, desempenhando múltiplas tarefas: ele foi autor, diretor, escritor, produtor e músico. Com a criação de Carlitos ele impôs um estilo próprio, valorizando a mímica e a expressão corporal. Sobre o assunto, em muitas de suas entrevistas, Chaplin afirmou: “A melhor linguagem é a do corpo e a do coração, principalmente no cinema”. Disse ainda que “os melhores filmes são feitos com pedaços da vida, simplesmente”.

Seu sucesso e influência na indústria cinematográfica podem ser constatados em todos os setores, inclusive no empresarial: em 1923, juntamente com Mary Pickford e

Douglas Fairbanks, Chaplin fundou a “United Artists”, onde dirigiu e interpretou filmes como “Casamento ou Luxo!” (1923), “Em Busca do Ouro” (1925) e “O Circo” (1928).

No ano de 1928 o mundo cinematográfico foi marcado pela produção do primeiro filme sonoro: “O Cantor de Jazz”. Chaplin estava rodando “Luzes da Cidadã” e ficou apreensivo com o possível desaparecimento do cinema mudo. Naquele ano teria declarado que “o cinema é uma arte pictórica. Jamais usarei a palavra em meus filmes, ela destruiria a ilusão que eu quero criar, a de um personagem que não é uma realidade, mas uma idéia humorística, uma abstração cômica”.

E apesar do sucesso do filme sonoro, em 1936 ele ainda fazia sucesso lotando as casas de espetáculo com um filme silencioso: “Tempos Modernos”. Este filme desencadeou uma série de pressões contra ele, pois a imprensa e a crítica especializada o tinham classificado como um “filme comunista” devido às críticas que fez à sociedade de produção de massa, do automóvel, do telefone e do eletrodoméstico. Com “O Grande Ditador” (1940) o personagem Carlitos foi aposentado definitivamente. Neste filme Chaplin assumiu sua origem judaica (Segundo Theodore Huff, o nome Chaplin não seria mais do que a arianização do nome judeu Kaplan), ao viver com ousadia, uma caricatura de Hitler. A partir daí ele entrou definitivamente para a lista negra da Comissão de Atividades Antiamericanas. “O Grande Ditador” foi sua primeira produção falada, uma vez que “Luzes da Cidade” tivera apenas fundo musical.

LISTA NEGRA – Charles Chaplin passou a chamar a atenção dos anticomunistas americanos a partir de 1919, quando ajudou a fundar “o Libertador”, uma publicação esquerdista de seu amigo Max Eastman. Consta que o FBI, ao invadir uma convenção do Partido Comunista, em Michigan, em 1922, teria encontrado nos arquivos documentos que ligavam Chaplin a socialistas. Chaplin passou a ser vigiado implacavelmente desde então. Com a segunda grande guerra, sua situação piorou, porque ele passou a participar da campanha contra o regime nazista, fazendo discursos e participando de comícios, numa época em que os Estados Unidos ainda mantinham boas relações com Alemanha e defendiam uma política de isolacionismo.

A gota d’água foi a sua participação numa cerimônia de “solidariedade aos soviéticos”, no Carnegie Hall de Nova York, em outubro de 1942. Em 1944, em

memorando interno do FBI, a expulsão de Chaplin dos Estados Unidos foi recomendada pela primeira vez. Em seguida ele foi convocado a depor e quando quiseram saber porque ele nunca tinha se naturalizado americano, ele respondeu simplesmente: “Porque sou um cidadão do mundo”. Sua resposta funcionou como um rompimento com a opinião pública.

Apesar de vigiado e de sofrer uma verdadeira campanha através da imprensa, ele continuou fazendo sucesso e produzindo filmes. Em 1947 concluiu a filmagem de “Monsieur Verdoux”, onde crítica os grandes negócios da bolsa e as crises monetárias, o que lhe valeu, mais uma vez, a acusação de ser simpático aos comunistas. Em 1952, Chaplin começou a preparar “Luzes da Ribalta”, uma reflexão sobre a velhice, a juventude, o teatro e a vida. Neste mesmo ano decidiu fazer uma nova viagem à Europa, acompanhado de Oona (sua terceira mulher) e dos filhos do casal. Quando estava a bordo do transatlântico foi informado de que seu visto de permanência nos Estados Unidos tinha sido suspenso e se desejasse retornar teria que responder a uma série de acusações que pesavam contra ele referentes a questões políticas e morais. Fixou, então, residência na Suíça, no vilarejo de Corsier, pouco acima de Vevey.

Na Europa, ele concluiu “Luzes da Ribalta”, baseado em suas experiências de “music-hall”. Depois deste filme Chaplin produziu mais dois: “Um Rei em Nova York” (1957), uma violenta sátira aos Estados Unidos, e “A Condessa de Hong Kong” (1966). Depois deste filme ele se recolheu à vida familiar e só esteve nos Estados Unidos em abril de 1972 para receber um “Oscar” especial que lhe foi concedido pela Academia de Artes Cinematográficas de Hollywood, pelo conjunto de sua obra e contribuição ao desenvolvimento do cinema. Quando Chaplin esteve nos Estados Unidos para receber o “Oscar”, o jornal *New York Times* publicou um editorial intitulado “Ainda bem que ele veio”. E no texto destacou o seguinte trecho: “Se uma nação pudesse enrubescer coletivamente, e, além disso, amargar para sempre um sentimento de culpa, esta nação seria a nossa”.

Ao agradecer o “Oscar” Chaplin disse: “As palavras são tão frágeis, tão fúteis! Só posso dizer que agradeço a todos a honra de me convidarem”.

Em 1975 ele foi elevado ao grau de “Cavaleiro do Império Britânico”, tendo recebido o título já numa cadeira de rodas. Após a solenidade, demonstrando alegria afirmou aos jornalistas presentes: “Fui e sempre serei um palhaço”.

CHAPLIN IMORTAL – Na noite de Natal de 1977 Charles Spencer Chaplin morreu enquanto dormia em sua mansão de “Manoir de Ban”, junto ao lago de Genebra, na presença de sua mulher, de oito de seus 10 filhos e sete netos. Na verdade, como ele mesmo previu, ele não morreu, ele continua vivo, imortalizado através de seu personagem, Carlitos e das lições sobre a arte cinematográfica que legou ao mundo. Como disse Federico Fellini: “Chaplin é um mito. Uma espécie de Adão de quem todos descendemos”.

SEGUNDA PARTE

Orelhas e Prefácios

JUSTA HOMENAGEM¹¹

Reunindo 14 poetas numa antologia pelo cinquentenário de vida de Edivaldo Machado Boaventura, educador, a CONTEMP presta, posso afirmar, a mais bela, rica e justa homenagem que um escritor pode receber.

Em poema, defini, tempos atrás, que “o poeta é o vigia do tempo”, e, exatamente por isso, registra o seu tempo, escrevendo a história com a força da percepção e com uma visão cósmica do momento. Walmir Ayla completa este quadro ao afirmar que “o poeta é o homem que fala por todos os homens”. Daí, nada melhor para homenagear um membro da Academia de Letras da Bahia, mestre e doutor em Educação, do que uma antologia repleta de poetas que vivem a sua fé, o seu tempo e cuja poesia se constitui na expressão do sentimento lídimo que emerge das entranhas e transmite emoção legítima e pura.

Este livro é acima de tudo sincero, autêntico e uma homenagem viva e cheia de ideal para quem tanto tem se dedicado a construir o futuro. Digo construir o futuro porque o trabalho de um educador se evidencia a longo prazo, é um exercício de paciência, semelhante, apenas, ao do lapidador de pedras preciosas ou à tarefa dois poetas que lapidam os sentimentos, criando formas e dando vida às palavras que passam a resplandecer de acordo com as cores selecionadas.

Como semeador de idéias, Edivaldo Boaventura merece esta homenagem poética. O ecletismo de conteúdo desta antologia comunga plenamente com o espírito idealizador do homenageado, que tem procurado realizar o seu trabalho dentro de um clima de harmonia apesar da heterogeneidade de pensamentos existentes na área educacional, que é um setor de fundamental importância para assegurar a continuidade de desenvolvimento da Bahia em particular e do Brasil como um todo.

Junto-me, portanto, aos poetas Luis Ademir Souza, Geraldo Coni Caldas, Claudia Machado, Germano Machado, Humberto Guedes, Rosa Maria Marinho, José Carlos Pereira Neto, Dina Marinho, Gilberto Gerdal y Gerdal, Paulo Coêlho, Gilza Borges, Aurivaldina de Carvalho Padilha Gleyser, Conceição Coni e José Mário Peixoto Costa Pinto, nesta

¹¹ Livro publicado em Salvador, pela CONTEMP no ano de 1994.

homenagem realçada pelas mensagens de vida, esperança e de liberdade contidas em cada verso desta antologia dedicada a Edivaldo Machado Boaventura.

PRODUÇÃO EXPRESSIVA¹²

A sabedoria popular chinesa diz que quem persiste em suas loucuras, um dia será considerado como um gênio delas. Há exatamente 20 anos, Luiz Ademir Souza vem perseguindo o sonho de produzir livros na Bahia, mesmo que fruto de um sistema cooperativo no qual um ou vários autores financiem suas próprias obras. Num Estado como o nosso, onde o número de editoras não supre a demanda, este é um caminho alternativo para aqueles que desejam expor ao público sua produção intelectual. Não é demérito um autor pagar pela publicação de seu primeiro livro. Muitas vezes este é o caminho que poderá lhe abrir as portas junto ao mercado editorial. Para aqueles que condenam tal iniciativa, vale lembrar, a título de exemplo, que o poeta-maior Manuel Bandeira publicou seu primeiro livro a partir de contribuições financeiras de amigos.

Ao longo de 20 anos, o Movimento Cultural Contemp, segundo os últimos levantamentos, foi responsável pelo lançamento de 2.070 títulos, revelando 3.100 autores muitos dos quais continuam produzindo, tendo alguns se destacado e encontrado, inclusive, guarida em editoras de outros Estados. Nas obras coordenadas e produzidas em regime cooperativo pela Contemp há uma predominância de livros de poesias (43%), muitos dos quais sob a forma de antologias. Estes dados são expressivos para que se possa avaliar a abrangência de um movimento como este.

¹² Texto publicado na orelha do livro edição especial dos 20 anos do Movimento CONTEMP, Salvador, 30 de junho de 1994.

PORTAIS POÉTICOS¹³

Um dia divide-se em quatro partes: manhã, tarde, noite e madrugada. Um dia poético não se mede, é tridimensional, atemporal e virtual. Uma *Manhã de Enfeite*, o mágico título deste livro de Antonio Massa, não é apenas uma manhã poética, é uma vida que se descortina, ora do parapeito da janela do tempo, ora através das múltiplas e encantadas portas que o poeta vai abrindo com suas inúmeras chaves.

Abrindo seus portais do tempo, o poeta permite aos leitores ter não apenas uma completa interação com a sua mensagem transmitida, como também nos autoriza a realizar viagens no tempo, nas entre linhas ou entre versos, principalmente quando as memórias de Antonio se transformam em massa – como seu nome – concretizando, as lembranças até então virtuais e intimistas de seu tempo vivido, em mensagens fortes, compartilhadas em versos livres extremamente aconchegantes.

As imagens são tão ricas que o tempo do poeta se reflete, resplandece e se multiplica em luz, terra, rio e raiz. Com este trabalho de criação, Antonio Massa comparece mais uma vez diante de seu público leitor, expondo a maturidade atingida, transformada em versos escritos com as mãos puras da criança que sabe como tocar a alma dos homens, que vivem em busca de novas descobertas do inatingível quando as respostas podem estar dentro de cada um ou na natureza:

a chuva canta e eu nunca havia notado.

Antonio Massa está completo no domínio da palavra e da lavra poética. Nada precisamos dizer frente à beleza de versos semelhantes a estes e outros mais:

**Plantei lagartas na véspera do plenilúnio
de março**

¹³ Escrito e publicado como orelha do livro *Manhã de Enfeites*, de Antonio Massa, publicado pela Editoração CEPA, em 2003.

**e com as mãos ainda sujas de terra
colhi borboletas”.**

Poeta! Que as borboletas de sua colheita levem suas mensagens mundo afora.

Salvador, outono de 2001.

FOCUS POÉTICO¹⁴

O terceiro milênio está se constituindo como uma época em que as oportunidades são múltiplas, mas com valores incertos. Uma época em que se busca o reencontro do homem com o meio ambiente, destacando-se a responsabilidade social e a ética como elementos básicos para que possamos cumprir os objetivos do milênio, atingindo também o nosso pleno desenvolvimento material, intelectual e cultural.

Baudelaire disse que a “poesia é a distância reencontrada” e a esta definição acrescento que a poesia é a soma de todas as fases da vida, com suas descobertas, vivências e valores, pois o poeta é o artista capaz de captar a poesia presente em cada momento, em cada gesto, nos elementos da natureza, nos relacionamentos, na beleza, na tristeza e na felicidade que nos envolve no dia-a-dia.

Em suma, o poema é o instrumento de que o poeta se utiliza no seu papel de conquista da realidade. E isto é exatamente o que fazem os poetas reunidos neste livro organizado pelo jovem poeta Ivan de Almeida. Eles transmitem as mensagens e com seus versos conseguem promover sonhos, transmitir verdades de épocas, valores e vivências. Esta antologia reúne gerações diferentes, mas a temática poética contida neste volume é universal. A liberdade, o amor, a natureza, as lembranças, os sonhos e o cotidiano, entre outros, são os temas favoritos. Como disse João Cabral, a poesia é “o laboratório da linguagem” e os poetas aqui reunidos são os cientistas de toques refinados que nas experiências laboratoriais procuram captar e registrar a realidade atual com a ótica de quem sente e presente. Eles constroem poemas com uma magia especial, transmitindo com palavras, suas respectivas sensações e desejos. Vejam exemplos:

“Velejar pelo aquém e pelo além da obriedade” (Amélia Carvalho); “poeta, acorda desses sonhos impossíveis. Vem viver” (Ana Moreira); “Não posso falar agora se me cala o medo” (Ana Maria de Souza); “só os que amam conseguem ciumar” (Araíldes Valois Costa); “Estar em um lugar de senso comum”(Carla Sabiá); “Quando me envolve em doce neblina vejo teu céu respirar marfim”(Edgar Velame); “O que vale é somente o que se

¹⁴ Texto escrito para a orelha da antologia poética intitulada *FOCUS*, organizada pelo poeta e jornalista Ivan de Almeida, lançada em Salvador em 2005.

baseia no espírito” (Germano Machado); “Assovia o vento mendigando, cantando,cantando em surdina (Herick Rios); “Sentimos o toque do Olimpo ... nos sons, nas cores, nos ritmos de nosso universo mágico”(Ivan de Almeida); “O que meus olhos anseiam é contigo imergir por onde as nuvens passeiam, no espaço azul, a sorri” (Leda Jesuíno); “Voei como os pássaros, dancei com as ninfas modernas, amei como as noivas antigas” (Lolitta Walter); “A lua banhava-me com brilho, prateando minha luz” (Lucrécia Rocha); “Nas horas oscilantes de trevas e felicidade necessito de um tato na alma, um vento que parta minhas veias e volumes” (Nana Moreira); “O silêncio é o companheiro dos meus dias...”(Regina Helena); Nada perece, tudo permanece, meus pensamentos continuam lá fora, na vaga da chuva”(Rogério Tanajura); “Seus beijos têm o gosto do mais puro vinho:porto fino”(Walter Altino).

Salvador, Dia de Todos os Santos de 2005.

UMA POETISA MADURA¹⁵

Nas palavras de Paul Valéry, “a função do poeta não é sentir o estado poético, isso é um assunto particular. Sua função é a de criá-lo nos outros. Reconhece-se o poeta – ou, pelo menos, cada um reconhece o seu – ao simples fato de que ele transforma o leitor em inspirado”.

E em *CRONO*, Ana Maria Sales de Souza deixa suas impressões digitais, de corpo e alma, revelando-se num desabrochar natural como poetisa madura e reflexiva. Seus versos filtram aromas, luzes, cores e valores do seu universo, transmitindo ao leitor sentimentos e questionamentos, além de revelar as suas próprias verdades e as verdades do mundo como ela percebe.

Ana Maria Sales de Souza consegue captar a realidade com a ótica poética de quem sente “o verso profundamente, como quem chora de emoção”. Seus versos curtos e vigorosos são carregados de rara beleza e encanto. Até a tristeza que diz sentir se apresenta colorida, envolta em recordações cheias de imagens privilegiadas, pois sua poesia vem de dentro com a força de quem quer semear o mundo, num ato de doação:

**“Pulsa dentro aqui
o verso
e, se não o verto,
a poesia enclausurada
lira condenada,
triste, embrionada
morre semente
que não vingou”.**

CRONO é uma fonte de poesia renovada, pois Ana Maria é uma alquimista das palavras, transformando o ouro do sol na prata do luar. Ela consegue ouvir o murmurar silencioso da

¹⁵ Texto escrito e publicado como prefácio do livro *CRONO* de Ana Maria Sales de Souza.

noite, olhar-se por dentro, sentir o aroma de manacás e radiografar o passado vivido e sentido livre de sentimentalismo. Ela mergulha em si mesma, questionando a vida, com sublime doçura e ironia sem deixar de cantar a natureza com rara habilidade:

**“A pitangueira florida,
toda de branco vestida
parece o véu de uma virgem
preparada pra casar.
Tem pitangas vermelhinhas
como beijos de menina.”**

Ana Maria mantém o seu “coração aberto para ocupar com sonhos que foram extraviados”, pois

**“sei que não sou
o que desejo ser,
mas às vezes
penso que posso
ser como queria”**

por isso revela que :

**“Já fiz versos
de adolescente,
com todos os lugares-comuns.
.....
Hoje eu versifico
e, me diversifico,
ao sabor da vida.”**

Em síntese, neste conjunto de poemas, Ana Maria Sales de Souza desnuda-se como poeta que não precisa de apresentações. Aliás, a poesia é uma arte que comunica diretamente e o leitor gosta ou não gosta. No meu caso, li e reli **CRONO** num processo de descoberta. Trata-se de um livro que merece ser lido.

Saúdo, pois, a poetisa Ana Maria e espero que todo aquele que a leia venha a descobrir um pouquinho de sua lira sublime, sua alma clara e sua arte de recriar a vida semeando o mundo com poesia.

A POESIA DE KLEYDE RAMOS¹⁶

Em seu sentido mais apurado, a poesia é a expressão de vivência interior que aflora, sob a forma de versos, para transmitir emoções, desejos, sentimentos e sensações; para registrar um momento ou para recriar a nossa própria vida.

E é exatamente isto que Kleyde Ramos consegue fazer neste livro intitulado *AMAR-TE*. O título escolhido para esta coletânea de poemas é a síntese de seu conteúdo. Ela canta o amor, o amado, a angústia, a esperança, o sonho e, às vezes, até o desencanto também presente em todas as relações românticas:

**“Você foi a poesia deste ano.
Foi meu amar, meu dar, meu desfrutar.
Podia até dizer sem muito engano:
Você foi o verdadeiro despertar.”**

Kleyde Ramos explora verticalmente o amor como temática em seu livro, apresentando uma poesia lírico-romântica. Através de uma construção poética simples e espontânea, a autora consegue transfigurar, de forma criativa, a própria vivência, porque:

**“O poeta quando escreve
Diz aquilo que sente
E aí, ele não mente
Sendo extenso ou mesmo breve.”**

Isentos de hermetismos, todos os poemas deste livro conseguem transmitir o pensamento da poetisa, numa verdadeira reflexão interior sobre o amor. Como ela mesma explica:

¹⁶ Prefácio escrito em fevereiro de 1989 para o livro *Amar-te*, de Kleyde Ramos.

**“Estes versos
São dedicados ao amor,
Esta emoção que foi
Tão freqüente outrora.
E que, mesmo sendo
Tão rara, agora,
Ainda merece espaço.”**

Como disse um dia o saudoso professor e amigo Raul Sá, “o verdadeiro poeta é aquele que diz, com simplicidade, o que todos sentem, mas poucos têm capacidade de transmitir”.

Saudemos, pois o livro de Kleyde Ramos, pois ela consegue comunicar, com clareza e simplicidade, o que sente, captado da própria vivência.

Salvador, fevereiro de 1989.

UPONGO, UM PRANTO POÉTICO¹⁷

Daniel Fernando Setila, nascido em 9 de novembro de 1966 na cidade de Huambo (antiga Nova Lisboa), no centro de Angola, é poeta nato. Dono de uma poesia forte, marcada pelas cicatrizes deixadas em seu corpo, sua alma e em seu coração devido à experiência de sua luta em busca da realização dos sonhos e do mundo de esperança que idealizou construir.

A escolha da palavra UPONGO – que em Umbundo, língua falada na região centro sul de Angola, quer dizer Pranto, nos revela desde já um poeta que sabe cantar não apenas o belo, o sonoro ou o verde, mas também a dor que verdadeiramente sente. Não é à toa que se define como “o pé descalço dos esfarrapados de minha terra”. A sua sensibilidade está presente em seus versos e é ela que confere à sua poesia uma originalidade de conteúdo sensível, rico e depurado. Nos poemas reunidos em UPONGO, Daniel Setila expõe sua alma, compartilhando suas lembranças e sentimentos com o público leitor. É lamentável sabermos que outros originais de sua autoria tenham se perdido durante a guerra civil em sua terra natal.

Para que o leitor entenda e possa se situar melhor em relação aos sentimentos e fonte de criação poética, é importante conhecer um pouco da história deste poeta angolano, deste poeta da língua portuguesa. Filho de um médico e de uma enfermeira, Daniel iniciou sua vida profissional como jornalista na cidade de Benguela, aos 17 anos, trabalhando numa emissora de rádio local. Estava estudando jornalismo em Luanda, quando, em 1984, teve de abandonar a escola para cumprir o serviço militar obrigatório. Foi piloto de helicópteros, durante a guerra civil angolana, até sofrer um acidente que o tirou dos céus e o colocou novamente no ar, desta feita através da Rádio Nacional de Angola, onde foi nomeado chefe de redação e correspondente de guerra. Em 1989, por indicação do Departamento da Esfera Ideológica do Comitê Central do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola, viajou para Cuba, onde estudou comunicação na Universidade de Havana.

¹⁷ Conheci o poeta angolano Daniel Fernando Setila em uma viagem que fiz a Cuba em companhia do jornalista Valter Xéu em 1998. Seus poemas me foram passados juntamente com a solicitação para que escrevesse uma apresentação para um livro que seria publicado com o título de *UPONGO*. Fiz o texto, mas o poeta morreu e, pelo que sei, o livro jamais foi publicado.

A cidade de Havana, com seus contrastes, mistérios e riqueza cultural, atraiu Ernest Hemingway e outros escritores. Todos se deixaram seduzir pelo clima paradisíaco da maior ilha das Antilhas, embalados pelo som da salsa e dos boleros acompanhados do sabor forte do rum, também cativou Daniel, que lá permaneceu por um tempo. Em Havana, casou-se e teve uma filha. Ele viveu ao lado de sua mulher, um amor cubano, e continuou exercendo a profissão de jornalista, trabalhando na Rádio Havana de Cuba, até separar-se, retornando para a Angola. Sua vida e experiência marcam direta e indiretamente sua criação poética:

**“Os angolanos são diferentes.
Compram armas
e matam angolanos, como eu.
Falam inglês, francês, chinês,
português português e português brasileiro.
Suas mulheres se perfumam em Paris
e compram sapatos italianos,
a carne da Argentina e o arroz da China,
as balas de Washington e os tanques em Moscou.”**

Segundo o crítico francês Léon-Gabriel Gnes, o poeta “vive de duas exigências contraditórias: a fidelidade aos dados da inspiração, às sensações elementares e ao rigor intelectual que se manifesta no próprio objeto verbal”. Partindo desta constatação, poderíamos acrescentar que, exatamente por isto, a poesia não pode ser vista apenas como um fenômeno artístico. Ela é também um evento histórico, pois o poeta registra a sua época, o seu mundo real e o seu mundo ideal, preservando assim a memória de um momento de vida, com suas cores, cheiro, dores, ódio e amores.

**“Abro a janela do paraíso
e vejo as canções graves como elas.
Somente a morte vagueia na melodia,
Melodia triste e célebre,
Como o assobio dos canhões”.**

A poesia de Daniel Setila revela um poeta atual, que registra a consciência humana e suas agonias. Imagens e metáforas se entrelaçam através de cada poema, evidenciando reflexões e constatações de um tempo com todas as suas implicações sociais, psicológicas e filosóficas. Daniel não foge da tendência que marcou a poesia do final do século XX, criando uma poesia livre, que canta e encanta. O poeta Daniel se deixa perceber pela sensibilidade à flor da pele, pois consegue ver com as mãos, sem ser cego, sentir a maciez da tez com um olhar e sentir o gosto do cheiro e transmitir aos leitores seus sentimentos, percepções e visão de mundo:

**“Apalpei o teu suspiro,
como água de kalandula,
e vejo ainda a tua pureza nos meus dedos.”**

Ou como mais adiante acrescenta cantando:

**“Ainda assim
continuo apalpando aqui e ali
a cor dos meus olhos silêncio
clamando, chamando a música da alvorada.”**

Daniel modela as palavras de maneira vigorosa, produzindo uma poesia sem sentimentalismo, mas plena de lembranças marcantes e cheias de crítica social e política:

**“O meu castigo
é o desterro das minhas idéias,
o desamparo das vozes famintas,
o som do desabafo das desilusões.”**

Do cenário da guerra angolana, na qual o poeta foi protagonista (ator e vítima), afloram poemas que recordam um momento de vida, com extrema nitidez e plasticidade. A plasticidade e ritmo de seus versos revelam suas experiências de vida, enquanto sua percepção sensorial transmite as vicissitudes, a esperança, o amor, o ódio, a dor e a guerra:

“O meu grito é mudo e surdo

A minha palavra, o silêncio.

O silêncio dos meus anseios”

.....

“Apenas sinto e consinto o que não consinto.

**Por isso estou lhe escrevendo lágrimas do passado,
com temperos do presente”.**

Como todo poeta, Daniel se exprime dentro de uma multiplicidade de sentimentos, demonstrando amplitude universalista, até mesmo quando transmite a vivência regional de uma situação localizada em Angola. Sua poesia apresenta um lirismo forte, uma lucidez melancólica e um engajamento político - ideológico sem ser contraditório ou radical.

UPONGO evidencia um autor de extrema sensibilidade, conhecedor dos segredos das palavras, e que demonstra pleno domínio sobre como se expressar e se utilizar de todos os recursos poéticos. Sua poesia agrada pela musicalidade, pela simplicidade, firmeza e beleza.

A rima, na poesia de Daniel, não é constante, banal ou rotineira. Quando aparece em seus versos, ela é incisiva e contundente:

“Se meu destino de rosa fosse

eu seria um mar de flores.

Se meu sorriso de pura fonte fosse,

seria um mundo de amores.”

Na verdade, cada um de seus poemas se constitui na projeção de uma idéia transformada em palavras através da emoção. Mas a emoção não se constitui no fundamental de sua criação, ela é simplesmente o meio que ele encontrou para transformar sua idéia, visão de seu mundo real, de seu mundo ideal, em palavras que pudessem ser sentidas, entendidas por todos. A emoção é o veículo de transmissão de sua mensagem para que ela seja percebida de forma universal. Isto porque ele demonstra ter a consciência de que a literatura não é um fenômeno exclusivamente artístico e que o poeta tem também a função de preservar a memória de sua comunidade, da sua terra. Falando da terra, ele fala do homem, dos seus valores e de sua visão de mundo. Assim é este poeta, cantor de Benguela, que diz ter alma do Bié e língua de Luanda.

Salve o poeta Daniel Fernando Setila .

Salvador, Bahia, Brasil, março de 1998.

UM MAXADO ENAMORADO¹⁸

Este livro, *Poemas Para Enamorados*, de Franklin Maxado, constitui-se, a meu ver, numa porção mágica de poesia, onde a sensibilidade poética do autor se apresenta cheia de imagens visuais e auditivas. Profundamente tocado pelos acontecimentos, revela-se um poeta consciente de viver seu tempo, interiorizando-o na sua poesia, de linguagem própria, onde as recordações de suas próprias experiências contribuem para a modelagem das palavras com que ele cria e dá vida aos seus poemas, verdadeiras pinturas ou esculturas.

Este livro demonstra também como seu produto interior, sua obra poética, tem crescido desde os primeiros livros *Álbum de Feira de Santana* e *Protesto à Desumanidade*, de cunho modernista e sob forte influência drumoniana, publicados num tempo de inquietudes devido ao regime de exceção imposto pela ditadura militar, e de sonhos, da geração paz e amor, difundidos em todo o mundo pelos hippies.

Certa feita, Banville escreveu que a poesia é “uma espécie de magia capaz de provocar sensações apenas com os sons combinados, encantamento graças ao qual as idéias nos são comunicadas...”. Por sua vez, W. Humboldt teorizou afirmando que “a palavra não transmite uma idéia precisa e definida, mas unicamente uma sugestão visual ou auditiva, que coloca quem a recebe em tal ou qual estado de espírito”.

A poesia de Franklin Maxado – posso dizer – é a síntese do que Banville e Humboldt afirmaram, pois consegue provocar sensações nos seus leitores, despertando a força interior de cada um, levando-os a um estado de espírito no qual podem realizar novas associações e descobrir o quanto a emoção lírica do poeta nos ajuda também a recriar, a partir do seu cantar. Os versos e sonhos líricos do autor exaltam o amor e todas as situações que envolvem a prática e a vivência do mesmo, que é a mola propulsora da humanidade. Sem a existência dos sentimentos, da paixão e do amor a vida não teria sentido e nós não existiríamos.

Sim, Maxado é um poeta que desempenha o papel de anunciador, cuja grandeza está no saber recriar poeticamente sua memória de vida. Sem falsos artifícios ele canta o amor,

¹⁸ Texto escrito, em 1999, para ser o prefácio do livro *Poemas Para Enamorados*, de autoria do acadêmico, jornalista e poeta Franklin Maxado, ainda inédito.

esbanjando uma emoção lírica forte e rica, deixando transparecer todo e qualquer sentimento através de sua simples fruição poética, que não se constitui num “mistério”, pois o ato de praticar a poesia é uma necessidade tão natural como é o ato de respirar. Sua poesia não pode ser rotulada. Ela reflete todas as tendências e contradições da poesia brasileira, principalmente aquela vertente que procura desvendar os segredos do amor dentro do contexto real de cada um, muitas vezes comprometido pelo modismo ou pelo ambiente no qual está inserido.

Como escreveu Raymond Radiguest: “l’amour est comme la poésie, en qui tons les amants, même les plus médiocres, s’imaginent qu’ils innovent.”

No poema intitulado “Deusa Nupcial”, Maxado apresenta-nos versos conclusivos:

**“Eu e tu nos amamos tanto,
tanto que este amor
e estas três frases,
por não rimarem,
não devem conter poesia”.**

A região do semi-árido, onde tanto viveu, está presente em sua poética com toda a sua simbologia:

**“Menina!
Fulô de mandacaru
de olhos de folha verde.
Cheirinho de umburana
que me deixou jururu.”**

Utilizando-se das palavras com a maestria de um jogador o poeta cria brincando:

**“Eu prefiro ser simples semente
que a chuva enterra no chão
para depois, passado o aguaceiro,**

explodir com vida”.

A ironia, a memória da experiência das várias fases da vida são ferramentas do poeta e estão presentes em seus versos:

**“perto de onde eu morava,
tinha um terreno deserto
onde de balde procurei companhia
para chocar os meus sentimentos.**

**Assim, homem solitário,
ali construí um cemitério
de muitas partes de mim
e de meus filhos gorados
e não gerados”.**

Enfim, Franklin Maxado, jornalista, poeta, escritor, diretor do Museu Casa do Sertão da UEFS e atual presidente da Academia Feirense de Letras, não precisa de apresentação. Sua sensibilidade poética, como bom cordelista que é, está expressa nos quase 200 folhetos de cordel publicados e nos livros de poesias já editados. Seu trabalho profissional, sua ideologia e o exercício de sua cidadania atestam o homem que é e registram sua contribuição à sociedade desde os anos sessenta, quando se revelou poeta. No início da década de 70, Maxado deixou sua Feira de Santana para trabalhar em São Paulo. Sua despedida foi marcada por um espetáculo musico-teatral, “Terra de Lucas”, inspirado no folclore e na vida de Lucas da Feira.

Em São Paulo, além de exercer o jornalismo na *Folha de S. Paulo* e em *O Pasquim*, Maxado adotou temas sulistas em sua literatura de cordel, atraindo novos leitores, ao cantar as greves dos operários do ABC e as lutas e caminhadas pela Abertura Democrática. Ao retornar para a Bahia, em 1985, foi trabalhar na TV Educativa e logo em seguida publicou o livro “Profissão de Poeta”, no qual resgata sua poesia modernista. Mas, seu destino está ligado, entretanto, a Feira de Santana, para onde retornou. Na cidade Princesa do Sertão ele

vive e exerce o seu fazer poético, dentro de uma linha de vanguarda, sem nunca ter desprezado o cordel. Além deste “Poemas Para Enamorados”, Franklin Maxado, que não pára de produzir e sabe como ninguém dar o seu recado, tem também um outro já no prelo: “Palavras À –toa”.

Que sejam bem vindos os seus novos livros de poemas, possibilitando-nos uma leitura apurada para a identificação de todas as intenções, quase indevassáveis do poeta, que sabe muito bem como manipular a lírica dos versos.

Salve o poeta Franklin Maxado!

Salvador, agosto de 1999

SINTONIA POÉTICA¹⁹

Da Garganta da Alma une o concreto e o abstrato, a realidade e o sonho, o físico e o extra-sensorial, une o pai e o filho. É um encontro de gerações com personalidades diferentes, que coexistem e estão unidas por laços indissolúveis: o sangue e a poesia. Dois poetas diferentes, mas que se confundem como um todo.

Quando o poeta entra em sintonia com o leitor, permitindo que este navegue nos entre-versos, recriando, se identificando, fazendo aflorar novos sentimentos em relação àqueles expostos, um ciclo de comunicação se fecha, provocando um curto circuito positivo, uma explosão de vida, na qual o autor cumpre o seu papel. Este lampejo, raio ou faísca transformadora, provocada pelo autor, transporta o leitor para o limbo, onde realidade e sonho se confundem numa outra dimensão permitindo que, através do livro, poeta e leitor possam interagir sentimentos, o ponto de partida de todas as nossas vivências.

Este livro é um verdadeiro extrato de emoções, que faz aflorar no leitor os sentimentos mais escondidos, além de provocar arrepios e de marejar os olhos de lágrimas de satisfação e emoção de ter sentido, de ter percebido e de ter tido a oportunidade de entrar na intimidade de Jorge pai e de Jorge filho, uma família, pois são apresentados por Odette, a mulher, a mãe e musa inspiradora dos sentimentos, sendo, ela própria, um poema na vida dos dois e o elo de ligação mais perfeito.

Diz-se que um único verso, ou um poema contido num livro faz valer por todo o volume. Difícil, neste caso, seria destacar um devido a unidade existente, apesar dos estilos diferentes contidos neste pequeno-grande livro. Trata-se de uma obra de sensibilidade, de beleza, onde pai e filho se mostram, lado a lado, com seus estilos, com suas personalidades, seus sonhos e realidade, mas, com toda a certeza, para o pai, o seu melhor poema, sem dúvidas, é o próprio filho, obra feita e lapidada.

O texto, no qual o pai apresenta o filho, a meu modo de ver, destaca-se como sendo o verdadeiro e melhor poema de J. J. Randam. Cheio de sensibilidade, em poucas palavras, consegue expressar tudo com a força do sentimento contido no fundo de sua alma, conseguindo, a um só tempo, ser pai e mãe. Digo mãe porque ele conseguiu ver e expressar

¹⁹ Prefácio escrito para o livro *Da Garganta da Alma*, de autoria de J.J. Randam e J.J. Randam Júnior, publicado pela, Contexto & Arte Editorial no ano de 1999.

a realidade também sob uma ótica que só as mães conseguem. Conseguiu se ver por dentro e por fora. Compreendeu a realidade e o sonho, desnudando-se como um verdadeiro poeta, descrevendo sentimentos de rara beleza e difíceis de serem colocados no papel.

Outro primor do livro é a apresentação feita por Odette. Escreve sobre os dois poetas, os dois homens de sua vida. O marido, companheiro, amigo, sofredor e vitorioso, com defeitos e virtudes, e sobre o filho, fruto de seu corpo, de sua alma e de seu amor. Ter acompanhado de perto o crescimento de ambos, os choques e divergências naturais das gerações, os encontros e desencontros na busca do ser e do querer ser, da pacificação e da maturidade, lhe dão autoridade suficiente para afirmar que este livro é um extrato de muitos sentimentos e o fruto das emoções vividas. O testemunho de Odette sobre o processo da relação entre os dois poetas, de saber exercer o ponto de equilíbrio e de ser o bombeiro e o elo de ligação entre os dois, transforma a mulher e mãe na fortaleza, na proteção, na fonte de inspiração e orientação para ambos, sendo a árvore frondosa que garantiu a água fresca e a sombra acolhedora necessária para acalmar os espíritos empreendedores destes dois homens inquietos, permitindo-lhes o espaço e os momentos para a criação poética.

Como fruto de tanto amor, J. J. Júnior revela-se um poeta lírico na essência, com perfeito domínio da palavra. Um poeta que se abre para o mundo com sua realidade e seus sonhos. Sem ser hermético, sua poesia tem a leveza de quem está de bem com a vida, de quem sabe que o sonho e o amor ainda são a mola propulsora da vida, de suas descobertas e a força para enfrentar as diversidades. Em Radical, ele canta:

**“Só admito uma dúvida
antes da decisão
Só admito uma regra
se não houver exceção”.**

Mais adiante, em Aprendiz de sonhador, clama:

**“Sonho todos os dias
e passo as noites acordado
Vivendo um sonho**

que me faz levar a vida adiante”.

Enfim, este livro é uma pérola única, que merece ser lido e apreciado e que os leitores, como eu, tenham a oportunidade de navegar nos entre-versos, deixando que seus próprios sentimentos aflorem como resultado das provocações poéticas de Jorge pai e de Jorge filho, construindo juntos o momento especial que só a poesia permite, quando leitor e autor entram em sintonia.

Salvador, primavera de 1999.

TUDO É POESIA²⁰

Ao concluir a leitura de *Poesia: Vida, Amor e Sonhos*, este novo livro de Derval Evangelista de Magalhães, fui transportado, como se numa máquina do tempo estivesse, pelas lembranças de uma época pura e doce, para o início da década de 60, quando, como estudante interno, da primeira série ginásial, conheci o autor, meu colega e amigo, sempre sorridente e prestativo. Naquela época, com certeza, nascia o poeta contemplativo, lírico e romântico em que se transformou o jovem de Inhambupe.

No internato, Seminário Central da Bahia, líamos muito. Tínhamos contato com os clássicos e aprendíamos a traduzi-los do Latim para o português. Era um tempo de descobertas. Todos os dias, navegávamos na imaginação, deixando os sonhos construírem nossos caminhos. Talvez tenha sido durante aquele tempo de vida e de sonhos que Derval tenha aprendido a construir seu próprio mundo, transformando seus sonhos em realidade, suas fantasias em poesias. Talvez tenha sido durante aquele tempo, quando cantávamos músicas em ritmo de rock que ele tenha aprendido a sentir a natureza, além de reconhecer os valores e a defender as regras básicas da vida, cujo maior alimento e maior força de mobilização ainda é o amor. Quem produz e faz tudo com amor consegue transformar o que parecia impossível, o que luzia como pura fantasia, em verdadeira poesia.

Nos versos de Derval, os mais ternos símbolos da natureza se fundem em sentimento e emoção:

**“Se eu fosse um colibri
E voasse de flor em flor
Iria pousar em tua face
E dar um beijo de amor.”**

A temática poética de Derval Evangelista é universal. A liberdade, o amor e a natureza; o sonho e a realidade; o concreto e o abstrato são temas favoritos deste poeta que

²⁰ Prefácio escrito para o livro *Poesia: Vida, Amor e Sonhos*, de Derval Evangelista Magalhães, publicado no ano de 2002..

voa alto, incorporando ora um anjo, ora um pássaro, ora um filósofo ou um mestre, que de tantas reflexões sobre os segredos da vida, sabe mostrar os caminhos que devemos trilhar porque “o homem nunca sabe o que quer”. Mas, ele sabe, vive e define o amor:

**“Amar é sentir a falta quando o outro sai.
É sofrer calado quando ele se vai.
É sentir felicidade ao chegar de volta.
É voltar a sorrir porque o coração se solta”.**

O poeta também descortina a vida a partir do vôo livre e do trinar do passarinho:

**“O poeta é um pássaro que canta
desde o romper da aurora
até que a noite escura o espanta
e o que mais canta
é sempre o que mais chora.”**

Nem sempre, entretanto, ele chora quando canta. Ao tratar do amor ele baila no ar, dando vôos rasantes ou flutuando no espaço, realizando o eterno sonho dos homens que é voar com liberdade. Derval consegue voar. Sua poesia é vida, é viva. Ele concretiza e reconstrói lembranças, espaços e resgata tempos vividos, tempos sofridos, tempos sonhados, transformando tudo em tempo-poesia:

**“A vida é como uma flor e um espinho.
Quem sabe, como você, colher a flor.
Quem vive, como você, sorri por amor!”**

O filósofo – poeta também se faz presente neste livro. Com metáforas sobre o destino nosso de cada dia:

“No jardim da vida

**uma planta desabrocha duas flores.
Um dia alguém colhe uma delas.
Cada uma, distante uma da outra,
cumpre seu destino
sem deixar de ser uma flor”.**

Ou quando compara a vida às rosas:

**“esta vida é como as rosas
que se dizem muito formosas,
porém são como pétalas ao ar
que o vento as pode levar.
A vida é como a roseira:
cresce e começa a se espalhar”.**

Cantando a natureza da vida e a natureza como ela é, o poeta Derval Evangelista de Magalhães consegue marcar sua presença no cenário literário da Bahia, dando o seu recado poético. O seu principal objetivo é cantar a vida e isto ele consegue e muito bem, com arte e destreza.

Na verdade, Derval, filho de Joel Nunes e Maria Evangelista de Magalhães, advogado com pós-graduação em Direito Eleitoral e vencedor de vários concursos de poesia, não precisa ser apresentado como poeta. Ele já nasceu poeta e desde a adolescência vem se portando como tal, pois sou testemunha disto, apesar de só mais recentemente, 1996, quando completava 50 anos de idade, ele ter iniciado a publicação de seus poemas, quando lançou *Por um momento de inspiração* e agora retoma o caminho de reunir suas pérolas em novo livro, *Poesia: Vida, Amor e Sonhos*.

E assim saudamos a chegada deste novo livro, que merece ser lido por todos, pois o poeta Derval nos leva a refletir sobre a vida e os valores da natureza e a natureza do amor.

Salvador, Primavera do ano 2000.

LUAR SOBRE AS FACES²¹

Ser poeta é cumprir uma missão. Ser poeta é ver o outro lado da vida. Ser poeta é saber mostrar o lado belo do feio. Ser poeta é viver o sentimento das coisas. Ser poeta é saber comunicar-se com a alma do leitor. Ser poeta é fazer do outro, também, um poeta. Ser poeta é saber como despertar o lado oculto do leitor. Ser poeta é ser presente. Ser poeta é sentir os elementos da natureza, interagindo com eles. Ser poeta é saber cantar a dor e o amor, a saudade e as perdas, os ganhos e as alegrias. Ser poeta é ser humano, com todas as virtudes e imperfeições. Ser poeta é ser, é viver, é saber sentir.

Ser poeta é ter persistência e isto, Ubiratã dos Santos, ao longo de dez anos na estrada poética, tem demonstrado que tem e ainda anuncia:

**“Pretendo fazer um verso
cem verso(s) inverso(s) do(s) verso(s)
versado(s)
do(s) lado(s) da vida”.**

Luar sobre as faces é o quarto livro de Ubiratã. Os outros três são: *Cérebro de Poeta*, *A balsa da Primavera* e *Flores a Pablo*. Apesar de inquieto, ele é poeta de versos curtos, com mensagens claras e definidas. Ele se propõe a dar o seu recado e cumpre com sua vontade poética, comunicando o que sente, registrando os momentos, descrevendo e pintando a vida de formas e cores diferentes, de acordo com a peculiaridade e a sensibilidade de cada pedaço vivido de sua vida. Às vezes, o poeta se questiona:

**“De que vale cantar tantas canções de Roberto,
de que vale fazer tanto verso para te poemar,
de que vale ser Neruda, Quintana ou Drummond
se às vezes nem sou Ubiratã?”**

²¹ Prefácio escrito para o livro *Luar sobre as faces*, de Ubiratã dos Santos, publicado no ano de 2000.

Sim, Ubiratã, você é o Ubiratã dos Santos, o homem-poeta que sabe, até mesmo nas noites de insônia cantar:

**“Agora eu canto
aqui no canto
estas horas falecidas
deixando a madrugada
passar por mim”.**

É também o poeta-homem-amante que implora o beijo da amada:

**“Vem acender de novo
a luz dos seus lábios
no breu dos meus”.**

Ou o poeta que ironiza e denuncia a época em que vive:

**“Essa é a época
de mortes democráticas
mordaças e risos constantes.”**

É isso aí poeta Ubiratã dos Santos, continue produzindo, criando e participando de recitais. Não deixe de dar o seu recado. Cumpra a sua parte que a poesia saberá cumprir a dela. Salvador, inverno de 2000.

O SONHO DE UMA VIAGEM²²

Partindo de Juazeiro da lordeza, passando por Casa Nova da nobreza, Sento-Sé da fidalguia, Remanso da valentia, Pilão Arcado do cangaço, Xique-Xique dos bundões, Barra dos barões, Carinhanha bonitinha, Januária da carreira grande, São Romão da feitiçaria, até chegar em Pirapora, Josemário F. Luna teve a oportunidade de viver um dos meus sonhos de juventude: subir o Rio São Francisco da cidade de Propriá, em Sergipe, até sua nascente.

Viajar em um navio-gaiola pelas águas do Velho Chico foi um sonho que não concretizei, mas, lendo este livro-reportagem, *O Adeus do Velho Capitão: a última viagem do São Francisco*, cheio de sensibilidade, pude sentir e experimentar emoções, mescladas com sensações guardadas em minha memória, de um passeio turístico pelo Mississipi, em 1980, a bordo de um enorme navio-gaiola. A beleza natural retratada por Josemário Luna não pode ser comparada com o que apreciei nos Estados Unidos, preparada para agradar turistas.

Lendo as páginas deste livro lamento não ter feito esta viagem (Juazeiro-Pirapora), mas fico satisfeito por ter lido este fiel relato jornalístico, com texto tecido na observação do dia-a-dia, no ócio da viagem lenta, mas que proporcionou ao autor do livro a oportunidade ímpar de assistir, por exemplo, do meio do rio, o nascer mais belo e o mais belo pôr-do-sol todos os dias em que estive a bordo do navio-gaiola.

Esta viagem-experiência, vivida por Josemário, vai acompanhá-lo pelo resto da vida, pois se ele não pôde ver o **Nego d'Água**, pelo menos viu de perto os pontos mais famosos do rio, tais como **Pedra do Nome Feio** (na entrada de Currálinho), **Tabaqueiro Bordado** (porto famoso), **Mocambo dos Ventos** (porto próximo a Icatu), **Ressaquinha** (corredeira localizada entre Manga e Carinhanha) e **Currálinho** (trecho encachoeirado, acima de Sento-Sé).

Hoje não tem mais os **Ajoujos**, conjunto de canos amarradas umas às outras com cipós e couro cru, vapores, gaiolas, remeiros e vaporzeiros singrando o Velho Chico. Mas

²² Prefácio escrito para o livro *O Adeus do Velho Capitão: a última viagem do São Francisco*, do jornalista Josemário F. Luna, publicado em 1996 pela Editora Pórtico, em Salvador.

temos ainda o rio, caudaloso, cheio de mistérios, que está morrendo devido à poluição e ao desmatamento.

Suas águas abençoadas, entretanto, continuam alimentando as populações ribeirinhas e são utilizadas em megaprojetos de irrigação, transformando os municípios que o margeiam em verdadeiros celeiros de frutas e cereais. Apesar disto, o rio não é ainda usado apropriadamente e suas potencialidades continuam à espera de decisões políticas.

Este livro de Josemário Luna vem de ser publicado em época oportuna, pois a navegabilidade do Rio São Francisco está voltando a ser debatida, como uma solução para o transporte da produção agropecuária da região. Que o livro seja a semente que faça germinar os projetos que viabilizem o rio como uma hidrovia e que os transportes de carga de passageiros voltem a ter a força que tiveram em décadas passadas sob a proteção do **Nêgo d'Água**.

Salvador, maio de 1996.

CRÔNICA DE VIAGEM²³

Uma grande crônica de viagem é como podemos classificar este belo, agradável e crítico livro de Guilherme Radel. Lendo *Cuba Libre* me transportei imediatamente para o palco onde o espetáculo estava acontecendo, com atores e direção diferentes, mas com o mesmo roteiro e pano de fundo, que recebeu pinceladas satíricas, de um homem maduro, viajado, e que se revela um grande observador, um detalhista. Enfim, um cronista e crítico social.

Coincidentemente, estivemos na maior ilha das Antilhas no mesmo período, ou seja, um pouco antes da visita do Papa, podendo observar por óticas diferentes a mesma Cuba, a mesma Havana, preparando-se para dar início ao seu processo de abertura maior para o mundo, sofrendo exatamente por isso todas as implicações sociais, culturais, políticas e econômicas frente às decisões internas e externas. Pudemos sentir e ver o choque da mudança e as tentativas de querer preservar as conquistas sociais alcançadas principalmente nos setores da educação e da saúde. Entretanto, não tivemos a oportunidade de nos encontrar na Molecón, na Floridita ou nas ruas estreitas de La Habana Vieja, saboreando um “Cuba” ou um “Mojito”, tão apreciado por Hemingway. Com interesses e pontos de vista, muitas vezes opostos, percorremos os mesmos lugares, percebendo a Ilha de maneira diversa, como também em muitos pontos de modo semelhante. Independente do ponto de vista, o estilo de cronista nato de Guilherme Radel transforma a leitura deste livro num agradável momento de prazer, levando o leitor a refletir sobre, por exemplo, o que poderá ocorrer com a Ilha e com o seu simpático povo sob a influência e o processo avassalador da globalização.

Neste livro, como dissemos, o autor revela-se um cronista nato e como tal registrou sua viagem a Cuba em alto estilo, cheio de humor e crítica nas entrelinhas, sem descuidar-se dos fatos históricos que contribuíram para a formação deste povo, cujo maior herói é José Martí. Não se trata de um trabalho de sociologia, de história ou de economia, mas que consegue retratar, num flash, um momento contemporâneo de Cuba, sempre buscando

²³ Prefácio escrito para o livro *Cuba Libre*, de Guilherme Radel, publicado pela Memorial das Letras, em 1998.

contextualizá-lo dentro da história geopolítica do país. O momento contemporâneo é apresentado cheio de aspirações, contradições, sonhos e também de alguns pesadelos. Os fatos históricos são contados muitas vezes em função dos monumentos e construções antigas, mesclando-os com um pouco da história política, demonstrando o autor um grande conhecimento dos fatos que inclusive determinaram os destinos da Ilha.

Enfim, como disse, certa feita, um acadêmico americano, quando se viaja por um país latino-americano durante um mês, escreve-se um livro. Se morarmos um ano no mesmo país, talvez se possa escrever um artigo. Residindo no país por mais de um ano, antes de se escrever qualquer coisa, muita pesquisa e conhecimento do contexto histórico-político-socio-econômico e cultural do país será necessário para se chegar a alguma conclusão. Entretanto, crônica é crônica, não é tratado socioeconômico e o que vale são as impressões pitorescas do primeiro momento. E, vale ressaltar, viajar pela Cubana é uma experiência realmente fantástica e conhecer Cuba e a história que se pode aprender a partir de seus velhos e belos prédios coloniais, vale a pena.

Guilherme Radel consegue, com este livro, dar uma boa contribuição para aqueles que pretendem conhecer um pouco sobre a história e o povo cubano e visitar a Ilha que quer se transformar no paraíso turístico das Antilhas. Enfim, este é um livro para ser lido, tomando um “Cuba Livre” ou um refrescante “Mojito”, na esperança de que o povo cubano consiga atingir o sonho da abertura, sem perder as conquistas sociais de que tanto se orgulha.

JANELA PANORÂMICA²⁴

Reúne-se neste livro mais de uma centena de crônicas de Nola Araújo. A maioria delas tive a satisfação de ler e publicar, em primeira mão, no suplemento *A Tarde Municípios*, do jornal *A Tarde*, ao longo dos últimos quinze anos. Individualmente, cada uma delas teve um momento e um motivo próprio de criação e uma justificativa para publicação. Quando juntas, porém, revelam uma unidade como se tudo fosse “uma grande história adornada de episódios”. Utilizando-se de uma ferramenta especial, sua prodigiosa memória, tia Nola, como costume chamá-la – tornando-me um súdito e admirador da leveza com que se transporta no espaço e no tempo – , consegue transmitir suaves lembranças guardadas no fundo de sua alma ou decifrar, para os seus leitores, os sons que um dia ouviu, reconstruindo, com lembranças, a realidade de tempos idos. Este trabalho de reconstrução é tão perfeito que ela consegue reproduzir imagens, personagens e cenários com os mesmos detalhes de quem, usando um pincel ou uma máquina fotográfica, registra a cena que realmente vê.

O mundo das atenções de tia Nola gira em torno de Cachoeira, a cidade heróica, fonte permanente de inspiração. Como cronista, revela-se uma observadora consciente do cotidiano, pois reconstrói o seu tempo vivido, com todos os aromas e pontos de vista de épocas diferentes, traduzindo para o leitor o esplendor e as cores das estações; os costumes e experiências de sua infância, da adolescência e da vida adulta, além de nos brindar com as reflexões da envelhescência. Os sons, guardados em sua memória, são reproduzidos com todo o encanto, elegância e visão de quem sabe das coisas, de quem soube trilhar o caminho da sabedoria. Com simplicidade ela escreve como quem conversa, como quem está narrando uma estória cheia de lembranças, cheia de detalhes.

É de se admirar, em tia Nola, a disposição com que escreve, permitindo ao leitor participar de seus devaneios, ora iluminados pela luz avermelhada dos velhos lampiões de Cachoeira, ou sob o som ritmado do marolar das águas do Rio Paraguaçu. Seus pensamentos, ensinamentos e reflexões, junto à reconstituição histórica de um tempo

²⁴ Prefácio escrito para o livro *Crônicas de um tempo*, de Nola Araújo, publicado em Salvador no ano de 2000.

passado, se constituem numa verdadeira contribuição ao estudo da evolução dos costumes sociais.

Entre muitas outras coisas, ela destaca a importância de uma janela aberta para a rua como se fosse um verdadeiro elo de comunicação com a vida lá fora. A janela já foi um símbolo usado pelas jovens até para dar o aceite ao pedido de namoro ou para negá-lo, ao fechá-la sob os olhares e suspiros decepcionados dos pretendentes rejeitados. É interessante saber como a janela de uma casa pode ter sido importante nos relacionamentos pessoais e que tipos de interferências pode ter causado na vida de uma cidade interiorana, pois “quando se debruça em uma janela, é como se fora sobre um pequeno mundo”.

Usando sua memória como uma poção mágica e a caneta como uma varinha de condão, tia Nola consegue reproduzir, nas páginas deste livro, o perfume das flores e das frutas, a ansiedade e a inocência, concluindo sempre com uma reflexão madura. Sem dúvida, este é um livro também de conteúdo sociológico. É um livro que pode ser classificado como de prosa-poética, pois, na verdade, é uma poesia em forma de prosa.

Com extrema sensibilidade e um estilo bem próprio, cultivado e cuidadoso, tia Nola nos faz passear por Cachoeira, permitindo-nos assistir, nas entrelinhas de suas crônicas, as cenas bucólicas que ela presenciou do parapeito de sua janela, de onde desfrutava de uma vista privilegiada para o palco dos acontecimentos. Ao passar cada página é como se dobrássemos uma nova esquina, encontrando sempre uma nova surpresa, sempre grata, sob o manto prateado da lua cheia ou da luz furtiva dos candelabros de antigamente.

A leitura deste doce livro nos permite sentir o palpitar e as emoções desta cronista. Nos permite ainda assistir a um verdadeiro desfile de personagens, cenas e imagens fantásticamente lembradas e que nos são transmitidas com clareza e precisão, principalmente quando a autora se deixa levar pelos seus próprios devaneios, nos transportando também, ou quando passa a filosofar, com sabedoria, nos transmitindo ensinamentos de vida e a experiência de quem já viveu quase um século.

Crônicas de um tempo é um depoimento de vida. É um exemplo de disciplina. É um estímulo e um convite aos leitores para que também escrevam sobre suas lembranças, transmitindo emoções, paixões, histórias e registrando o tempo, pois, como tia Nola mesmo diz, recordar é viver duas vezes.

Salvador, Primavera de 1999

ENCANTADOS DA BAHIA²⁵

Durante as décadas de 70 e 80 do século passado, o Colégio Alípio Franca, em Salvador, Dendezeiros, exerceu, sob o comando do professor Hermano Gouveia Neto um papel muito importante na divulgação da literatura e no ato de estimular o hábito da leitura entre os jovens. Ele fazia isso como uma obrigação por meio da SELIBA – Semana do Livro Baiano, promovendo exposição de livros e palestras de autores que eram entrevistados por seus alunos. Estimulava os jovens a comparecer a lançamento de livros e a palestras, além de convidar autores, renomados ou não, para longos bate-papos com seus alunos. A SELIBA foi um movimento fantástico e muitas sementes literárias foram plantadas e, com toda certeza, germinadas.

Apesar de não ter conhecido o professor Hermano, Everson Nascimento Câmara, autor deste livro, *Contos dos Encantados da Bahia*, estudou contabilidade no Alípio Franca e, talvez por encanto, a magia dos livros e dos sonhos divulgados naquela escola tenham contribuído para conduzi-lo a literatura.

Desde a adolescência vem escrevendo e tentando ocupar um espaço na literatura baiana, publicando artigos e crônicas na imprensa. Em 1999 concluiu o romance “O Apogeu” que permanece inédito. Agora surge com uma coletânea de cinco contos (“A mulher do santo”, “Peripécias de um Orixá mau-entendido”, Cantos de uma linda sereia”, “Uma forte historia de amor” e “O Dono do ouro”) que vem a público em forma de livro, no qual, procura resgatar a cultura afro-baiana, além de valorizar todo o seu encanto e magia.

Os Orixás, as divindades dos cultos iorubas, são a fonte de inspiração de Everson Câmara. A riqueza de figuras, sentidos e encantamentos oferecidos pelo Candomblé são a base da criação deste contista que além de valorizar a baianidade, usando uma linguagem simples e direta, com enredo rico e dinâmico, consegue esclarecer, apesar de não ser o seu objetivo, a influência dos Orixás no dia-a-dia das pessoas.

²⁵ Prefácio escrito para o livro *Contos dos Encantados da Bahia*, do professor Everson Nascimento Câmara.

Conhecedor do papel de Olorum, o deus supremo, e de que cada Orixá está diretamente relacionado com um fenômeno da natureza, com atividades e aspectos da personalidade humana, o autor elabora suas histórias e constrói seus personagens a partir das pesquisas que realizou. Apesar de ser, como ele mesmo se diz, católico praticante, encontrou no Candomblé um farto material que lhe inspirou e, graças aos Orixás (Exu – o mensageiro dos deuses, Iemanjá – a deusa do mar, Iansã – a rainha dos ventos e das tempestades, Ogum – deus do ferro e das guerras, e Xangô - o deus da força, marido de Iansã, Oxum e Oba) temos a oportunidade de poder, agora, ler estes belos contos encantados, cheios da magia e da malícia baiana.

Professor Everson Nascimento Câmara seja bem vindo ao círculo dos escritores e que suas pesquisas continuem inspirando outros contos, tão belos quanto estes para deleite de seus leitores.

HOMENS QUE FIZERAM HISTÓRIA²⁶

Trabalhando com material biográfico, documentos inéditos, currículos e depoimentos como fontes, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira nos apresenta, neste volume intitulado *Homens que fizeram história*, um resumo biográfico de pessoas que ajudaram ou ainda ajudam a construir a história de Feira de Santana. Trata-se de uma contribuição importante, pois passa automaticamente a ser classificada como uma obra de referência, obra de consulta obrigatória para todos que estejam interessados em saber algo sobre a formação histórica deste município.

Não se trata de um trabalho biográfico exaustivo, mas este livro apresenta uma síntese biográfica dos principais personagens, que a partir de suas respectivas áreas profissionais, tiveram ou ainda têm uma participação socioeconômica, política e cultural muito expressiva na formação dos destinos deste município. A autora consegue mostrar isso detalhando a intervenção pessoal direta de cada um, listando o trabalho desempenhado em benefício da coletividade. A participação digna do cidadão no processo histórico acaba se transformando em exemplo dentro e fora das fronteiras municipais. A história de uma nação, de um Estado ou de município é escrita pelos homens. A vida deles, a história de cada um, é parte da história do todo, do município.

A arte da biografia, como todo gênero literário, apresenta-se sob diversas formas e expressão. A biografia seria o relato da vida de uma personalidade a partir de um ponto de vista crítico e não apenas historiográfico. Escrever memórias significa relatar o que se recorda tanto de sua própria vida como dos acontecimentos que a marcaram. O memorialista é, em síntese, um autobiógrafo e seu trabalho concentra interesse sobre ele próprio.

O trabalho apresentado neste livro foge, portanto, das definições clássicas de biografia ou memórias, mas ao mesmo tempo se constitui num esforço louvável de reunir um resumo biográfico de homens que exercem ou exerceram sua cidadania, em toda a sua

²⁶ Prefácio escrito para o livro *Homens que Fizeram História*, de Lélia Fernandes, publicado no ano de 2004, em Feira de Santana - Bahia).

plenitude, na construção de uma realidade concreta: Fazer a história de uma cidade, de um município.

Este livro também resgata a importância e a participação, direta e indireta, de nomes que não são conhecidos das novas gerações e que foram importantes no processo de formação do sentimento de Ser Feirense, um sertanejo forte, determinado e com o claro sentido de que só a união constrói. Assim, Lélia Vitor Fernandes de Oliveira também contribui para refrescar a memória de todos, trazendo à luz nomes de homens que fizeram e indicando outros que ainda estão fazendo, no dia-a-dia, a história de Feira de Santana.

Um povo sem memória é um povo sem cultura, sem história. E aqui, neste livro, se preserva a memória, se faz a história e se reconhece o trabalho de quem fez e faz a história.

ENTRE O MITO E A REALIDADE²⁷

Na sabedoria popular oriental tem um ditado que diz: “seja persistente em suas loucuras que um dia você será considerado o gênio delas”. Acredito que Renato Luís Bandeira se enquadra perfeitamente dentro desta perspectiva. Há mais de 30 anos que este historiador e arqueólogo baiano vem realizando pesquisas documentais e de campo em busca da “Cidade Perdida” no território baiano. Realiza uma pesquisa instigante.

Parte dos resultados ele nos apresenta neste livro *O Enigma de uma Civilização perdida no Sertão da Bahia*. Inúmeros são os fatos curiosos e históricos que apontam para a constatação de uma civilização pré-colombiana em solo brasileiro. As evidências apontam para isto, mas ainda há muitas dúvidas que pairam entre o mito e a realidade, que se confundem e dificultam o esclarecimento e a busca da verdade.

Renato Bandeira busca encontrar as provas definitivas e localizar este “elo perdido” com o objetivo de esclarecer se as culturas pré-colombianas encontradas nas Américas são ou não meros remanescentes de uma civilização ainda maior, a Atlântida, o continente perdido. Ele nos fala, neste livro, do manuscrito dos bandeirantes de 1753, que descreve em detalhes as ruínas da “Cidade Perdida” nos sertões da Bahia, que se constituiriam em um sítio pré-colombiano. As ruínas de um antigo centro ritualístico ou santuário de Palmas de Monte Alto foram constatadas por Theodoro Sampaio e confirmadas pelo professor Luiz Galdino.

O resgate histórico desta incessante busca é apresentado neste livro de leitura fácil, agradável e curiosa. O relato do autor nos abre horizontes e levanta inúmeras dúvidas. Os monumentos encontrados no Brasil e em especial na Bahia são megalíticos? As inscrições rupestres, em fenício e em egípcio, contendo sinais hieróglifos, descobertas em todo o país servem ou não como prova de que uma civilização anterior viveu no Brasil?

A leitura deste livro, como disse, é instigante e como o próprio autor diz, “tudo não passa de um grande mosaico, um jogo de quebra-cabeça” e, exatamente por isso, toda peça

²⁷ Texto escrito para ser o prefácio da primeira edição do livro *O Enigma de uma Civilização perdida no Sertão da Bahia*, 2004.

faz parte de um todo em busca da verdade. Bandeira persegue esta verdade com vontade de encontrá-la e este livro é o registro de algumas destas peças do jogo.

OS DEZ ANOS DA TURMA DO XAXADO²⁸

Tive o privilégio de conhecer Antonio Luiz Ramos Cedraz, ou simplesmente Cedraz, considerado hoje um dos melhores mestres do Quadrinho Nacional, ainda nos anos 70 do século passado, quando editava o suplemento “Jornal de Utilidades”, do jornal *A Tarde*. Àquela época, este baiano, nascido no município de Miguel Calmon, ainda bancário, apareceu na redação com o seu jeitão de ser, simples e tímido, mas determinado a apresentar alguns de seus primeiros personagens de quadrinho e a divulgá-los nas páginas do vespertino. Ganhou minha atenção, admiração e espaço no suplemento semanal que editava aos sábados até meados de 1970 e que marcou época na história do Jornalismo contemporâneo por ter inovado como um jornal de serviços, dando também oportunidade a jovens cronistas, poetas, fotógrafos, artistas e ao talento excepcional de Cedraz.

Já àquela época, Cedraz fazia o que gostava e gostava do que fazia, fator extremamente importante para a persistência com que venceu os obstáculos rumo ao sucesso e ao reconhecimento, que vem obtendo em todo o território nacional. Entre os inúmeros troféus recebidos destacam-se o Prêmio Ângelo Agostini, que lhe conferiu o título de “Mestre do Quadrinho Nacional” e os cinco prêmios HQ MIX, uma espécie de “Oscar” brasileiro da categoria, oferecido pela Associação dos Cartunistas do Brasil, com sede em São Paulo.

Tenho agora a satisfação de apresentar o quarto livro da Turma do Xaxado, quando o personagem está completando 10 anos de existência. Mais uma vez o destino me permitiu a honra de ser dos primeiros a publicar um trabalho de Cedraz, pois foi exatamente no suplemento “A Tarde Municípios”, do jornal *A Tarde*, do qual fui editor, que as tiras do Xaxado começaram a ser publicadas no ano de 1998, duas vezes por semana. O sucesso das tiras do Xaxado foi tanto que imediatamente passaram a ser publicadas diariamente no Caderno 2 do jornal. Observe-se que a arte produzida por Cedraz se impôs e se impõe sozinha pela qualidade inerente neste baiano, cuja simplicidade, criatividade e comunicabilidade são universais. Suas historinhas encontram espaços por serem

²⁸ Texto de apresentação para o livro comemorativo dos 10 anos da Turma do Xaxado, 2008.

inteligentes, bem roteirizadas e engraçadas sem perderem o senso reflexivo e educativo. Suas histórias são atuais, contextualizadas e de inserção social. Além de defenderem os interesses da região, transmitindo as preocupações e reivindicações do semi-árido nordestino, os personagens da Turma do Xaxado, um fenômeno da modernidade, expressam um entrelaçamento de eventos e relações sociais globais quando discutem questões sociais, ambientais e ecológicas. Em suas historinhas regionais existe uma perfeita compreensão e consciência do mundo como um todo.

Cedraz é exemplo de dedicação, de paciência, de perseverança, de profissionalismo e de amor à arte que produz. Da Turma do Joinha, nos anos setenta para cá, passando por Lúbio, a Turma da Pipoca até a Turma do Xaxado, ele evolui, é claro, mas seus personagens e historinhas, continuam sendo construídos, definidos e inspirados na experiência de nordestino que ele é. O regionalismo se impõe e dá uma aura especial aos seus personagens, principalmente os da Turma do Xaxado, cujas histórias acabam obtendo um caráter universal, pois identificam-se com os leitores, independente de faixa etária, etnias, ou país de origem, devido às suas características que permitem a transmissão do humor. A simplicidade e comunicabilidade de Cedraz são regionais e, ao mesmo tempo, universais. De há muito suas historinhas romperam as barreiras territoriais baianas, invadindo não apenas os jornais brasileiros, mas também os de Angola, de Cuba e de Portugal. Em 2003, o Projeto Turma do Xaxado recebeu apoio institucional da UNESCO.

Neste ano de 2008, a Turma do Xaxado está completando 10 anos de sucesso e o entusiasmo de seu criador é o mesmo dos idos de 1970, quando começaram a ser publicados pela grande imprensa suas primeiras tiras. Ao longo de mais de 35 anos, Cedraz consolidou seus personagens e se consolidou ganhando respeitabilidade como profissional da área com muita competência. Cedraz não subestima a inteligência de seu público e sabe explorar com sensibilidade, as sutilezas, emoções e espontaneidade de cada situação, sem perder a graça e sem deixar de registrar sua crítica e dar sua contribuição à cultura.

Cedraz, posso afirmar, profissionalizou-se na arte dos quadrinhos e hoje, fora do eixo Rio-São Paulo, é o maior e mais importante produtor de quadrinhos e um dos mais produtivos do Brasil. Sua regularidade criativa é uma benção para todos nós. Este quarto livro-álbum da Turma do Xaxado, comemorativo dos 10 anos – reunindo as historinhas de Zé Pequeno, Arturzinho, Marieta, Marinês, Capiba e de Seu Enoque e dona Fulô, os pais

de Xaxado – é simplesmente fantástico. Este trabalho merece todo o nosso apoio, divulgação e leitura atenta, pois Cedraz, como ninguém, sabe fazer uso da imagem como instrumento de opinião, influenciando seu público, atuando como consciência crítica da sociedade, como educador e responsável pela preservação de nossas raízes culturais. Parabéns a Cedraz e a sua equipe e obrigado por nos permitir resgatar os sonhos da infância. Continuem produzindo e sonhando, pois com belos sonhos é que se constrói o futuro.

CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO²⁹

Recepção e TV a Cabo: A força da cultura local é um livro que dá uma contribuição muito mais ampla do que se espera numa obra que, à primeira vista, seria segmentada, totalmente voltada para o setor da televisão, ou mais especificamente para a recepção da TV a Cabo. Entretanto, Valério Cruz Brittos conseguiu, com um estilo leve e um domínio vocabular exemplar, desenvolver um tema, de interesse dos comunicólogos, de tal maneira que este trabalho pode e deve ser lido, não apenas pelos estudiosos da área, mas também por todo aquele leitor-consumidor do maior veículo de massa deste século, que é a televisão.

Antes de tecer qualquer comentário sobre a obra em si, gostaria de apresentar o seu autor. Valério Cruz Brittos é advogado, jornalista e professor de comunicação, tendo trabalhado em redações de rádio, televisão e jornal, tanto no Rio Grande do Sul, de onde é natural, como em Brasília, tendo exercido as funções de repórter e de editor de política. Nos últimos anos tem se dedicado à prática acadêmica (ensino, pesquisa e extensão), uma vez que é professor vinculado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e doutorando no programa de Pós-Graduação de Comunicação e Cultura Contemporânea da Faculdade de Comunicação da UFBA, onde tenho a honra e o prazer de ser seu orientador e admirador, devido ao seu espírito empreendedor e a garra com que se dedica ao trabalho da pesquisa.

Como se estas informações já não fossem suficientes para qualificar o autor desta obra, posso ainda destacar que ele tem especialização em Ciências Políticas e em Economia Política da Comunicação, além de ser Mestre em Comunicação pela PUCRS, onde defendeu tese sobre o tema deste livro. Partindo do texto inicial da dissertação de mestrado, Brittos avançou em sua pesquisa, atualizando-a de forma a que a leitura deste livro se torne obrigatória nas escolas, além de se transformar num ponto de referência para todos os que se dedicam ao estudo deste assunto.

²⁹ Prefácio escrito para o livro *Recepção e TV a Cabo: A força da cultura local*, de Valério Cruz Brittos, publicado em 1999

Quando digo que este livro oferece uma ampla gama de informações, maior do que a delimitação contida em seu próprio título, na verdade, quero afirmar que esta obra, além de oferecer uma visão histórica de nossa televisão, discute o caso da TV a Cabo no país, partindo da cidade de Pelotas, para constatar que “as identidades culturais local e regional podem ser consideradas como vias que impedem a homogeneização, apesar de, no processo de interação e constante renovação do qual participam, também terem assimilado dados do global, revelando-se elas próprias híbridas”.

Como identificou o autor, uma das especificidades da televisão a cabo “é o modo de assistir à TV que estabelece, tendendo a recepção de coletiva a individual, a partir da múltipla oferta de canais, propiciando maior segmentação do consumo, o que ocasiona dispersão”.

Não podemos deixar de considerar que o mercado de TV paga, no Brasil, ainda é emergente, mas está crescendo com tal rapidez que não é preciso ser profeta para pontuar que no início da próxima década a TV por assinatura será, juntamente com o fenômeno da Internet, responsável pela radical mudança que a televisão convencional vai sofrer tanto no aspecto de conteúdo quanto no que diz respeito à composição de sua audiência. Aliás, Brittos também nos brinda com análises neste sentido.

Os capítulos 2, 4 e 5 deste livro se constituem, a meu ver, num ensaio à parte, quando o autor oferece uma ampla visão de cultura sob os pontos de vistas da antropologia cultural e social, discutindo como o pluralismo do consumo cultural nos leva a um reordenamento do que realmente vem a ser cultura e do significado do que é nacional. Destacando a importância e participação da mídia na constituição das identidades, “as quais não são neutras e envolvem auto-reconhecimento, e que a memória coletiva é a garantia da identidade no tempo”, Brittos analisa ainda a identidade cultural e o seu papel como principal agente mediador da recepção.

No sexto capítulo ele se dedica a análise do receptor de televisão a cabo, apresentando dados que evidenciam que a TV a cabo está reduzindo a influência do modelo massivo de comunicação desse período globalizado que estamos vivendo. “Com a TV a cabo, a programação homogênea entra em declínio e os grupos e indivíduos vão buscar suas próprias opções. (...) Essa mudança de ver televisão, de coletiva a individual, traz consequências, inclusive, na sociabilidade. (...) Agora, com a segmentação cultural, cresce

a individualização do consumo televisivo, reduzindo ainda mais a possibilidade de convivência social”.

Nos sétimo e oitavo capítulos o leitor encontra todas as questões que envolvem a literatura, a tecnologia e regulamentação existente sobre a televisão a cabo no país.

Depois de ter analisando a questão da identidade cultural nos primeiros, no oitavo capítulo, Brittos trata do outro lado da moeda, ou seja, o papel da cultura global e sua heterogeneidade. Segundo o autor, “o que determina se um produto integra a cultura global, não é sua origem geográfica, mas seu padrão de produção”. Neste capítulo, que também pode ser identificado como um ensaio à parte, Brittos sintetiza, histórica e conceitualmente, o processo da globalização até os nossos dias quando assume uma forma mais avançada e complexa da internacionalização.

Enfim, podemos dizer que este livro amplia o conhecimento sobre a relação entre receptor, produto e tecnologia, agregando novos conhecimentos, além de sinalizar para uma mudança no modo de ver e de fazer pesquisas sobre televisão no Brasil. Dentre as várias e importantes considerações conclusivas apresentadas, o autor constatou, por exemplo, que:

Na América Latina, a própria hibridização relativiza o global, desmontando a noção normalmente disseminada de que sua ação é avassaladora, homogeneizante destruidora de toda diversidade. Dito de outra forma, se o global convive com outras formas culturais, que permanecem, não pode ser homogêneo. Pode sim, e é, hegemônico. Por isso, as identidades culturais, local e regional, podem ser consideradas como vias que impedem a homogeneização...

Para concluir esta apresentação, a título de prefácio, volto a insistir: este livro é, de fato, uma grande contribuição à área dos estudos da comunicação e deve ser lido por todos que queiram entender melhor o desenvolvimento da televisão neste país.

Salvador, primavera de 1999

TELEVISÃO NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO³⁰

Durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação –, realizado no período de 3 a 7 de setembro de 1997, na cidade de Santos, São Paulo, o Grupo de Trabalho de Televisão reuniu-se pela quarta vez consciente dos novos desafios tecnológicos e das tendências da globalização versus regionalização. Tendo isto como meta, buscou-se dar prioridade a temas que abordassem essas tendências, resultando na apresentação de oito trabalhos que, apesar de independentes entre si, estão vinculados não apenas pelo veículo televisão, comum a todos, mas também pela interdependência entre os temas.

Uma verdadeira revolução está se processando, neste fim de século, em todos os setores da atividade humana. A década de 90 está sendo identificada como a década das transformações geopolíticas e sócio-econômicas e da reestruturação institucional dos valores culturais, ideológicos e religiosos. Os conceitos de nação, de estado, de controle social e de liberdade também estão sob transformação.

Apesar de continuarem existindo, as fronteiras já não fazem sentido para as empresas, bancos e homens de negócios. O planeta está se tornando um só, por conta desta revolução irreversível, um fenômeno, a que se dá o nome de globalização.

É difícil se definir a globalização e a literatura existente é, às vezes até contraditória. Alguns estudiosos negam a realidade da globalização e existe muito pouca concordância, em nível conceitual, sobre o que é realmente globalização. O termo, em si, sugere que as atividades políticas, econômicas e sociais estão se transformando em escala mundial, como fenômeno universal que atinge, ao mesmo tempo e por igual, todos os cantos do planeta. Entretanto, admitir esta idéia seria ignorar, como lembra Maria da Conceição Tavares, "que o padrão de inserção internacional de um país se exerce a partir de estados concretos de dominação".

³⁰ Texto escrito para apresentação do livro *Televisão na Era da Globalização* que organizei como fruto do GT de Televisão da Intercom, do qual fui coordenador. O livro foi publicado no ano de 1999, pela Editora Ianamá e Intercom.

Anthony Giddens (1990) define globalização como sendo a intensificação das relações sociais mundiais que ligam localidades distantes de tal modo que acontecimentos locais podem ser influenciados por eventos que estão ocorrendo a centenas de quilômetros de distância e vice-versa. Desta forma, a globalização está relacionada também com a interseção de presença e ausência, o entrelaçamento dos eventos sociais e relações sociais à distância com contextualidades locais. Em síntese, o processo da globalização representa um aspecto do que Giddens chama de "fenomenologia da modernidade".

De acordo com R. Robertson (1992), globalização se refere à compreensão do mundo e a intensificação da consciência do mundo como um todo. É também, na visão de A. McGrew (1992), um processo que tende, no inteiro, a reforçar – se não aumentar – as desigualdades do poder e da riqueza, ambos entre nações e através delas.

Historicamente, o debate sobre a globalização está vinculado a utópicos pontos de vista sobre sistemas de comunicação. Tal debate começou a partir da invenção do telégrafo e, nos anos 60, se tornou mais popular com o conceito da aldeia global, de McLuhan.

Muitos estudiosos da globalização estão preocupados em mapear o mundo como um sistema único (Worseley, 1984), como um único lugar (Robertson, 1992), ou como uma única sociedade mundial (Albrow & King, 1990). Muitos dos discursos sobre a globalização são baseados nos conceitos e estratégias capitalistas de marketing, da transnacionalização do capital e do progresso das telecomunicações. Isto porque a cobertura jornalística em tempo real dos grandes fatos do dia, transmitida por emissoras e rádio e televisão, a exemplo da CNN, realmente atinge grandes audiências em todo o mundo. E isto está criando o senso de que tanto os brasileiros, os americanos, os franceses e os japoneses compartilham o fluxo da informação do mesmo modo, igualmente, gerando, por conseguinte, o senso de que coabitamos o planeta ao mesmo tempo com outras pessoas, com as quais estamos ligadas, apesar da distância, através da mídia.

Isto sem falar que, hoje em dia, qualquer pessoa pode, por cabo, satélite, fax, telefone ou Internet, se transportar para qualquer lugar, sem ter a necessidade de viajar. É exatamente por isso que o sistema de telecomunicações, o fluxo de informação e os veículos de comunicação de massa assumem um papel de extrema importância no desenvolvimento da globalização, pois são estes veículos que trazem o mundo para dentro de nossas casas.

O reconhecimento do papel exercido pela mídia no processo da globalização está relacionado à percepção popular de que os veículos de informação estão conectados com o centro dos acontecimentos da sociedade onde quer que estes se desenrolem. Vale ressaltar que a tecnologia hoje existente permite tanto à mídia impressa como à mídia eletrônica inserir, instantaneamente, em seus noticiários locais, qualquer reportagem internacional de última hora, enriquecendo o telejornalismo local, contribuindo também para aumentar no telespectador a sensação de que o mundo é pequeno.

Como diz Gabriel Bar-Haim (1996), se existe uma ordem global com um centro definido ou não, a mídia passa a impressão que tal ordem existe. A afirmação desta existência é transmitida diariamente através de notícias internacionais, documentários sobre partes do globo, abordando assuntos tão variados quanto ecologia na Índia, negócios no Japão, eventos culturais internacionais, a exemplo do Festival de Cannes, o concurso de beleza Miss Universo e ainda a transmissão dos Jogos Olímpicos ou a Copa do Mundo de Futebol.

De acordo ainda com as interpretações de Bar-Haim (1996), a mídia parece sugerir a existência de uma cultura global que não se constitui numa entidade em si mesma, mas é um conglomerado de múltiplos eventos culturais internacionais que refletem a multiplicidade de todas as sociedades cujas diferenças culturais podem ser minimizadas, mas suficientemente caracterizadas para serem percebidas como exóticas.

Continuando em sua análise, Bar-Haim (1996) afirma que se alguém assumir como verdadeiro o fato que a audiência de milhões de espectadores a um mesmo programa, seja ocidental ou não, seria uma contribuição para a formação de uma cultura mundial, tal hipótese "é uma falácia". Isto porque mesmo a exposição prolongada a culturas diferentes transmitidas pela TV, por exemplo, não conseguirá mudar fundamentalmente as condições sociopolíticas locais que permanecem as mesmas, em contradição à artificial coerência e convergência cultural promovida pela mídia.

É inegável que o acesso a informações através da mídia pode influenciar no nosso modo de viver. Giddens (1991), por exemplo, insiste que consciência global não é limitada a um vago conhecimento de eventos, mas pode diretamente contribuir na formação de estilos de vida individuais.

A globalização é avassaladora e pode provocar padronização cultural. Constatase que há uma verdadeira epidemia de McDonald's espalhados pelo mundo, mas vale ressaltar também a proliferação da comida chinesa, japonesa, etc. Ironicamente, ao mesmo tempo em que a globalização nos conduz a uma aparente padronização, ela também abre perspectivas para outras culturas. Essa contradição é uma das características da globalização, que precisa manter as individualidades porque essa é uma das formas de assegurar mercado consumidor para seus produtos industriais ou culturais.

Assim, pode-se dizer que a globalização não deve comportar julgamentos de valor. Trata-se de uma nova realidade diante da qual precisamos tomar uma atitude, vez que ela tem eliminado diferenças entre produtos, cuja diferenciação passou a ser a ética da massa, ou seja, a imagem institucional da empresa. Por tudo isto, os efeitos imediatos da globalização são considerados predatórios, mas, ao mesmo tempo, este processo é capaz de levar a países e pessoas benefícios ainda não totalmente dimensionados, como o acesso a milhares de informações e de produtos das regiões mais distantes do planeta.

P. Walterman (1993) defende o ponto de vista que a globalização deve ser entendida como multideterminada pelo mercado, soberania, militarização, industrialização, tecnocracia, racismo etc.

Exatamente por isso defendemos também que, para estudarmos as causas e efeitos deste processo, precisamos construir uma teoria crítica e social da globalização que passe por cima das teorias de direita ou de esquerda, responsáveis por enorme lista de estruturas teóricas (desenvolvimentistas, terceiro-mundistas e outras mais reformistas ou menos radicais), usadas nos últimos 30 anos para entender o fluxo da informação e os processos de interação socioculturais entre as nações.

Os primeiros estudos, que apresentaram o mundo como um todo nas relações internacionais, surgiram na década de 60. Entretanto, só a partir dos anos 80 o tema globalização se transformou em objeto de estudos acadêmicos. Segundo Sandra Braman (1996), hoje existem pelo menos dois tipos de grupos de teorias da globalização: um formado por pesquisadores que a examinam a partir da perspectiva do geral para o particular, entendendo o fenômeno e os processos que aparecem abaixo do nível global como nações-estados que crescem em resposta ao processo global. Outro, formado por teóricos que analisam a globalização a partir da perspectiva das partes em direção ao

inteiro, argumentando, por exemplo, que o sistema global tem emergido da interação entre nações-estados.

Por isso, qualquer estudo sobre a globalização deve ser feito sem negar, rejeitar ou ignorar modelos anteriores, uma vez que o mundo ainda está cheio de evidências que comprovam aquelas teorias. Por isso concordo plenamente com a afirmativa de Bramam (1996), defendendo que a teoria crítica da globalização deve ser entendida como um novo caminho e um transparente meio através do qual velhas estruturas, processos e discursos são ainda visíveis.

Levando tudo o que dissemos acima em consideração é que podemos compreender a interpelação dos trabalhos apresentados no GT de TV durante o XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Assim poderemos melhor contextualizar a experiência regional apresentada por Ilka Goldschmidt Vitorino, no trabalho intitulado “**Chapecó vive a nova Era da Informação abrindo espaço para a produção audiovisual local**”, ou entender a importância da legislação em tempos da globalização, quando os países latinos americanos estão construindo o seu mercado comum, como resultado das tendências de mercado. Uma análise sobre a legislação para televisão no Mercosul está contida no ensaio comparativo intitulado “**A regulamentação da TV Aberta na Argentina, Brasil e Uruguai**”, apresentado por Othon Jambeiro.

Por sua vez Edgard Rebouças, retomando um estudo que iniciamos com o livro *Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história*, discute os “**Desafios da TV brasileira na era da diversificação**”, enquanto Natalício Batista Jr. analisa a produção de vídeos, abordando as “**Alegorias ideográficas: A colagem como método mnemônico**”, e Robson Bastos da Silva apresenta a “**Rede Cultura de Televisão como um modelo alternativo de programação**”.

Continuando, Penha Rocha, diversifica a temática quando analisa o mercado de televisão e a exploração deste veículo como instrumento de propagação da fé, no ensaio intitulado “**Televisão e Religião no mercado global: TV Record e Rede Vida**”. O desenvolvimento do mercado televisivo e a luta constante pela audiência exigem não apenas tecnologias, mas também formação de mão-de-obra especializada. E este problema é debatido no trabalho intitulado “**Formação e treinamento profissional de jornalistas: Um estudo de caso: TV Bahia**”, apresentado por Washington Souza Filho. Finalizando,

Claudia Bahia de Oliveira demonstra como o regional e o global estão presentes neste grande veículo de massa que é a televisão, no trabalho intitulado “**O local e o global no olhar televisivo**”.

Como foi dito, os trabalhos aqui reunidos são independentes, mas estão interligados entre si pela legislação, regionalização e produção, dentro do que estamos identificando como sendo a Era da Globalização. A reunião destes trabalhos em um único volume, o segundo produzido pelo GT de TV, é uma contribuição a mais para todos aqueles que estão tentando entender melhor o desenvolvimento da televisão em nosso país e como as tendências afetam o crescimento do maior veículo de massa existente até o momento.

BIBLIOGRAFIA

- ALBROW, M. & KING, E. *Globalization, Knowledge and Society*. Newsbury Park, CA.: Sage, 1990.
- BAR-HAIM, Gabriel. Media Charisma and Global Culture: The Experience of East-Central Europe. In *Globalization, Communication and Transnational Civil Society*. New Jersey: Hampton Press, INC., 1996, pp. 145-155.
- BRAMAN, Sandra. "Interpenetrated Globalization: Scaling Power, and the Public Sphere" in *Globalization, Communication, and Transnational Civil Society*. New Jersey: Hampton Press, INC., 1996, pp. 21-36.
- GIDDENS, A. *The Consequences of Modernity*. Stanford, CA.: Stanford University Press, 1990.
- GIDDENS, A. *Modernity and Self-Identity: Self and Society in Late Modern Age*. Cambridge, England: Polity Press, 1991.
- McCREW, A. A Global Society. In S. Hall, D. Held, & McGrew (eds.) *Modernity and Its Futures* (pp.61-116). Cambridge, England: Polity Press, 1992.
- McLUHAN, M. *Understanding Media: The Extensions of Man*. New York: New American Library, 1964.
- ROBERTSON, R. *Globalization: Social Theory and Global Culture*. London: Sage, 1992.

WATERMAN, P. *Globalization, Civil Society, Solidarity: The Politics and Ethics of a World both Real and Universal*. The Hague: Institute of Social Studies.

WORSELEY, P. *The Three Worlds: Culture and World Development*. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

ANÁLISE SEMIÓTICA DA TELENOVELA³¹

A autora deste livro vem dedicando-se ao estudo e à observação da composição das histórias de ficção e à reação dos receptores, desde os tempos de sua adolescência, quando escrevia histórias de amor que circulavam entre os estudantes do Colégio Severino Vieira, em Salvador, e, ainda sem saber, já empregava a técnica do folhetim na divulgação seriada destas. Com o aumento da influência da televisão, a partir dos anos 70 do século passado, ela passou a identificar similaridades estruturais entre as condições de recepção das telenovelas (folhetins eletrônicos) e suas próprias histórias distribuídas no colégio, o que a estimulou, provavelmente, a dedicar-se ao assunto profissionalmente por meio de estudos acadêmicos.

Desde então, Lícia Soares de Souza vem pesquisando e escrevendo sobre as narrativas da televisão, constituindo-se hoje em uma das maiores autoridades brasileiras no assunto, sempre dando excelentes contribuições no que diz respeito à construção do conhecimento acadêmico para que possamos melhor compreender o que se passa com as formas de produção e os conteúdos transmitidos por nosso maior veículo de comunicação de massa, que é a televisão.

Entre as contribuições de Lícia Souza podemos destacar o livro *Représentation et idéologies: les téléromans au service de la publicité*, publicado em Montreal, Canadá, em 1994, no qual faz uma leitura das telenovelas, destacando as da Rede Globo, por ser a que mais exporta esse tipo de programa. Ela questiona o conceito de representação e ideologia, utilizando-se da semiótica para descrever as modalidades de introdução de um discurso publicitário na ficção narrativa. Entre as conclusões, a autora afirma que a Globo introduz a publicidade nas novelas não muito “sutilmente”, sugerindo ao telespectador “usar a roupa do galã da novela das oito”.

Em 1996, ela volta a concentrar sua atenção de pesquisadora sobre as telenovelas da Globo, publicando um novo trabalho, intitulado “Communication et intégration: la fiction quotidienne de TV Globo”, em uma revista especializada da Universidade de Laval, no

³¹ Texto de apresentação do livro *Televisão e Cultura: análise semiótica da ficção seriada*, de Lícia Soares de Souza, escrito em abril de 2002. O livro foi publicado pela SCT, FUNCEB, Salvador, no ano de 2003.

Canadá. Nesse artigo, ela apresenta algumas idéias gerais sobre a história dessa ficção nacional, que, aos poucos, distancia-se dos procedimentos importados. Em seguida, analisa algumas novelas que obtiveram êxito nos anos 60 e 70, abrindo o debate sobre a constituição de um amplo campo cultural de grande consumo que já possui suas próprias regras e conceitos de produção.

Considerando que foi sob a influência do folhetim, que a teleficção surgiu e consolidou-se, no século passado, como uma forma de narrativa audiovisual com especificidades próprias que a transformaram numa forma superior da cultura midiática, Lícia Soares de Souza desenvolveu uma nova pesquisa cujos resultados nos são apresentados neste livro.

Em *Televisão e Cultura: análise semiótica da ficção seriada*, a pesquisadora tem dois objetivos principais: 1) caracterizar a dimensão cultural da teleficção sob o ângulo semiótico no contexto da globalização; e, 2) levantar alguns dos principais temas e estilos da narrativa televisiva. Para tanto, a autora identificou quatro núcleos temáticos das telenovelas: a) mal de amor; b) estrutura de poder; c) antropofagia cultural; e, d) estrutura policial.

As análises são feitas a partir de dois cenários: intertextual e transtextual. O primeiro cenário se apresenta como estrutural global, pois reflete a remodelização dos elementos temáticos e estilísticos. No segundo, transtextual, a estrutura global particulariza sua referencialidade em contato com os signos de uma comunidade.

Vale destacar que este é um trabalho no qual o cenário cultural é analisado também sob o ponto de vista macro-estrutural, evidenciando as relações e interações entre uma cultura dita erudita (considerada superior) e uma cultura popular de massa (considerada inferior). Aqui, “cultura é percebida como um conjunto orgânico de sistemas textuais que produz a *memória* de uma coletividade historicamente situada, que instaura programas para assegurar a comunicação do material representativo e que *interpreta* as relações significativas que emanam do patrimônio representativo”.

As evidências apresentadas ao longo deste livro permitiram a autora concluir que hoje é essencial se “pensar a comunicação televisiva a partir de um ponto de vista semiótico com a possibilidade de descrever a rede de trocas entre realidades distintas. Seria perseguir a interação entre os processos desterritorializantes e os de reterritorialização dos espaços

singulares no decorrer do qual cada coletividade busca dar sentido aos significantes do mundo moderno”.

Um dos pontos de destaque de seu trabalho é a análise que faz da antropofagia cultural e da carnavalização, evidenciando o relacionamento das telenovelas com um conjunto cultural nacional, levando-a a concluir que “existe um sistema de relações entre componentes de uma tradição cultural do domínio restrito e as narrativas telefictícias, que define um processo produtivo socialmente ativo”.

Além disso, ao analisar a voz da terra na teleficção, a autora concluiu também que as séries regionalistas, produzidas por nossa televisão, “empreendem as ligações sígnicas entre o domínio restrito e os fatos da atualidade relativos às lutas seculares pela posse das terras”. No que diz respeito à teleficção policial, que concentra inúmeros estilos do gênero, as evidências mostram “como o código hermenêutico, com seus enigmas e mistérios, recebe identidades próprias na narrativa seriada e modular que caracteriza a teleficção”.

Em síntese, a partir do esquema semiótico de análise proposto, Lícia Soares de Souza lança, com este livro, as bases para que possamos entender como “se agenciam, na especificidade do audiovisual nacional, os componentes narrativos, enunciativos e argumentativos, de vários outros estilos de produção fictícia”, tais como os documentários jornalísticos ou cinematográficos, que tecem novas redes de signos culturais a partir das novas percepções de construção do mundo que estão surgindo como resultado, por exemplo, das idas-e-vindas da globalização e dos processos de fortalecimento da regionalização.

Este livro merece ser lido, não apenas por ser uma contribuição a mais à literatura específica, mas também, e principalmente, pelas questões instigantes que levanta.

Salvador, abril de 2002.

ASPECTOS DA TRAJETÓRIA DA IMPRENSA BAIANA³²

Este livro não tem por objetivo o de escrever a história da imprensa da Bahia, a intenção está explícita no título que revela o seu universo: *Apontamentos para a História da Imprensa na Bahia*. É uma coletânea de artigos de jornalistas, professores e historiadores que realçam alguns pontos importantes da evolução de nossa imprensa que está por merecer um estudo mais completo e rigorosa análise historiográfica.

Os artigos aqui reunidos foram escritos e publicados no período compreendido entre 1889 e 1986. Cada contribuição busca focar um aspecto individual ou coletivo, sendo todos significativos para a reconstrução da história da imprensa. Trata-se de uma tentativa de preservar registros feitos, de maneira espontânea e a partir de várias dimensões e perspectivas, sem rigor acadêmico e sem maiores pretensões, salientando aspectos da trajetória da imprensa baiana. Este conjunto, de artigos fragmentados, se configura como pequenos recortes sobre momentos significativos do processo de formação cultural de nossa imprensa.

O livro resulta, portanto, do esforço abnegado do jornalista e historiador, doutor Luís Guilherme Pontes Tavares, que vem reunindo, pesquisando e detectando artigos de grandes nomes de nossa cultura que se dedicaram, se preocuparam e perceberam a importância evolutiva da imprensa e contribuíram, em seus trabalhos, com observações preciosas sobre a influência da imprensa, destacando detalhes sócio-político, culturais e profissionais, classificações e definições sobre o jornalismo.

Luís Guilherme, como editor-organizador, enriquece a obra, de maneira criteriosa, ao anexar inúmeras notas explicativas de pé de página que lhe valeram, com certeza, horas de pesquisa, pois ele tem consciência de que escrever história não é simplesmente enumerar nomes, fatos e datas e identificar as singularidades do passado. Ele sabe que existem muitas formas de fazer história e maneiras diversas de pesquisar o passado, trazendo os fatos

³² Prefácio escrito para a segunda edição do livro *Apontamentos para a história da imprensa na Bahia*, publicado em 2008.

acontecidos para o presente, explicando como, onde e porque eles aconteceram. Ele tem pleno conhecimento da necessidade de se contextualizar o levantamento historiográfico, destacando a singularidade de cada análise, contribuindo para que o leitor possa construir novos significados a partir das informações que lhes são oferecidas nestas páginas. E isto é exatamente o que o editor-organizador desta obra faz, contribuindo decisivamente para a reconstrução da trajetória do jornalismo baiano.

O leitor, que conhece a edição original deste livro, perceberá de imediato alguns valiosos e enriquecedores acréscimos que foram feitos e passaram a integrar esta segunda edição, revista e ampliada. Os novos textos de importância histórica anexados são de autoria de Artur Arezio da Fonseca, Milton Santos, Pedro Calmon e Raimundo Bizarria.

O primeiro artigo, dos 12 reunidos neste livro, intitulado “O primeiro centenário da Imprensa Baiana” é de autoria do jornalista, ex-governador e senador Otavio Mangabeira e foi publicado originalmente em 1913. Mangabeira nos oferece uma contribuição expressiva com um levantamento pormenorizado dos jornais baianos desde *Idade d’Ouro*, criado em 1811. Ele identifica e descreve os jornais que surgiram e desapareceram até as comemorações do primeiro centenário da nossa imprensa.

Aloysio de Carvalho (Lulu Parola) aborda também aspectos históricos no artigo “A imprensa na Bahia em 100 anos”, publicado em 1923 por ocasião do centenário da independência da Bahia. Ele registra a mudança que se processava no jornalismo, uma vez que o serviço de informações, fatos e notícias produzidas pelos repórteres se transformaram na alma do jornal, fazendo com que os artigos de fundo, doutrinários e extensos começassem a desaparecer: “O que se quer agora é logo a informação, com profusão de títulos em todos os corpos e os competentes clichês, representativos da ocorrência ou da personagem... é a notícia em pílulas, que não há mais tempo para mastigar doutrinas”(p. 46). E mais adiante destaca: “É convicção minha de que o maior fator de progresso da Bahia, em qualquer departamento da sua grandeza, tem sido a Imprensa, que é um bem incomparável, sempre que acerta, e que, até mesmo quando erra, é um mal necessário” (p. 48-49).

O terceiro texto, de autoria de Raimundo Bizarria, se constitui como sendo o mais antigo dentre todos os deste livro, pois foi publicado em 1889. É um depoimento sobre Manuel da Silva Lopes Cardoso, proprietário do *Diário de Notícias*, fundado em 1º de

março de 1875, e que, segundo desejo do jornalista, era para ser “em tudo: igual ao *Diário de Notícias de Lisboa*”(p. 64). Neste artigo depoimento Bizarria presta uma homenagem a Lopes Cardoso destacando sua conduta à frente do DN “combatendo com a máxima imparcialidade e independência, pelos direitos e regalias de cada uma” das classes sociais de seu tempo (p. 67). De acordo com o articulista, Lopes Cardoso era a própria vida do jornal e destaca: “Durante os meses de março a dezembro de 1875 e todo o ano de 1876 foi ele unicamente quem, redigiu o *Diário de Notícias*” (p. 67).

O quarto trabalho do livro, de autoria de Aloysio de Carvalho Filho foi publicado originalmente em 1960 e faz um recorte da história do “Jornalismo na Bahia: 1875-1960”. Ele registra os jornais da época do DN e os que deixaram de circular, além de destacar como o *Diário de Notícias* influenciou e serviu de modelo para outros jornais que se instalaram com o mesmo objetivo: o de dar notícias com absoluta neutralidade. Segundo Aloysio de Carvalho Filho “era uso, então, inculcarem os jornais, logo pelo batismo, a missão política, crítica ou puramente literária, a que se propunham”(p.70). Ele faz uma análise dos principais jornais do período, salientando o desempenho e a participação dos mesmos nos eventos e debates políticos. Identifica também os principais redatores e respectivos proprietários. Analisa ainda as dificuldades e cita os jornais que conseguiram ter vida efêmera e os de mais alta longevidade: “se outras virtudes não possuíssem, teria, pois o *Diário da Bahia*, o *Diário de Notícias* e o *Jornal de Notícias* a da longevidade, o que, em tema de imprensa, significa merecimento” (p. 77). Em síntese, ele faz um estudo breve de cada jornal, apresentando uma visão geral do que foi a imprensa no período estudado.

O quinto artigo é de autoria de jornalista, historiador e professor Antonio Loureiro de Souza, cujo título dá nome também a este livro. Loureiro se detém ao período compreendido entre 1811 e 1972 e já abre o artigo denunciando que “a partir de 1911, até à época atual [1972, quando foi publicado seu artigo originalmente] nada existe sobre a história da imprensa baiana, senão artigos esparsos, enfocando alguns aspectos isolados”. E exatamente por isso ele se propôs a avançar no tempo visando “melhorar e corrigir” o conhecimento que se tinha da história da imprensa. Ele faz um retrospecto da imprensa baiana a partir de 1811, quando do lançamento de *Idade d’Ouro do Brazil*, apresentando uma relação mais completa dos jornais. Identifica também os principais jornalistas que

passaram pelos inúmeros veículos citados, até os jornais contemporâneos [década de 1970], incluindo-se aí os jornais semanais e inúmeras revistas que foram lançados e desapareceram nos anos 60 e 70, vinculados a instituições públicas, privadas e universitárias.

O sexto ensaio é de autoria do biógrafo, jornalista e ex-governador Luiz Viana Filho, publicado em 1980 sob o título de “Alguns aspectos do jornalismo baiano”. Trata-se de um depoimento relatando as transformações que ele acompanhou na imprensa no período de 1920 a 1980: “o jornal, de modo geral, nada tinha de uma empresa comercial – era antes e acima de tudo um instrumento político”(p. 118). Luiz Viana refere-se à boemia e cita os nomes dos grandes jornalistas de seu tempo, explicando que as redações estavam cheias de “intelectuais boêmios ou jovens que tinham o olho mais na política do que no ordenado, pois, assim como Joaquim Nabuco pôde escrever que as Faculdades de Direito eram, na primeira metade do século XIX, espécie de ante-sala do parlamento, os jornais passaram a ser seguro degrau para a vida pública”(p. 119). Em seu depoimento sobre os companheiros jornalistas ele destaca as figuras emblemáticas de Ranulfo Oliveira, Aloysio de Carvalho filho e Simões Filho.

O sétimo trabalho é de Artur Arezio da Fonseca, “Uma visita à Imprensa Oficial”, que é um dos quatro novos textos incluídos nesta edição e foi publicado originalmente em 1916. Trata-se de uma crônica que fala sobre a vida das oficinas da Imprensa Oficial da Bahia, detalhando cada espaço, cada máquina e o trabalho ali realizado. É um verdadeiro e sincero depoimento de como funcionava a imprensa oficial.

O oitavo artigo, de autoria de Honestilio Coutinho, foi publicado em 1923 e também versa sobre a Imprensa Oficial do Estado. Didaticamente discorre sobre os objetivos que levaram o governo a criar, detalhando o porque e como foi criada e como funcionava a IOE. Descreve a infra-estrutura física e de equipamentos existentes à época, além de apresentar um breve histórico das primeiras administrações do órgão e os recursos humanos disponíveis na época em que o artigo foi escrito.

O nono artigo, de Antonio Vianna, denominado de “A Notícia”, publicado em 1912, talvez seja a primeira tentativa de se definir e classificar a notícia jornalística, quanto ao gênero e suas mais variadas formas de transmitir as informações de que se tem informação.

Além de levantar as questões da responsabilidade social e ética que o jornalista deve ter ao redigir uma notícia. Segundo sua classificação as notícias podem ser: “notícias felicitantes; notícias necessárias; notícias aristocráticas; notícias vagabundas; notícias graves, agudas, temidas e caluniadas” (p.164). Sobre as notícias caluniadas, diz ele: “são todas aquelas que revelam fatos comprometedores a indivíduos que precisando de inocentar-se, com uma das mãos segura a máscara da hipocrisia, enquanto com a outra brande a clava iconoclasta [destruidora] da sua perfídia contra a verdade, arrastando ao pelourinho da sua ignomínia a honra, a consciência, a dignidade do jornalista”(p. 164).

O décimo artigo também foi recém-incluído neste livro e foi publicado originalmente no ano de 1956. É o artigo de autoria do jornalista, geógrafo e cientista social baiano Milton Santos que faz exatamente o que o título do mesmo sugere, ou seja, a “Classificação funcional dos jornais brasileiros – As regiões jornalísticas”, onde se percebe a visão do geógrafo e como ele contextualizou o crescimento e a distribuição dos jornais frente ao desenvolvimento das cidades, frente à evolução dos meios de transporte e como a concentração urbana modificou e influenciou o modo de se fazer jornais:

O jornal se beneficia, como meio de comunicação que é, das múltiplas vias de comunicação que o mundo moderno lhe põe à disposição. Mas a notícia tem uma mobilidade muito maior. Ela se transmite de um ponto do mundo ao seu antípoda no instante mesmo em que o fato se realiza – o milagre do teletipo é uma das maravilhas de nossa época – e as equipes especializadas de tradutores fecham o elo respondendo à chamada feita pelos correspondentes internacionais.

Milton Santos analisa ainda as dificuldades da circulação e distribuição dos jornais pelas mais variadas regiões de um país. Dentre sua classificação dos tipos de jornais, ele define o que são o jornal nacional, o estadual, o regional e o local quanto à circulação e à maneira como tratam as notícias das regiões.

O décimo primeiro e um dos quatro novos incluídos neste volume, é assinado por Pedro Calmon e versa sobre “A Imprensa e a Literatura” que se completam “com a circunstância de que não houve escritor destro, sem a passagem acidental ou prolongada pelo jornalismo” (p. 175). Trata-se do texto de uma conferência que fez em 1980, no qual utiliza inúmeros exemplos de nossa literatura e do jornalismo para mostrar o quanto um depende do outro e o quanto estão próximos: “Quem recordará em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, a nervosa reportagem para *O Estado de S. Paulo* em meio de jagunços e legais,

quando se temia que os lauréis da República morressem, afogados pelo chique-chique e pelo gravatá da caatinga, nas planuras sedentas de Canudos?” (p. 181). Em outros trechos ele diz: “O que passou é jornal, o que perdura, literatura”(p. 182), ou ainda “Jornalismo e literatura equivalem-se”(p. 187), [...] “Têm igual procedência a notícia e o romance, a reportagem e o tratado, o periódico e o douto livro. São gêmeos na natureza”(p. 187).

Encerrando o livro se encontram as “Oito razões (dentro outras) para que exista curso de Jornalismo”, de autoria de Jorge Calmon, que foi um dos maiores defensores do diploma e dos cursos de jornalismo, além de ter sido responsável pela implantação e um dos primeiros professores do curso de jornalismo na Bahia, no ano de 1949. O discurso de Jorge Calmon, paraninfo da turma de jornalismo 1986 da UFBA, da qual tive a honra de ser o professor homenageado, é uma aula de jornalismo, de ética, de responsabilidade social e da importância social do jornalista e do jornalismo: “Ser fiel à verdade é, pois, o primeiro dever do jornalista. E o que fornece a verdade é o fato [...] O erro estará em silenciar, escamoteando do público o direito à informação, pela qual, por sinal, ele paga, ao comprar o exemplar” (p. 200).

Concluindo este prefácio, posso afirmar que este livro indica caminhos para que possamos dar início a um criterioso levantamento, realizar novas análises e interpretações para traçar definitivamente as bases para a história da imprensa da Bahia. Este livro, graças à persistência de Luís Guilherme, que trabalhou com afinco para localizar e distinguir o valor histórico de cada contribuição ou autor aqui incluindo, é o ponto de partida para o desafio lançado por Jorge Calmon no prefácio da primeira edição: “A imprensa exige sua história”.

**Salvador, janeiro de 2008,
ano em que se comemora os
200 anos de imprensa no Brasil.**

TERCEIRA PARTE

RESENHAS

PARA LER TIÊTA³³

O esquema promocional de lançamento do último livro de Jorge Amado foi tão intenso que recortei todos os artigos, críticas e noticiários que envolveram Tieta nestes meses. Li e guardei artigos de jornais e revistas. Os oba-ôbas e as críticas mais radicais. No último fim de semana, reli todos eles de uma só sentada. Nas entrevistas que o cacique da literatura baiana concedeu, destaquei partes essenciais. Jorge, aos 65 anos, é um homem realizado, sereno, coerente e dono de uma vitalidade criadora sem igual.

Acusado e perseguido por uns e enaltecido por outros, de 1931, quando do lançamento de *O País do Carnaval*, para cá, Jorge Amado já vendeu mais de dez milhões de exemplares em todo o mundo. Seus 23 títulos estão traduzidos em cerca de 40 idiomas diferentes. A indústria cinematográfica já o descobriu e cinco de seus livros (*Capitães de Areia*, *Seara Vermelha*, *Terras do Sem Fim*, *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e *Tenda dos Milagres*), foram transformados em filmes. *Gabriela* virou novela, enquanto *Teresa Batista* e *Jubiabá* aguardam início de filmagens.

Por tudo isto e muito mais, Jorge pode ser considerado um autor realizado. Mas, o sucesso também tem seus inconvenientes. Os despeitados aí estão, acusando-o de não saber escrever bem, de ser chefe da máfia baiana, de possuir grupo de oba-ôbas, de homem incoerente, de explorador de sexo, sem posição política definida, de acomodado e mil outras coisas.

Apesar de tudo, em todas as entrevistas, ele pouco se defende. Prefere dar a volta por cima: “Não somos uma máfia, somos uma nação. Uma nação romântica, sensual e mágica”.

- Sou socialista, meu filho, mas sou democrata. Cada um tem o direito de pensar o quiser.

O amadurecimento de Jorge Amado pode ser sentido em todas as suas respostas, descontraídas, simples, porém de efeito conotativo. Por que abandonou a política?

- Chegou um momento em que tive de escolher entre a política ativa ou ser um escritor de tempo integral. As atividades políticas estavam tomando muito tempo, e havia muitos políticos, mas poucos escritores.

³³ Artigo publicado no dia 24 de dezembro de 1977 no Jornal A TARDE, página 05 do Caderno 2.

E Jorge assumiu o ofício. Aliás, ele costuma dizer que o tempo de ócio é indispensável a um escritor: “Uma das desgraças da nossa literatura é o amadorismo. A literatura deve ser um ofício”.

Afirmam que Jorge Amado se notabilizou como um escritor politicamente engajado que traiu seus princípios. Atualmente, querem menosprezar seu valor, comparando-o a escritores menores, tachando-o de romancista humorístico.

O crítico americano, Edwin McDowell, apesar de ter feito uma síntese das mais perfeitas sobre Jorge Amado, numa página do *Wall Street Journal*, reproduzida na Bahia pela *A Tarde*, também o classificou como “romancista cômico, amplamente admirado”. Não sei se McDowell entendeu, ou melhor, se chegou a sentir toda a irreverência e sensualidade própria dos baianos e que Jorge tão bem soube captar através de seus personagens. Ao que parece, McDowell também andou misturando as coisas.

Sobre o assunto, Mário Cabral saiu em sua defesa: “Jorge Amado não é absolutamente, um romancista cômico, mas um romancista que sabe utilizar como nenhum outro o humor e a ironia”.

O feiticeiro Jorge Amado, como o chamou Marcos Santarrita, é um homem de personalidade. Ele costuma afirmar que não mudaria uma só palavra em qualquer de seus livros: “muitas coisas eu talvez não escrevesse hoje porque não acredito mais nelas, mas não mudaria porque na época acreditava”. Jorge é dos tais que não renega nada de sua produção, nem nunca andou recolhendo (tirando de circulação) nada que hoje já não lhe agrade.

– Meu prazer de escritor – diz o romancista – é exatamente esse, conceber e realizar o livro, viver com os personagens, alegrar-me e sofrer com eles.

Pessoalmente, não tenho maiores aproximações com o cacique Amado, com quem tive poucos encontros devido a atividade profissional que exerço. Não sou crítico. E exatamente por isso, posso dizer, com a tranqüilidade de ser apenas um de seus leitores e sem o medo de ser acusado de querer engrossar o cordão, que Jorge Amado não pode ser julgado por um livro. Quem quiser emitir opinião terá que analisar sua obra, que é uma das mais legítimas expressões da cultura baiana no particular, e da brasileira no geral. Acredito que, por ter lido todos os artigos e entrevistas concedidas nos últimos meses, passei a sentir um pouco mais o homem que se esconde por trás de todo um mundo mágico, cheio de

personagens e de um colorido especial, e que agora já estou apto para ler as 600 páginas de *Tieta do Agreste*, que aguardam na estante por um tempo livre, não como mero leitor, mas como uma pessoa que conhece algo mais e que por isso mesmo poderá sentir melhor toda a trama urdida por seu criador. Digo que o livro aguarda na estante porque, na opinião de muitos, quando se começa a ler *Tieta* tem-se que ir até o fim. E exatamente por não querer interromper a leitura, aguardo tempo suficiente para ler o “best-seller” amadiano sem interrupções.

Encerrando, gostaria de reproduzir palavras de Ferreira Gullar: “na sua despreensão, *Tieta do Agreste* é uma obra ambiciosa e madura, das melhores do autor. Ambiciosa pela quantidade de temas e problemas que abarca, e madura pela maneira como tais temas são trabalhados e conduzidos. Com mão de mestre”.

O PERCEGONHO DE GUIDO³⁴

O mestre Raul Sá, sempre que fala de Guido Guerra, não esconde a satisfação, que esta revelação baiana no setor editorial, lhe proporciona. Afinal, ele foi quem primeiro acreditou no autor de *Percegonho Céu Azul do Sol Poente* como escritor. Sempre destacou o estilo vibrante do cronista e contista Guido Guerra que agora se faz romancista. Melhor dizendo, consolidou a imagem que começou com *As Aparições de Dr. Salu*.

Sou admirador do trabalho de Guido já há algum tempo. E desde que li e reli a crônica “O Mágico e a criança triste”, que integra o livro *Na Casa do Sem Jeito*, editado em 1969 pela Cimape Editora, senti o potencial que este autor armazenava e agora já produzindo frutos mais maduros. Para quem acompanha a trajetória de Guido, fácil se torna constatar que se trata de um autor que pesquisa, que trabalha no texto e que tem a coragem de inovar numa época em que o comodismo literário é moda.

Guido inovou na linguagem empregada em *Dr. Salu*, onde vários trechos se destacam como verdadeiros poemas (suas primeiras experiências com as letras foram versos, é bom que se revele). Não se acomodando e consciente do trabalho que realiza, o autor continuou inovando e criando em *Percegonho*. Guido não se satisfaz com formas pré-fabricadas. Ele cria situações, não se repete na linguagem – entre *Dr. Salu* e *Percegonho* existe uma diferença incrível – e como bom jornalista e cronista que é, soube destacar, mais uma vez, em seu trabalho a presença do homem, que é sua razão maior.

Ele retrata em *Percegonho*, uma estrutura social onde o homem, vilipendiado, violentado, luta para continuar sendo ele mesmo, para não ser massacrado nas engrenagens sociais.

Como já escreveu Ariovaldo Matos, *Percegonho* “é uma realização de autor corajoso, desses que não procuram efeitos fáceis. É um romance comprometido com teses agressivas a quantos detenham as rédeas do Poder, tanto o público quanto o de origem privada, usando-as com desrespeito às aspirações populares”.

³⁴ Artigo publicado na página 04 do primeiro caderno de *A TARDE*, no dia 27 de janeiro de 1977.

É exatamente isto que faz Guido Guerra em *Percegonho*: luta, através do personagem, e denuncia como autor, através da ficção o desrespeito à pessoa humana num mundo onde, como disse Rui Barbosa, o homem honesto sente vergonha de ser honesto.

Percegonho vem dividindo opiniões com relação ao jogo de palavras e o excesso de vírgulas, presentes em todas as páginas do livro. Ora, ninguém pode agradar a todos e acredito que esta não foi a intenção do autor, muito mais preocupado em trabalhar com independência e longe de influências, pesquisando, através de experiência própria, novas formas para uma literatura que parou no tempo no que se refere à criação de formas. O jogo de palavras e as vírgulas em excesso são uma experiência válida.

Não sou crítico para fazer uma análise profunda do livro, mas como leitor posso opinar com segurança: *Percegonho* é um livro que merece ser lido. Trata-se de um livro que envolve, devido a agilidade do texto e o jogar dos fatos, ou seja, numa linguagem contagiante, Guido vai colocando o romance em fatias, que vão dando a compreensão global para o leitor.

Com este novo romance, Guido Guerra deu a arrancada definitiva. Agora, ninguém segura mais o autor. Ele deixou de ser uma promessa, já é uma realidade.

FRAGMENTOS E RAIOS³⁵

Não sou crítico literário, mas um leitor sensível que sabe identificar quando a criação poética vem de dentro, despojada de qualquer sentido político ou ideológico, buscando apenas um espaço para transmitir a mensagem de seu criador ou para retratar o mundo de acordo com o prisma do poeta, colocando uma conotação toda especial nas coisas mais simples, transformando assim o lugar-comum do dia-a-dia em algo muito especial. E é exatamente isto o que as poetisas Ana Virginia Passos Rios e Valquíria Barbosa, respectivamente autoras dos livros *Fragmentos de Um Tempo* (Edições Hebrasil) e *Raios de Sol* (Editora Abaeté) conseguem fazer. Li os dois livros vagarosamente apreciando cada verso, buscando as mensagens contidas também nos entreversos.

Ana Virginia e Valquíria são poetisas que expressam sentimentos e preocupações com inúmeras questões, sem, no entanto, serem engajadas sob qualquer aspecto dogmático. Utilizando-se da liberdade formal preconizada pelo modernismo, tanto Ana como Valquíria conseguem conduzir o leitor a um mundo mágico, onde a realidade, a fantasia e a sensibilidade entrelaçam-se em cores próprias através das páginas de seus livros.

Mesmo sem apresentarem um projeto estético definido, as poetisas conseguem transmitir a mensagem que se espera encontrar em um livro desta natureza. Tal mensagem não compromete as tradições poéticas nem fere a sensibilidade dos leitores mais exigentes. Apesar disto, uma leitura mais atenta nos permite constatar que existem virtudes e equívocos. Altos e baixos, o que é natural em se tratando de livro de estréia. Em síntese, pode-se afirmar que as duas demonstram, através dos 50 poemas que integram cada um dos livros, excelente domínio verbal, apresentando uma linguagem clara, precisa, com imagens simples, mas profundas quanto à conotação.

Através do título de seu livro, *Fragmentos de um Tempo*, Ana Virginia anuncia o que, literalmente, o leitor encontrará, em doses adocicadas, sob a forma de versos. Versos criados livres, junto aos elementos da natureza, ao sabor do vento, sob a chuva ou calor do sol, num ambiente poético através do qual deixa transparecer as imagens singelas e puras e, ao mesmo tempo, transporta o leitor para o mundo sensorial do poeta. Ana canta o amor, a

³⁵ Artigo publicado no jornal *A TARDE*, edição do dia 16 de dezembro de 1988, na página editorial.

vida e seus sonhos embalados no cheiro da terra, como frutos de sua imaginação criadora ou de sua própria vivência. Sua poesia é sensual:

**“Eu quero você como chuva em telha-vã.
Como praga em jardim,
Como doença que não deixa doer.
Eu quero você como coisa ruim
Como chuva no domingo.
Como o que não deve acontecer.”**

A natureza também tem uma presença marcante em seus versos: **“O vento da tarde entrava manso pela janela / Trazendo o cheiro da chuva para perto de mim”**, ou ainda:

**“A cor do barro pintou todo o mato que margeia o caminho
Pintou o arame das cercas
Coloriu os pés da gente
Juntando homem e terra num só destino”.**

Valquíria Barbosa como todo poeta de fato, também se expressa por associação de imagens. Entre suas qualidades evidenciadas nos versos contidos em *Raios de Sol*, agrada-me a humildade com que manipula as palavras, tecendo poemas, sem, no entanto, demonstrar submissão. Ela comunica a sua mensagem, transmitindo os seus próprios sentimentos, deixando transparecer em seus versos as cicatrizes de sua felicidade.

Valquíria transmite ao leitor a visão intimista do seu mundo e do contexto no qual sua vivência poética vem transcorrendo. Ela encara a vida sob um prisma que é só seu, de cor e forma definida, destacando-se um forte romantismo que consegue sobreviver em seu íntimo, apesar de sua vida profissional atribulada.

O poema intitulado “Teorema” é a síntese de tudo o que poderíamos dizer sobre o livro de Valquíria:

“Eu quis fazer um poema

**Que não fosse triste
E não fosse cruel
Contudo fiel
E ainda real, que falasse de amores
Enaltecasse as flores
Incentivasse o cantar
Mas não achei rima
E ainda por cima
Não consegui versar
E assim o poema
Virou Teorema
Sem se demonstrar”**

Concluindo, só nos resta saudar estas duas poetisas que se abrem para o público leitor, nos oferecendo o fruto de suas entranhas: a concepção e a própria criação poética. O poema é uma obra de criação, é uma arte. E como tal pode comunicar ou não. E os poemas de Valquíria como os de Ana Virginia conseguem comunicar, e isto é, no meu modo de ver e sentir, cumprir o papel para o qual foram criados.

NARRATIVA DE BASTIDORES³⁶

Nos Bastidores da Notícia, como o próprio autor diz é um livro que procura mostrar “o que ficou por trás das notícias nesses últimos 19 anos”. Pretende ser, na verdade, a memória do que não foi veiculado pelos meios de comunicação de massa.

Baseando-se em anotações jornalísticas e em seus arquivos Alexandre Garcia, usando um texto claro, conciso e objetivo, recheado de humor e ironia, transmite ao leitor fatos, muitas vezes pitorescos, da nossa história contemporânea, sem, no entanto, se colocar como historiador. Sem agredir o leitor com a paixão ou radicalização partidária, apesar de deixar claro suas posições ideológicas, simpatias e preferências, ele constrói a narrativa, amarrando as notícias que já foram manchetes dos jornais e destaque nas emissoras de televisão com os fatos acontecidos nos bastidores. Fatos que o autor, no exercício da profissional, teve oportunidade de testemunhar ou de se envolver como ator, personagem ativo, responsável também pelo processo vivido.

O livro, dividido em quatro partes, está diretamente relacionado com a vida profissional do autor. A primeira parte corresponde ao período de maio de 1971 a abril de 1979, quando, trabalhando no *Jornal do Brasil*, conta suas primeiras mancadas jornalísticas e como o ambiente e os conselhos dos profissionais com quem conviveu contribuíram para sua formação e amadurecimento. Durante esta etapa, Alexandre Garcia descreve fatos relacionados com os governos militares do Cone Sul, registrando episódios que envolveram a queda de Isabelita Perón e a ditadura de Pinochet.

Depois das aventuras vividas na Argentina de Isabelita e de realizar inúmeras coberturas internacionais, Garcia é transferido para Brasília.

Na Capital Federal passou a conviver com as figuras mais relevantes do mundo político contemporâneo brasileiro e pôde acompanhar o processo da abertura política iniciado pelo presidente [Ernesto] Geisel, a demissão de Sylvio Frota, o afastamento de Aureliano [Chaves] e a escolha de [João Batista] Figueiredo. Dessa época ele apresenta declarações de autoridades não publicadas pela imprensa e registra sua participação nas

³⁶ **Resenha crítica do livro *Nos Bastidores da Notícia*, de Alexandre Garcia, publicada no dia 16 de março de 1991, na página 8 do caderno Cultural de A TARDE.**

comitivas oficiais do presidente Geisel à Alemanha e Japão, quando crítica o comportamento de alguns jornalistas, companheiros de viagem.

A segunda parte do livro refere-se ao período de abril de 1979 a novembro de 1980, intitulada “No Palácio do Planalto”. Essa parte registra sua ascensão e queda como assessor de Comunicação de Figueiredo. Participando da intimidade palaciana e convivendo com Figueiredo, Golbery, Rubem Ludwig, entre outros, Garcia revela o posicionamento desses homens perante certos acontecimentos. Registra também os percalços do jornalista na tentativa de realizar um trabalho, assumido por ele como sendo o correto, diante dos interesses políticos que acabaram atropelando o seu desempenho profissional. Nesta etapa, ele conta suas brigas e disputas pelo poder com Said Farhat, que resultaram em sua demissão, apesar de a gota d’água ter sido uma entrevista que concedeu à revista Playboy. Sua narrativa sobre a demissão deixa transparecer um certo grau de parcialidade, pois ele se coloca, todo o tempo, como herói e dono da verdade.

A terceira parte do livro, intitulada “Na Manchete”, corresponde ao período em que trabalhou para o grupo Bloch, de dezembro de 1980 a fevereiro de 1988. Talvez, por ser mais recente, foi também o período em que o autor dedicou mais espaço no livro. Nesta etapa ele conta como o grupo Bloch foi agraciado com a concessão de uma rede de televisão.

Neste capítulo, Garcia faz várias revelações sobre o presidente Figueiredo, registra diálogos interessantes com Ludwig, Golbery e Heitor Ferreira. Reproduz também entrevistas produzidas com Jânio Quadros, Leonel Brizola e realiza análises satíricas do comportamento destes políticos. Demonstra também a influência que dona Dulce exerceu sobre várias atitudes de Figueiredo, inclusive o envolvimento dela na queda do governador Lamaison, do Distrito Federal.

Várias viagens e reportagens realizadas nesta época são registradas sempre com observações e conclusões do autor, que também apresenta alguns dados de um dossiê da morte de Alexandre von Baumgarten e o cinismo do raciocínio do general Newton Cruz que levantava dúvidas sobre a morte do jornalista. Um trecho deste capítulo que merece destaque é o que ele aborda a sucessão de Figueiredo, quando vários diálogos e opiniões são registrados, bem como as visitas que Tancredo Neves fez ao presidente.

Sobre a sucessão de Figueiredo, ele tenta demonstrar também o “comprometimento” da imprensa que tratava Paulo Maluf como réu/culpado e facilitava tudo para Tancredo. Aborda ainda as repercussões de algumas reportagens que publicou com Figueiredo e descreve a tragédia de Tancredo [Neves], quando afirma que ele morreu algumas horas antes do anúncio oficial. As dificuldades e interferências de Ulysses Guimarães no governo Sarney também são abordadas, bem como a falta de humildade do presidente da Nova República. Durante o Plano Cruzado, quando Sarney atingiu 80% de popularidade ele “sucumbia à tentação de governar direto com seu povo, passando por cima de partidos políticos”. Segundo Garcia, nem da imprensa Sarney acreditava precisar.

A quarta e última parte do livro, “Na TV Globo”, Alexandre Garcia registra sua vivência no período de março de 1988 a maio de 1990. Aqui ele tenta desfazer os mitos que envolvem a Rede Globo e descreve o crescimento da popularidade de Fernando Collor, abordando aspectos da campanha eleitoral que culminou com sua eleição à Presidência da República. Mais uma vez ele tenta mostrar as “preferências” dos jornalistas que, a exemplo da eleição de Tancredo, também, segundo Garcia, teriam escolhido e apoiado um candidato, só que desta vez ele acabou não sendo o escolhido. Nesta parte ele tece alguns comentários sobre a postura, formação e o envolvimento dos profissionais de imprensa.

Em resumo, Alexandre Garcia admite ter escrito este livro pensando nos que gostam de jornalismo e podemos acrescentar que, apesar de muitos não gostarem do autor por suas convicções políticas, *Nos Bastidores da Notícia*, até pelo fato de serem poucos os livros deste gênero, no Brasil, deve ser lido principalmente pelos profissionais e estudantes de jornalismo. Apesar de suas falhas, do deslumbramento exacerbado do autor em relação aos países desenvolvidos e dos trechos nos quais ele se coloca como verdadeiro herói, o livro não deixa de ser uma contribuição à história contemporânea, no qual Alexandre Garcia desenvolve também alguns conceitos de jornalismo, cuja objetividade e imparcialidade estão, no momento, sendo questionados. O livro, como um todo, merece ser lido.

REVENDO A MÍDIA ELETRÔNICA³⁷

O Século Dourado: A comunicação eletrônica nos EUA, de Sebastião Squirra, editado pela Summus Editorial, é antes de tudo um livro que ajuda o leitor a entender o fenômeno comunicacional vivido nos Estados Unidos. É uma contribuição importante, pois, com a queda das fronteiras tecnológicas e em tempo de globalização, a experiência americana poderá ser de grande utilidade para a realidade futura da televisão brasileira, que já começa a sofrer a influência da chamada televisão por assinatura, e daqui para a frente muita coisa vai mudar, no que diz respeito, principalmente, ao mercado publicitário, audiência e produção televisiva.

Squirra, além de ser professor de Telejornalismo, é um profissional militante de televisão, o que lhe permitiu escrever este livro sobre a comunicação eletrônica americana com a visão crítica e criteriosa de quem conhece o veículo na prática e na teoria. O livro está dividido em seis capítulos, onde a abrangência e a riqueza de informação o transformam numa obra de referência.

Trata-se de um livro que levará os estudiosos a repensarem, por analogia, o futuro da mídia eletrônica no Brasil, principalmente quando se constata que a televisão a cabo e a emergência das produtoras independentes, que mudaram o mercado televisivo americano, poderão também modificar o futuro da TV brasileira.

Os três primeiros capítulos têm um objetivo histórico. Descrevem o desenvolvimento dos meios e o jornalismo eletrônicos, as influências sofridas e a constituição dos sistemas de redes. O capítulo que aborda o rigor das regras e dos códigos de conduta estabelecidos pelo FCC (Comissão Federal de Comunicação) é importantíssimo, pois descreve, inclusive, como funciona o processo de concessões de canais, impedindo, a multiplicidade de domínio de canais de TV numa mesma região e até mesmo proibindo que empresas de jornalismo impresso possuam emissoras de TV na mesma área em que publicam seus jornais.

Tal restrição impede o que se constata no Brasil, onde a concentração de propriedade de veículos de comunicação (jornal, rádio e TV), simultaneamente, por um

³⁷ **Resenha crítica do livro *O Século dourado: a comunicação eletrônica nos EUA*. O artigo foi publicado no dia 28 de dezembro de 1996, na página 10 do suplemento Cultural do jornal *A Tarde***

mesmo grupo, numa mesma região, pode ser encontrado como um fato comum. As normas e códigos do FCC além de impedirem o monopólio asseguram a diversidade de idéias.

Os três últimos capítulos, bem mais contemporâneos, descrevem o surgimento e crescimento da televisão por cabo, o fenômeno da CNN (Cable News Network), de Ted Turner, e o desenvolvimento do telejornalismo. Os três últimos capítulos apresentam, inclusive, as tendências que estão indicando futuras mudanças. Modificações que podem ser efetivadas a partir da influência exercida pelas minorias e pelos videovigilantes, que é composta por mais de 14 milhões de cidadãos, armados com câmaras portáteis de vídeo, que estão conquistando espaço nos telejornais e veiculando suas produções com denúncias de abusos praticados contra pessoas indefesas.

Squirra demonstra bem a explosão do sistema de TV por cabo e descreve como tal advento proporcionou o fim da hegemonia das três grandes redes (ABC, CBS e NBC) da televisão americana, permitindo maior liberdade de escolha para a audiência. Idêntica tendência já se pode verificar no Brasil com a implantação da TV paga via satélite. Só temos a lamentar que as preocupações do FCC americano não tenham sido objeto da análise dos nossos legisladores, que estão permitindo que a concentração de propriedade de veículos de comunicação aumente ainda mais o poder de certos grupos que, além de serem proprietários dos sistemas de TV de transmissão aberta (Globo, SBT, Band etc...), ainda estão explorando o sistema de televisão por assinatura.

O livro de Squirra, portanto, merece ser lido por todos, sejam profissionais da área, legisladores ou consumidores dos produtos dos veículos de comunicação eletrônicos.

ESTUDO DE NANICOS³⁸

Durante a década compreendida entre 1968 e 1978, o Brasil viveu um período no qual a imprensa foi submetida a todos os tipos de controle, destacando-se a censura policial. Foi durante este período que surgiram inúmeros jornais alternativos. Os chamados “nanicos” surgiram num momento de crise institucional decorrente do recrudescimento do regime militar de 1964 e como uma alternativa para os jornalistas que queriam dizer o que era proibido na grande imprensa.

Vários livros têm sido lançados procurando esclarecer o papel da imprensa alternativa no Brasil durante o pior período das relações entre o Estado e a imprensa. No mês de dezembro passado, a EDUFBA – Editora da Universidade Federal da Bahia – lançou *Os Baianos que rugem: A imprensa alternativa na Bahia*, que se constitui numa contribuição impar, uma vez que evidencia a existência da imprensa alternativa também na Bahia. Trata-se de um trabalho coletivo desenvolvido por cinco autores (Gileide Vilela, Gustavo Falcón, Rosa Beatriz Gonçalves, Ruy Aguiar Dias e Terezinha Flor) e que tem três objetivos: (1) saber se a imprensa alternativa estaria ligada diretamente à censura numa relação de causa e efeito; (2) saber se a imprensa alternativa teve influência expressiva no movimento da contracultura; e (3) identificar quais os fatores sociais e culturais que possibilitaram aos veículos alternativos a vitalidade para inovar no que diz respeito à linguagem e no campo visual gráfico. O livro está dividido em seis capítulos, sendo que apenas o último é dedicado à imprensa alternativa na Bahia, analisando especificamente três jornais: o *Verbo Encantado*, que circulou no período de outubro de 1971 a julho de 1972, o *Boca do Inferno*, que circulou de julho a outubro de 1976, e o *Invasão*, que circulou com apenas um único número em março de 1977.

Os cinco primeiros capítulos do livro realmente são de extrema felicidade pela contribuição e análise do contexto político-institucional da época, abordando a legislação autoritária sobre a imprensa brasileira. Com relação ao sexto capítulo, que trata sobre a

³⁸ Resenha do livro *Os baianos que rugem: A imprensa alternativa na Bahia*, de autoria de Gileide Vilela e Gustavo Falcón entre outros. Texto publicado no dia 11 de janeiro de 1997, na página 11 do suplemento Cultural do jornal A Tarde.

experiência da imprensa nanica na Bahia, deve-se salientar que, como todo trabalho pioneiro, apresenta falhas, ou melhor dizendo, lacunas.

O trabalho é louvável e tem vários méritos, mas os autores deveriam ter entrevistado outros integrantes dos jornais, objeto do estudo, a exemplo de João Santana Filho, Carlos Verçosa e Vitor Hugo Soares, entre outros que poderiam, com seus respectivos depoimentos, ter contribuído ainda mais para ampliar a visão geral sobre a imprensa alternativa na Bahia.

Os autores concluem que “sem afastar as influências diretamente políticas, verificou-se que a alternatividade dos veículos nacionais – e baianos -, sobretudo no seu período mais efervescente, não se vinculava exclusivamente ao quadro institucional decorrente da ditadura militar. As ligações de inúmeros veículos com a contracultura não podem ser ignoradas, bem como as divergências expressas em sua linhas editoriais dos valores da esquerda tradicional, fabricante da vertente que pretende explicar variadas manifestações culturais segundo essa recorrência reativa. O Verbo Encantado, objeto de reflexão neste texto, é a negação da tese a que se fez menção”.

Em síntese, o livro é o início do resgate da memória da imprensa alternativa na Bahia. Dá uma contribuição valiosa, enriquecendo a escassa bibliografia existente, merecendo, portanto, ser lido por todos que queiram entender o que se passou no Brasil contemporâneo, na década compreendida entre 68 e 78.

Se a imprensa nanica não conseguiu atingir seus objetivos – nem sempre conhecidos e expressos por seus editores –, pelo menos foi uma alternativa através da qual os profissionais da área encontraram para colocar a criatividade e a sensibilidade como contraponto à falta de liberdade então existente. Com este livro, *Os Baianos que rugem: a imprensa alternativa na Bahia*, seus autores dão início a uma série de novos estudos que ainda serão feitos visando esclarecer ainda mais esta faceta da imprensa brasileira e em particular da imprensa baiana.

BBC, UM MODELO DE TV³⁹

A Melhor TV do Mundo – O modelo Britânico de Televisão, de autoria de Laurindo Leal Filho, é um livro que procura analisar o modelo britânico de televisão a partir da hipótese de que “os sistemas público e privado de rádio e televisão na Grã-Bretanha estabeleceram uma relação de convivência moderna, diferente de todos os outros modelos existentes no mundo e em particular do modelo brasileiro”. O autor descreve basicamente como funciona o modelo inglês de rádio e televisão, destacando que, na Inglaterra, até mesmo as emissoras mantidas pela publicidade são submetidas a um rigoroso controle público, que, direta e indiretamente, é o responsável pelo aparecimento de um padrão de qualidade sem comparação em todo o mundo.

O livro destaca toda a riqueza criativa e a qualidade da programação da BBC que, segundo o autor, se deve à competição pela audiência e não pelo mercado: “É preciso que o leitor brasileiro dispa-se de idéias preconcebidas e comece a pensar, por exemplo, que o rádio e a televisão podem ser, antes e acima de tudo, serviços públicos e não apenas mercadorias. E que os telespectadores e os radiouvintes, antes de serem consumidores, são cidadãos”.

Em síntese, o livro descreve de maneira sucinta e clara o sistema inglês de rádio e televisão, mostrando como controles sociais eficazes e estáveis podem ser positivos se a pluralidade e especificidade cultural do público forem estimuladas e respeitadas.

No primeiro capítulo, o autor descreve o modelo público de rádio e televisão na Europa ocidental, na segunda década do século, destacando a existência de uma forte vinculação a projetos culturais de caráter nacional desde o seu estabelecimento. Ele conclui que a idéia do serviço público para a mídia eletrônica é comum a todo o subcontinente, mas, quando observado isoladamente por cada país, se constata um distanciamento daqueles ideais.

O segundo capítulo trata sobre “O Mercado Britânico da Mídia”. O autor esboça o entrelaçamento dos interesses empresariais na mídia e analisa o processo legal que regula a

³⁹ Resenha do livro *A Melhor TV do Mundo – O Modelo Britânico de Televisão*, de autoria de Laurindo Lalo Leal Filho. Texto publicado no dia 11 de outubro de 1997, na página 11 do suplemento Cultural do jornal *A Tarde*.

propriedade dos meios de comunicação na Grã-Bretanha. Pela legislação em vigor, os jornais podem controlar até 20% das ações das emissoras de rádio e televisão e vice-versa. A partir de 1995, o Ministério do Patrimônio Nacional passou a defender oficialmente uma modificação na lei com o objetivo de “evitar o surgimento de monopólios ou oligopólios”.

O terceiro capítulo, “A Televisão Independente”, descreve a televisão comercial na Inglaterra, que “atua sob estreito controle público e mantém reserva absoluta dos mercados regionais. Não há vínculo entre os índices de audiências e o lucro das empresas”. A idéia de que a luta pela audiência degrada a programação fez com que um órgão público, a Independent Television Commission (ITC), passasse a acompanhar as programações televisivas.

O quarto capítulo é dedicado à BBC – British Broadcasting Corporation – , contando sua história e fases de desenvolvimento à luz dos princípios que norteiam o serviço público de rádio e televisão na Grã-Bretanha. Laurindo conclui que “o caso da BBC é paradigmático. O fato de ela depender exclusivamente da licença paga pelos telespectadores a torna única em todo o mundo. Foi baseada nestes princípios que a BBC conseguiu formar sua imagem positiva marcada, principalmente, pela qualidade da programação”.

Laurindo Leal Filho conclui constatando que a mídia eletrônica na Inglaterra está sofrendo tantas transformações que seu trabalho “assemelha-se mais a um filme inacabado”. Talvez ele tenha razão, mas este estudo, além de abrir perspectivas para o futuro da televisão, deixa ao leitor as bases necessárias para tirar suas próprias conclusões.

Independentemente disto, o livro apresenta quatro grandes conclusões: (1) hoje, na Inglaterra, não existe mais uma hegemonia do setor público que é representado pela BBC; (2) na Grã-Bretanha não existe um sistema comercial “puro”, como no Brasil, pois o sistema de televisão comercial lá é controlado;. (3) na Inglaterra, o rádio e a televisão fazem parte de um conjunto de relações que formam o mercado único da mídia britânica; e (4) apesar de submetido a pressões , o modelo público de TV da Europa ocidental está conseguindo sobreviver e, no caso britânico, existe um “forte componente histórico-cultural a sustentá-lo, pois a BBC é um patrimônio da nação e sinônimo de credibilidade”.

PARA ENTENDER A PRODUÇÃO DA TV BRASILEIRA⁴⁰

Por meio da Summus Editorial, o professor José Carlos Aronchi de Souza, acaba de lançar o livro “Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira”, oferecendo uma contribuição fundamental para a formação dos profissionais da comunicação que vão trabalhar com a produção de programas televisivos.

O livro é fruto de um trabalho iniciado com a dissertação de mestrado do autor na década de 90 do século passado. No período de dez anos, de 1994 a 2003, ele acompanhou as informações sobre a programação da televisão brasileira, com o objetivo geral de oferecer subsídios para que tanto alunos, como professores e profissionais tivessem acesso a informações que permitissem, com objetividade, “caracterizar e desenvolver uma produção televisiva acadêmica com bases em elementos empíricos”. O estudo teve também três objetivos específicos para entender as respectivas categorias, gêneros e formatos usados em nossa televisão:

1)- Identificar as categorias, os gêneros e os formatos dos programas da televisão brasileira. 2)- Oferecer a quem viesse se envolver na produção de programas de televisão uma visão geral das principais características dos programas e dos objetivos de cada gênero. 3) Identificar os elementos e as etapas de produção de TV que caracterizam cada formato de programa.

Consciente de que só poderia identificar e classificar os programas pela análise da grade de programação de cada emissora, o autor iniciou suas observações e ao final, ele acabou construindo uma tipologia dos programas veiculados na televisão brasileira. José Carlos Aronchi de Souza identificou, na televisão brasileira, a existência de 31 formatos aplicados em 37 gêneros distribuídos em cinco categorias. Entretanto, como não era seu objetivo, apesar de ter identificado um número tão expressivo de programas, ele não se deteve a fazer um histórico de cada gênero. O que ele pretendeu mesmo e conseguiu foi organizar os conceitos sobre televisão, contribuindo desta forma para aumentar o

⁴⁰ Resenha do livro *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira*, de José Carlos Aronchi Filho, publicada na revista *Comunicação & Sociedade*, de São Bernardo do Campo, São Paulo, UMEESP, Ano 26, nº 43, pp. 206-209. (1º semestre de 2005).

conhecimento deste veículo de massa que ocupa um lugar de destaque na vida dos brasileiros.

Neste livro, o autor nos oferece um texto sistematizado, apropriado a servir de guia para os estudantes, pois ajuda os mesmos a reconhecerem os gêneros e formatos transmitidos diariamente pelas redes de televisão do Brasil. A falta de bibliografia específica, que trate do tema gêneros e formatos de televisão, transforma este trabalho num manual essencial, num ponto de partida para o ensino de produção de programas para a televisão. Ao longo do livro são apresentados, discutidos, analisados e definidos as cinco categorias, os 31 formatos e 37 gêneros identificados e classificados. Vale destacar que os gêneros dos programas foram identificados de acordo com a classificação das próprias emissoras e que os formatos dos programas foram analisados de acordo com as características técnicas que acompanham cada gênero.

Porém, o autor nos adverte que “no decorrer do livro são apresentadas várias classificações de categorias e gêneros para programas semelhantes. Nesse aspecto, uma hipótese deste trabalho é a de que a classificação dos gêneros dos programas de televisão no Brasil não acompanha um padrão internacional e é flexível, conforme os interesses de cada rede – o que leva a concluir que a definição dada pelas emissoras tem como objetivo principal atrair o telespectador em vez de se restringir à essência do gênero” (pág. 36).

Mais adiante, José Carlos Aronchi de Souza esclarece, também, “que o termo formato é nomenclatura própria do meio para identificar a forma e o tipo de produção de um gênero de programa de televisão. Formato está sempre associado a um gênero, assim como gênero está diretamente ligado a uma categoria” (Pág.46).

De maneira criativa, usando o mesmo modo de formatação de um programa de TV, Aronchi de Souza dividiu seu livro em dois blocos. No primeiro bloco, intitulado “Um programa para conhecer os programas”, ele escreve sobre a importância do ensino de televisão; apresenta o que precisamos saber para entender as categorias, os gêneros e os formatos; além de ensinar como identificar o tempero da salada dos gêneros. Integram ainda o primeiro bloco mais três capítulos. No primeiro, detalhadamente ele apresenta as definições teóricas e as relações existentes entre as artes e a comunicação. No segundo, ele aborda “gêneros e televisão”, apresentando uma visão de mercado, explica a programação de televisão e explica o que é e como se estrutura uma grade horária de TV, que ele

considera como o ponto-chave para o sucesso no mercado. No terceiro e último capítulo do primeiro bloco, o autor nos apresenta uma visão geral dos principais gêneros de sucesso nas televisões do mundo: na Europa, Estados Unidos e América Latina.

O segundo bloco é dedicado à “Classificação das categorias, organização dos gêneros e identificação dos formatos”. Integra o quarto capítulo, o mais longo e detalhado de todos, vários gráficos da análise feita a partir dos programas apresentados pelas redes de televisão do Brasil, demonstrando que pouca ou quase nenhuma alteração foi registrada em um período de dez anos nos programas de sucesso. Registrou apenas pequenas modificações em alguns deles como a redução do tempo destinado a alguns programas, a exemplo do telejornalismo do SBT. Os gráficos ajudam a compreender as opções de cada emissora no desenvolvimento de suas respectivas programações e o autor faz uma análise de cada gênero na grade de programação das televisões.

Em seu capítulo de encerramento, o autor conclui que o trabalho abre caminhos para que novos estudos dos formatos da televisão sejam produzidos, além de ter chegado também a algumas conclusões definitivas, tais como: “Os gêneros são definidos pela emissora seguindo o seu entendimento e as suas estratégias de marketing. (...) O formato passa a definir um gênero, o que ocorre com frequência na grade horária. (...) O ponto principal da pesquisa foi reconhecer que o formato é o elemento fundamental para a classificação do gênero de programa de televisão e transmiti-lo. A mesma denominação pode ser um formato ou um gênero, como ‘entrevista’. Para definir o programa, deve-se tentar identificar sua essência, da produção ao público-alvo. (...) Gêneros viram formatos e vice-versa”.

Como destacado por José Marques de Melo, no prefácio, este livro é “uma contribuição valiosa, ainda que provisória, para a formação universitária dos profissionais da comunicação”. Sim, este é um trabalho que passa a ser referência para o ensino de produção de programas de televisão, porque além de usar uma linguagem clara e objetiva, fornece exemplos atuais e apresenta todos os pontos práticos necessários à produção de um programa, com a identificação dos princípios básicos e características essenciais a cada programa.

QUARTA PARTE

PERFIS

JORGE CALMON, O PONTO DE REFERÊNCIA⁴¹

No ano de 2005, Jorge Calmon estará completando 90 anos de idade, dos quais mais de 60 anos dedicada ao jornalismo diário, trabalhando no jornal *A Tarde*. Inúmeros eventos vão acontecer durante todo o ano para comemorar a data. A *NEON* antecipa-se a estas comemorações, dedicando sua capa ao decano dos jornalistas baianos.

Desde o momento em que decidimos dedicar uma capa ao jornalista Jorge Calmon – o Dr. Jorge, como o chamávamos na redação do jornal *A Tarde* -, assumi a responsabilidade de esboçar este perfil da figura do Jornalista Maior que ele é, mesmo sentindo o peso da responsabilidade. Várias pessoas já destacaram as suas inúmeras qualidades. Repetí-las, acrescentando outras seria fácil. Difícil é encontrar uma outra qualidade que não tenha sido ainda lembrada e registrada.

Partindo desta constatação, optei por dar um testemunho objetivo, conciso e preciso. Um relato sobre este profissional que merece, mas reluta em aceitar homenagens e elogios, pois os considera exagerados. Na verdade, todas as homenagens que já lhe foram prestadas em vida estão aquém das que ele realmente merece, principalmente por sua atuação, não apenas como jornalista, mas como homem comprometido com a cultura e a preservação das entidades culturais da Bahia.

Quem não teve o privilégio de conviver no dia-a-dia de uma redação, sob o comando deste profissional da imprensa, não pode imaginar que por traz de sua figura tranqüila - a imagem clássica de um verdadeiro *gentleman* - existe um jornalista cheio de energia, possuidor de uma força de vontade capaz de mover montanhas para defender os interesses da Bahia.

Esta é uma qualidade, entre outras, que gostaria de destacar, pois a imagem do jornalista Jorge Calmon se confunde com a imagem do cidadão consciente, do homem público que sempre soube exercer o seu ofício em benefício da comunidade. Além de mestre do jornalismo, emérito professor universitário e historiador, com vários livros

⁴¹ Texto publicado na revista *NEON*, edição de nº 47, de dezembro de 2004. Jorge Calmon morreu no dia 18 de dezembro de 2006.

publicados, ele se projetou como uma das personalidades mais marcantes da Bahia e que continua sendo ouvido e consultado por dirigentes de várias entidades baianas.

Consciente das funções sociais que um jornal deve desempenhar junto à comunidade, com equilíbrio e senso de percepção, enquanto esteve à frente do jornal *A Tarde*, ele soube dar continuidade aos objetivos traçados por Simões Filho, ajudando a transformar aquele jornal, durante o século passado, num porta-voz das minorias e injustiçados, defendendo, em campanhas memoráveis, os interesses da Bahia. Sob seu comando, o jornal de Simões Filho tinha a Cara da Bahia e quando queríamos saber o que acontecia na terra, bastava ler aquele veículo, que já foi considerado inclusive como sendo uma instituição baiana devido aos laços que mantinha com a cultura e as tradições locais, dando espaço a todas as manifestações culturais, políticas, religiosas, sociais e econômicas que aqui aconteciam. Graças à visão e preocupação de se praticar um jornalismo correto e honesto, participativo e ético (conceitos transmitidos a toda a equipe que com ele trabalhou), aquele jornal, sob sua direção, interagiu com credibilidade no contexto da comunidade no qual estava inserido.

Como escreveu Jorge Amado, o escritor maior da Bahia, “sem ser político, Jorge Calmon, exerceu cargos políticos e administrativos com capacidade e zelo, sem falar na extrema integridade que caracterizou (e caracteriza) sua atuação. Dedicou-se, sobretudo, a apoiar e incentivar organizações culturais do quilate da Academia de Letras da Bahia e da Associação Bahiana de Imprensa, centros definitivos e indispensáveis da cultura de um Estado”.

Doutor Jorge foi o responsável direto por inúmeras campanhas vitoriosas realizadas pelo jornal *A Tarde*, haja vista a campanha contra a Divisão Territorial da Bahia entre muitas outras. Graças à sua determinação e seu amor pela terra e pela cultura baiana, o mapa da Bahia continua o mesmo e muitas instituições culturais, como a Academia de Letras da Bahia (ALB), a Associação Bahiana de Imprensa (ABI) e o Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), para citar apenas algumas, foram beneficiados, direta e indiretamente, por sua atuação e influência no sentido de restaurar, preservar e modernizar suas respectivas sedes.

Sua atuação na condução da linha editorial do jornal, por mais de 60 anos, contribuiu diretamente para o sucesso que *A Tarde* conseguiu angariar no século passado. A

atuação firme do então diretor-redator-chefe, se constitui também em um marco referencial para o jornalismo baiano. Jorge Calmon passou a ser o ponto de referência do sucesso alcançado pelo jornal fundado por Simões Filho.

Dr. Jorge soube assimilar o dinamismo, a sagacidade e o espírito determinado de Simões Filho. E exatamente por isso, historicamente, ele também, se constitui num referencial para qualquer jornalista e deve ser objeto de estudo de monografias e teses, nas Faculdades de Jornalismo e cursos de pós-graduação em comunicação, cujos autores queiram entender e registrar sua participação e influência na história do jornalismo da Bahia. Quem vier a escrever sobre a história da imprensa baiana e não se dedicar à figura e atuação de Jorge Calmon e sua participação no desenvolvimento da mesma fará um trabalho incompleto. Isso porque sua influência está evidenciada por mais de meio século de atuação.

Conviver com ele e trabalhar sob seu comando, foi um privilégio e uma certeza de que, todos os dias, sempre aprendia algo de novo. Suas observações, críticas ou elogiosas, sempre foram pertinentes e equilibradas. Como diretor-redator-chefe ele soube ser duro e condescendente. Soube ser justo e exigente. Soube também como valorizar o empenho e a dedicação dos colegas e nunca deixou de estimular os jovens, abrindo-lhes oportunidades, desde que possuíssem dinamismo, garra e agressividade - atributos que ele considera natos de um bom jornalista e com os quais ele mesmo se identifica.

OPINIÕES DE JORGE CALMON – Jorge Calmon iniciou sua carreira jornalística como repórter de assuntos gerais em 1935. Cinco anos depois foi nomeado secretário de redação e em 1949 foi nomeado redator-chefe. Em 1979 passou a exercer a função de diretor-redator-chefe, cargo que exerceu até deixar o jornal em 1995, após 60 anos de trabalhos ininterruptos na mesma empresa. Ao longo de sua vida profissional, o professor e jornalista Jorge Calmon sempre emitiu suas opiniões, em artigos, entrevistas, discursos e palestras sobre o jornalismo e diversos outros assuntos. A seguir algumas de suas opiniões sobre o jornalismo na entrevista a seguir:

Quando começou no jornalismo, quais suas primeiras funções dentro do jornal?

Jorge Calmon – Comecei a trabalhar gratuitamente (como estagiário, em meados de 1934) como auxiliar de arquivo, recortando fotografias e fazendo reportagens eventuais. Fui

admitido em 1º de fevereiro de 1935. Eu não fui repórter de grandes reportagens, mas adquiri boa experiência nos primeiros anos.

Quais foram os seus mestres no jornalismo?

Jorge Calmon – Entre os mestres, invoco naturalmente ao primeiro plano a figura tutelar de Ernesto Simões Filho que me abriu a porta de seu jornal e que, a seguir, me deu a mão para que eu pudesse galgar, degrau por degrau, os sucessivos patamares da carreira. Enquanto me permitiu observar, ao longo de 23 anos de relacionamento, o seu próprio desempenho como jornalista, um dos mais completos jornalistas que jamais houve neste país, sabendo da imprensa todos os segredos e possibilidades. Soube conhecer como poucos a indústria do jornal e as formas mais apropriadas de comunicação pela palavra impressa. Raros também o terão igualado na utilização do jornal como instrumento de influência junto ao povo, para orientá-lo de acordo com seus apelos e suas idéias. Foi um privilégio ter estado tanto tempo ao seu lado, aprendendo, verificando que ele sempre tinha razão quando reclamava ou corrigia, mas, sobretudo, buscando assimilar seus conceitos sobre os homens e sobre os assuntos públicos, conceitos derivados de uma sagaz experiência que, entretanto, de nenhum modo estiolava a pureza dos objetivos, seu espírito público, sua apaixonada baianidade.

E quais foram os outros mestres?

Jorge Calmon – Mestres, tive vários: Ranulfo Oliveira, que me ensinou, pelo comportamento e pelas opiniões, a preciosa lição do equilíbrio. Antonio Marques Pinto, modelo de discrição e companheirismo. Aloysio de Carvalho, pai, de quem recolhi conselhos sobre a arte de escrever, e que me habituou a recorrer ao dicionário para dirimir dúvidas. Florêncio Santos, corrigindo os meus primeiros originais e mostrando como titular matérias. Aristóteles Gomes, o irreverente e honesto Aristóteles, exemplar na capacidade de trabalho, e, dentre os de gerações mais recentes, ressuscitando-lhe a presença, Heron de Alencar, jornalista nato, que, certa feita, solidariamente, preparou comigo, a quatro mãos, um editorial a ser impresso com urgência.

Quais os requisitos exigidos para que o trabalho na imprensa alcance seus elevados objetivos?

Jorge Calmon – Para ser digno da singular posição a ele reservada na sociedade democrática, o jornalista tem de acreditar, firme e sinceramente, nessa abstração que se

chama interesse público. E, porque nele acredita, tem de defendê-lo com intrepidez e veemência.

Quais os pré-requisitos do bom jornalista?

Jorge Calmon – O bom jornalista deve saber escrever e ter agressividade. O desanimado e burocrata, que espera pelo fato, este não é um jornalista. Só considero mesmo jornalista aquele que tem o calor, o interesse pela notícia. O espírito público é outra característica fundamental ao jornalista. Acho que a profissão só tem beleza quando tem sentido social. O jornalista deve ser um combatente do interesse coletivo, e não um carreirista.

Como se constrói a credibilidade do jornalista e de um jornal?

Jorge Calmon – A credibilidade se constrói vagarosamente e se destrói por muito pouco. Se o jornal escorregar, se sair do sério, se virar instrumento de negociata, o leitor percebe.

O que mudou na prática jornalística ao longo do tempo?

Jorge Calmon – Quando me iniciei no jornalismo, e nos primeiros anos em que o exerci, pude observar vários casos e modalidades de aproveitamento da condição ou do trabalho do jornalista para fins nada recomendáveis. Naquele tempo, havia jornalistas que eram meros passageiros da profissão, sempre à espera de nomeação para uma sinecura, quando não de um mandato político, havendo também os vencidos na vida, acomodados com o magro salário pago pelo jornal, a que somavam o ordenado de um empreguinto em repartição pública. Esse quadro mudou muito, para melhor. Hoje, o jornalismo é uma atividade cuja remuneração, mesmo fora dos grandes centros, caminha para a suficiência, não devendo estar longe o dia em que o profissional da imprensa possa viver e sustentar família, em nível decente, com a contrapartida pecuniária do seu trabalho, deixando, assim, de necessitar de outras fontes de renda, e adquirindo, por isso mesmo, plena independência. Ora, é inegável que para isso, quer dizer, para a autonomia e dignidade da profissão, contribuiu, decisivamente, a habilitação universitária do jornalista, complementada e protegida pelas garantias legais que atualmente cercam o trabalho na imprensa. Naquela época (quando se iniciou), o estilo jornalístico diferia do de hoje, dava-se certo teor literário aos textos no jornal. Hoje o jornalismo é mais objetivo, investigativo e voltado para os fatos.

E a imprensa propriamente dita mudou ao longo dos anos em que o senhor exerceu o jornalismo diário?

Jorge Calmon – Eu diria que a imprensa mudou muito neste período, inclusive com o advento dos outros meios de comunicação de massa. O rádio e depois a televisão vieram de certo modo como concorrentes, mas a imprensa tem sua faixa própria. A princípio, julgava-se que o rádio poderia prejudicá-la no alcance e influência, o que não aconteceu porque muita coisa não pode ser veiculada no rádio. A televisão também, quando se popularizou, julgou-se que afetaria o jornalismo impresso, porém a televisão tem sua mensagem própria e peculiar, caracterizando-se mais como divertimento, sendo que na informação seu desempenho é relativo. À imprensa cabe a informação minuciosa com a interpretação e o comentário que a televisão não pode fazer. No que diz respeito à imprensa baiana, embora tenha sofrido com a concorrência desses outros meios de massa, inclusive na parte publicitária, ela continua a ter influência.

E a censura no jornalismo?

Jorge Calmon – Você dizer que não há nenhuma censura em jornal seria faltar com a verdade. Existe uma censura moral, como existe na consciência de cada um de nós. Não praticamos determinadas coisas porque refletimos e vemos que não podem ser praticadas. Assim também é no jornalismo. Há várias coisas que o jornal não publica porque não quer assumir responsabilidade, ou porque fazem mal aos leitores certos fatos degradantes. Por outro lado, isso de jornal estar aberto a todas as opiniões, de certo modo é justificado sob determinado ponto de vista, mas acontece que não há um jornal sem ideologia. Claro, poderíamos vender muito com notícias de polícia e fotos de mulher nua, mas este não era o padrão de jornalismo adotado em *A Tarde*.

Então, em alguns casos a censura é justificável?

Jorge Calmon – Não digo a censura, mas o pudor na liberação da notícia. Não por falta de coragem, mas por responsabilidade.

Que critérios então o senhor utilizava para decidir o que era ou não para ser publicado?

Jorge Calmon – O bom senso. O bom senso e o respeito às pessoas e sua imagem.

O senhor lembra de alguma situação em que ficou em dúvida na hora de decidir o que seria publicado ou não?

Jorge Calmon – Não dúvida, não. A *Tarde* deixou de publicar a partir do dia 4 de dezembro de 1968 todos os comentários editoriais por falta de liberdade de expressão. Essa foi a decisão mais delicada que eu tive que tomar.

O senhor teve algum arrependimento por algum veto ou por ter autorizado a publicação de alguma matéria?

Jorge Calmon – Pode ser. Mas o jornalista mais experiente dificilmente hesita, porque a sensibilidade reage logo. E é mais provável que eu tenha me arrependido de uma permissão do que de um veto.

O que é essencial para a prática do bom jornalismo?

Jorge Calmon – Uma coisa essencial é a ética do jornalismo. Quando deixar de exercer função social, o jornalismo se enquadrará em qualquer outra atividade, será um balcão, uma banca de engraxate, uma loja. Claro, o jornalismo deve estar aberto a opiniões amadurecidas, mas lutamos com limitação de espaço e a produção do jornal é cara.

Em sua opinião o que caracteriza o bom jornalismo?

Jorge Calmon – O jornalismo praticado conforme os padrões da boa comunicação. O jornalismo comprometido com a verdade; O jornalismo que informa com exatidão, sem nada esconder. O jornalismo que lealmente fornece ao leitor os elementos necessários a que ele forme a sua própria opinião. O jornalismo consciente de sua função educativa. O jornalismo que se abstém de emprestar sensação ao registro de fatos escabrosos, ainda que sabendo que isso lhe renderia mais leitores, e aumentaria a mídia publicitária. O jornalismo que despreza as seduções oferecidas pela sua própria influência, para manter-se fiel à sua missão. O jornalismo desvinculado de intimidades com o poder e com grupos de qualquer natureza. O jornalismo que assume, sem vacilações, o papel que a sociedade implicitamente lhe confere, de fiscal dos assuntos públicos. O jornalismo elevado à condição de intérprete do pensamento e dos reais interesses da coletividade. O jornalismo intransigentemente engajado na preservação da liberdade, da qual a imprensa retira o oxigênio vital.

Como decano do jornalismo baiano, o que o senhor acha que lhe faltou ao longo de 60 anos de prática jornalística?

Jorge Calmon – Na lenta viagem pela vida, o tempo é o sutil e implacável timoneiro, que, em dado momento nos surpreende mostrando a distância percorrida. Neste caso, no entanto, o tempo importa menos que a confortadora certeza interior de que não me abandonou o

entusiasmo com que, ainda bem jovem, ingressei na profissão; e de que mantenho, intactos, os mesmos ideais. Se me falta, com, o bem reconhecido, o fulgor intelectual característico dos grandes jornalistas, daqueles que sabem conduzir à expressão máxima as potencialidades da imprensa, daqueles que em si reúnem o gênio, a mensagem e a bravura, daqueles que pelo só atitude ou pelo artigo eletrizam o ambiente social – sempre procurei, quanto possível, suprir essas qualidades com o modesto e pontual cumprimento do dever, todos os dias na minha mesa de trabalho, buscando contribuir para que a opinião do jornal fosse oportuna e sensata, e que a notícia fosse publicada tão imediata quanto veraz, avesso ao sensacionalismo, cioso da honra e dignidade alheias, mais amigo dos fracos do que dos poderosos, fiel, sinceramente fiel ao interesse público.

DADOS BIOGRÁFICOS DE JORGE CALMON – Filho do comerciante Pedro Calmon Freire Bittencourt e de Maria Romana Moniz de Aragão Calmon de Bittencourt, Jorge Calmon nasceu a 7 de julho de 1915, na rua do Genipapeiro, no bairro de Nazaré, em Salvador. Foi no jardim de infância mantido pela profa. Laura Barbuda onde fez seus primeiros estudos, concluindo o segundo grau no Colégio Antonio Vieira. Ingressou mais tarde na Faculdade de Direito da Bahia, diplomando-se em 1937. Em 12 de junho de 1948 casou-se com Leonor Calmon com quem teve seis filhos: Maria Romana, Maria Edith, Mário, Maria Virginia, Maria Tereza e Jorge Filho.

Um ano depois de formado, em 1938, já demonstrando sua tendência cultural, fundou, juntamente com Pinto de Aguiar, a Editora Cruzeiro, que publicou entre outros clássicos “O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina”, de Teodoro Sampaio.

Suas atividades profissionais estão distribuídas por quatro setores básicos: o jornalismo, o serviço público, o magistério e a política. Como reconhecimento nestas atividades ele também foi condecorado e recebeu vários títulos. A seguir suas principais atividades:

JORNALISMO – Na Faculdade de Direito desenvolveu intensa atividade política, participando da direção da Associação Universitária da Bahia, quando participou da campanha pela construção da Casa do estudante e executou sua primeira atividade jornalística ao editar o órgão oficial da Associação.

Começou no jornal *A Tarde* ainda quando estudante universitário, no ano de 1934, por recomendação do seu irmão Pedro, que mantinha boas relações com Simões Filho. Depois de um longo estágio como auxiliar de arquivo e realizando reportagens eventuais, Jorge Calmon foi definitivamente contratado como repórter no dia 1º de fevereiro de 1935, com a função de cobrir os acontecimentos da cidade.

Um ano depois de formado, em 1938, fundou, juntamente com Pinto de Aguiar, a Editora Cruzeiro, que publicou entre outros clássicos “O Rio São Francisco e a Chapada Diamantina” de Teodoro Sampaio.

Como jornalista foi repórter, redator e secretário (1935), Redator-Chefe (1949) e Diretor-Redator Chefe (1971-1996). Foi presidente da Rádio Cultura da Bahia (1955); membro do Grupo de Trabalho nomeado pelo Presidente da República para estruturar a Agência Brasileira de Notícias (1961), membro da Comissão de Liberdade de Imprensa da Sociedade Interamericana de Imprensa e Presidente da Associação Bahiana de Imprensa (1970-1972).

SERVIÇO PÚBLICO – Foi diretor da Biblioteca Pública do Estado (1938-1942), editando um boletim informativo mensal e duplicando, em sua gestão, o total de volumes à disposição do público. De 1955 a 1963 não exerceu cargos públicos, dedicando-se ao jornalismo e ao magistério, lecionando História das Américas na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia. Em 1963 foi nomeado Secretário do Interior e Justiça, durante o Governo de Lomanto Junior, permanecendo no cargo até 1966. Foi Secretário da Justiça (1966-1967) e Ministro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia (1967-1971). Em 1969 foi nomeado relator das Contas do Governador, apresentando na oportunidade um amplo estudo sobre a situação econômica e financeira do Estado no ano de 1968. Em 1979, reconhecendo a colaboração que o Conselheiro prestara com seus trabalhos, o Tribunal de Contas outorgou-lhe a Medalha do Mérito Ruy Barbosa.

POLÍTICA – De 1947 a 1955, Jorge Calmon foi eleito e reeleito deputado estadual, primeiro pela União Democrática Nacional e depois pelo Partido Libertador. Como deputado participou dos trabalhos da primeira Constituição do estado da Bahia, contribuindo com o artigo constitucional que assegurou ao município de Salvador a sua Lei

Orgânica. Pode-se destacar também como sua efetiva participação parlamentar a preparação do anteprojeto da Lei Orgânica do Município de Salvador, os estudos sobre o êxodo de baianos para São Paulo, sobre os preços do petróleo baiano, sobre as tarifas de água e a decadência das estradas de ferro. Destacam-se ainda seus pareceres técnicos sobre a reforma do Tribunal de Contas do estado da Bahia e do Instituto de Cacau da Bahia.

MAGISTÉRIO – Jorge Calmon iniciou suas atividades no magistério no ano de 1941, como professor de Português e História do Comércio na Escola Comercial Feminina da Bahia. Naquele mesmo ano foi nomeado Professor Catedrático de História Americana da Faculdade de Filosofia da Bahia, atual Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, da qual foi um dos professores fundadores, mantendo-se em atividade até julho de 1985, quando se aposentou. Na área do magistério superior exerceu vários cargos e funções, participando também de inúmeras comissões, dentre os quais foi chefe dos Departamentos de Jornalismo e de História, vice-diretor da Faculdade de Filosofia (1961-1964) e Presidente do Núcleo da Bahia da Associação Nacional dos Professores Universitários de História (1961-1962). Foi professor voluntário de Técnica de Jornal no Curso de Jornalismo da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia (1956) e organizador, a convite do Reitor da Universidade, do segundo e atual Curso de Jornalismo e chefe do respectivo Departamento (1961).

TÍTULOS – Entre os inúmeros títulos que Jorge Calmon possui destacam-se: Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia; Membro Benfeitor e ex-presidente da Academia de Letras da Bahia; Sócio Benemérito e ex-presidente da Associação Bahiana de Imprensa; Membro da Academia Brasileira de História; Administrador do Ano (1984) outorgado pela Escola de Administração da UFBA; Cavaleiro da Ordem de Malta; além de outros títulos de destaque Jorge Calmon é também Cidadão Honorário de Ilhéus, Itabuna, Juazeiro, Feira de Santana, Santo Amaro, Ubaitaba, Coaraci e Uauá.

CONDECORAÇÕES – Entre inúmeras condecorações, destacam-se Ordem do Mérito da Bahia, no grau de Grande Oficial; Ordem do Mérito das Comunicações, Grande Oficial; Medalha Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras; Medalha do Mérito

Jornalístico, da ABI-BA; Medalha Thomé de Souza, da Câmara Municipal de Salvador; Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho, no grau de Oficial; Medalha do Mérito Ruy Barbosa, do Tribunal de Contas do Estado; Medalha Ana Néri, da Sociedade Brasileira de Educação e Integração, de São Paulo; Medalha do Mérito astro Alves, da Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Medalha do Pacificador, do Exército Brasileiro; Medalha do Mérito Tamandaré, da Marinha de Guerra, Medalha do Mérito Marechal Argolo, Visconde de Itaparica, da Polícia Militar da Bahia; Ordem do Infante D. Henrique, de Portugal, no grau de Comendador, Comenda de Número de 1ª Ordem Del Mérito Civil, da Espanha; Comenda Del Mérito Civil da República do Chile.

NONATO MARQUES, O POETA DA BAIXINHA⁴²

Como epígrafe do resumo de seu curriculum vitae, intitulado por ele mesmo como “Síntese de uma vida”, Nonato Marques escolheu uma citação de Leon Dénis que se aplica e muito bem para a homenagem que lhe prestamos na noite de hoje. Senão vejamos:

“Cada um constrói, dia por dia, hora por hora, muitas vezes sem mesmo o saber, seu próprio futuro. A sorte que nos cabe na vida atual foi preparada pelas nossas ações anteriores, da mesma forma edificamos no presente as condições da existência”.

É isso mesmo Nonato Marques, você soube, ao longo de 96 anos bem vividos, construir a poesia que foi a sua vida, no dia-a-dia, tecendo, laboriosamente os caminhos e as edificações de sua existência. Ao escolher a poesia como arte para transmitir seus sentimentos e observações, você metrificou suavemente o seu viver diário, com o ritmo e a sonoridade das palavras trabalhadas como se jóias fossem, marcando o seu compasso, suas ações e determinando o futuro que você ainda terá na história da vida literária baiana.

Ao optar pela carreira agrônômica, você fez a escolha pelo meio ambiente, pela natureza, pela preservação da vida, pela ecologia. Não deixou aqui também de ser poeta. Isto porque ao fazer a opção profissional de trabalhar com os quatro elementos – terra, ar, água e fogo – você se aproximou mais ainda do sentido da própria vida, da necessidade do registro, do resgate e da preservação da natureza e do próprio homem.

Ao exercer cargos públicos, inclusive eletivos, você demonstrou sua capacidade de contribuir pela edificação de um mundo melhor, pelo menos aquele sonhado pelo poeta que você foi e continuará sendo, buscando encontrar as alternativas necessárias para a melhoria do nosso povo, sertanejo e sofrido.

Como homem deixou sua marca, registrando sua passagem, sua existência nesta terra: Pensou e escreveu inúmeros livros e trabalhos, repercutindo sua experiência de vida e transmitindo conhecimentos para as novas gerações. Viveu seu tempo, quase um século, e

⁴² **Texto da conferência feita em homenagem ao poeta Antonio Nonato Marques, na Sessão Saudade promovida pela ALAS – Academia de Letras e Artes do Salvador, no dia 12 de junho de 2006.**

nele deixou sua marca. Plantou não uma, mas inúmeras árvores. Deixou uma extensa prole e inúmeros amigos que saberão reproduzir sua obra que haverá de permanecer porque tem um cunho universal.

É isso Nonato Marques, você foi um homem e um amigo leal, mas também um Grande Poeta. Você já não é mais do Grupo da Baixinha, pois a partir de agora passou a integrar o Grupo dos Poetas Encantados, como Castro Alves, Drummond, Bandeira e muitos outros.

Ao poeta Antonio Nonato Marques, ocupante da cadeira nº 40, dessa ALAS que tem como patrono Guilard Muniz, que foi o grande jardineiro de Salvador, é dedicada esta sessão especial, que com muita propriedade é intitulada Sessão Saudade. Coube-me a missão de falar sobre o poeta, meu amigo por mais de 35 anos e por quem desenvolvi profunda admiração.

Conheci Nonato Marques pessoalmente quando, no início da década de 70, editando o suplemento “Jornal de Utilidades”, um dos projetos editoriais que desenvolvi para o Jornal *A TARDE*, ele comparecia semanalmente para levar sua contribuição para o caderno: o conteúdo de nossa página agrícola. Com uma voz grave e empostada, com os olhos pequenos e faiscantes de inteligência, Nonato me passava os artigos e as notícias com as quais eu deveria editar a página agrícola. Ele sempre manifestava sua opinião e recomendava o que era mais importante a ser destacado na página, com a autoridade de quem havia sido o homem responsável pelo desenvolvimento da agricultura do estado da Bahia.

Foi a partir destes encontros semanais que surgiu nossa amizade. Mais tarde, a partir de 1985, quando à frente de outros projetos editoriais de *A Tarde*, os suplementos *A Tarde Municípios* e *A Tarde Rural*, dos quais também fui idealizador e editor, Nonato se aproximou mais ainda. Aí já não colaborava apenas no suplemento rural, mas também com seus artigos e crônicas que publicávamos em *A Tarde Municípios*, sempre abordando temas de interesse regionais, fossem eles sobre economia agrícola, ou de resgate da cultura da região sisaleira. Não faltavam, naturalmente, seus poemas e artigos sobre Santo Antônio de Queimadas e muitas outras histórias.

Ele não se satisfazia apenas com o fato de entregar pessoalmente o artigo em minhas nas mãos. Ele queria ter a certeza de que o editor-amigo iria lê-lo antes de publicá-

lo e, para não deixar dúvidas sobre isto, levava-me a um canto da sala da redação, onde com sua voz empolgada, lia o texto em voz alta, dando a ênfase necessária às palavras ou trechos que achava serem os mais importantes. Isso sem contar com os poemas de época. Ele não deixava passar uma data importante (Dia das Mães, Dia dos Pais, da Criança, Natal, Quaresma etc) sem levar um poema com a temática do dia, sempre tentando garantir sua publicação, não importava onde, em que caderno, o importante é que fosse publicado. Se não conseguia espaço no caderno Cultural ou no Caderno 2 de *A Tarde*, me procurava e quando possível eu publicava suas colaborações tanto em Municípios como em Rural.

Só no período em que fui editor de *A Tarde Municípios* e de *A Tarde Rural*, convivi com a visita semanal de Nonato por mais de 18 anos, entre 1985 a 2003. Esta convivência foi ampliada a partir do ano de 1999, quando começamos, no salão de festas do prédio do acadêmico Rozendo Ferreira, as reuniões semanais que deliberaram a constituição desta ALAS –Academia de Letras e Artes do Salvador, instalada oficialmente em dezembro daquele mesmo ano e da qual tive a honra de ter sido o primeiro presidente. Nonato Marques esteve presente desde os primeiros momentos da constituição desta ALAS, só faltando às reuniões por motivo de força maior.

Nonato Marques era assim, de uma simplicidade sem par e ao mesmo tempo um homem persistente, seguro do que queria e brilhante no que fazia. Era também um excelente orador e crítico literário além de sentir muito orgulho sobre o que escrevia, valorizando ainda mais a publicação dos seus textos. Como orador destacou-se na Câmara Federal ao lado de parlamentares e grandes oradores como o velho Mangabeira, Artur Bernardes, Afonso Arinos, Aliomar Baleeiro, Nestor Duarte e Carlos Lacerda, entre outros tão famosos quanto estes.

Nonato Marques nos contou, com uma dose de ironia e muito humor, em palestra aqui realizada, sob o título de “Pinga Fogo”, apelido dado às sessões do pequeno-expediente da Câmara dos Deputados devido à irreverência parlamentar, como se deu sua estréia na tribuna da Câmara Federal:

“Naquele recinto heráldico e cintilante, eu – pobre provinciano egresso das caatingas, sentia-me mais insignificante do que uma ameba. A minha constante e invencível timidez matuta se

apoderou de mim com todo o peso de sua contenção insuportável. Mas, era preciso falar, dizer alguma coisa, desembuchar, enfim. A muito custo arranjei uma vaga para falar no grande-expediente. Logo no grande-expediente, onde o orador fica no alto, por conseguinte mais exposto aos aplausos ou aos massacres. Antes, para amansar os nervos rebeldes, eu havia preparado o discurso no melhor estilo de que fui capaz, com todas as vírgulas e acentos no lugar, caprichando no português à moda de Coimbra, mas uma surpresa desagradável me espreitava: na hora aprazada subi à tribuna como quem vai para um patíbulo. Do plenário, os olhares que para mim se dirigiam eram como se fossem farpas a me estraçalharem o coração. Proferi as saudações protocolares: Senhor Presidente, senhores deputados. Puxei do bolso o calhamaço. Procurei os óculos. Onde estavam os óculos? Apalpei os bolsos, nada. Na afobação, havia esquecido em casa os meus protetores visuais. Descer da tribuna seria um fiasco. De repente, não mais que de repente, uma reação raivosa se apoderou de mim e devolvendo ao bolso o papelório, fui forçado a falar sem as muletas escritas que eu havia cuidadosamente preparado. Quando terminei e desci da tribuna estava alagado de suor. Havia saído da maior batalha íntima que travei em toda a minha vida. Isto me fez lembrar Camões, quando o genial caolho adverte: ‘que o outeiro é mais fácil de descer do que de subir’. E a tribuna também.”

Ainda na Câmara Federal Nonato Marques praticou o que ele mais gostava de fazer: versos, sonetos satíricos ou epigramáticos, mas sem o propósito pejorativo. Durante as longas sessões de discursos na Câmara, para passar ou matar o tempo ele escrevia sonetos e se escondia por trás de um pseudônimo: Marquês das Laranjeiras. Marquês, segundo ele, derivado de Marques, seu nome de família, e Laranjeiras, proveniente do bairro em que residia no Rio de Janeiro. Dentre os muitos sonetos satíricos de Nonato Marques ou Marquês das Laranjeiras destaco dois, escritos em 1956 durante o desenrolar de sessões agitadas:

**Está aberta a sessão. O presidente
toca a sineta. Há número na casa.
O secretário lê todo o expediente
e a águia do verbo sobre nós abre a asa.**

**Depois há sururu...o verbo abrasa.
Há sempre, cada dia, um bom valente
que desafia, esbraveja e arrasa
a paciência e o humor de toda gente.**

**Ninguém briga, afinal. É só arrelia.
Há uma turma do deixa-disso atenta,
que acaba de mansinho a valentia.**

**Depois se vota. Tudo entra nos trilhos.
Vai se votando no levanta e senta
No vai e vem solene dos fundilhos.**

Um outro soneto satírico do Marquês das Laranjeiras foi inspirado numa intervenção do então deputado Adauto Lúcio Cardoso ao dar um voto favorável a um projeto, recomendando que fosse melhorada sua redação final:

**Diz o Adauto: “Eu espero que o Senado
melhore a redação deste projeto.”
Ele quer português do bom, correto,
flor do jardim do Lácio decantado.**

**Tudo isso para mim parece errado:
O que importa, de fato, no projeto,**

**direto ou não, é apenas o objeto,
e o tal sujeito oculto ou disfarçado.**

**Que importa na política a gramática,
A prosódia, a sintaxe, a sistemática,
todos esses troços complicados?**

**Que importa, amigo, deixa esses defeitos.
Valem mais em política os sujeitos
E valem muito pouco os predicados.**

Este era o Nonato Marques, inteligente, bem humorado e que nunca deixou de dar oportunidades tanto a jovens como a poetas já estabelecidos como também escrevia sobre os mesmos. Escreveu inúmeros prefácios, orelhas e artigos enaltecendo obras. Eu mesmo tive a felicidade de ser resenhado por ele, que com estilo elegante escreveu sobre dois de meus livros de poemas, “Asas Para Amar” e “Estandarte”. Certa feita, como fui fazer o lançamento destas obras em Queimadas, sua terra natal, ele fez questão de ir para lá para me receber, me saudar e me apresentar aos seus conterrâneos.

Nonato foi um homem marcante e teve uma vida pública marcante. Que o diga sua esposa, dona Maria Angélica Marques, seus filhos, netos e bisnetos. Que o diga seus amigos, pois inimigos não os teve.

O escritor, político, engenheiro agrônomo e Poeta, com letra maiúscula, Antonio Nonato Marques, autor de “A Poesia era uma festa” (1996) era também um memorialista de mão cheia. Em resumo, Antonio Nonato Marques nasceu na antiga Vila Bela de Santo Antonio das Queimadas, atual cidade de Queimadas – Bahia, no dia 27 de abril de 1910 e morreu no dia 5 de abril de 2006, ou sejam 22 dias antes de completar 96 anos de idade. Fez seu curso elementar em sua cidade natal e o curso complementar na cidade de Alagoinhas. Em 1924 começou a fazer exames preparatórios no antigo Ginásio da Bahia. Em 1934 prestou exame vestibular para a Escola Agrícola da Bahia, onde se diplomou tendo sido escolhido como orador da turma de Engenheiros Agrônomos de 1937.

Como agrônomo ocupou muitos cargos inclusive o de Secretário da Agricultura e Comércio da Bahia e Presidente do Instituto Baiano do Fumo entre outros. Foi deputado estadual pela “coligação baiana” (PSD/PTB) eleito em 1950 e deputado federal em 1954 pelo PSD (Partido Social Democrático) tendo se reelegido para mais dois mandatos na Câmara Federal, em 1961 e 1964. Permaneceu na Câmara Federal até 1967, quando se afastou definitivamente da política. Depois passou a se dedicar a funções ligadas à sua profissão de agrônomo.

Como escritor e poeta colaborou em diversos jornais e revistas do estado e do País, com artigos técnicos e literários. As suas produções na imprensa diária ou periódica dariam para formar livros sobre assuntos diversos. Durante oito anos consecutivos foi responsável pela seção de agricultura e pecuária do jornal *A Tarde*, tendo editado boletins técnicos e informativos das entidades autárquicas, fundações e associativas a que serviu. Como jornalista desempenhou ainda as seguintes funções, em 1939, “Chefe do Serviço de Publicidade do Instituto Bahiano do Fumo, tendo sido na oportunidade também o redator-chefe do Boletim Informativo daquela autarquia e diretor da revista *Bahia Rural*. Em 1941 com a criação do departamento de Assistência ao Cooperativismo foi designado como responsável da Seção de Propaganda e Divulgação, tendo sob sua responsabilidade a revista *COOP* que ali era editada. Posteriormente, em 1942 assumiu a diretoria do Departamento de Assistência ao Cooperativismo. Em 1945 foi nomeado pela primeira vez Secretário da Agricultura, e logo em seguida Diretor da Escola de Agronomia, em Cruz das Almas. Foi ainda Inspetor Geral do Trânsito (1947), Presidente do Instituto Baiano do Fumo (1941 a 1951); Presidente da Comissão Estadual de Preço (1951 a 1952), Eleito deputado estadual em 1950 foi nomeado Secretário da Agricultura em 1951. Além destas funções, ele exerceu várias outras, como também integrou várias comissões e conselhos além de ter sido presidente do Conselho Administrativo da Caixa Econômica Federal.

Na área acadêmica foi diretor da Escola de Agronomia de Cruz das Almas e fundador da Faculdade de Medicina Veterinária da UFBA. Em sua homenagem, a EBDA – Empresa Bahiana de Desenvolvimento Agropecuário, mantém, aqui em Salvador, no bairro da Ondina, um herbário com seu nome e que foi fundado em 1952 com um acervo de 13 mil espécies.

Nonato Marques integrou ainda as seguintes entidades: Associação dos Engenheiros Agrônomos da Bahia, Sindicato dos Engenheiros da Bahia, Associação Baiana de Imprensa (ABI), Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Foi também membro fundador da Academia de Artes e Letras do Salvador – ALAS, da qual nunca deixou de manifestar orgulho por integrá-la. Esta ALAS também se sente honrada, permito-me a ousadia de falar em nome de todos os seus membros, em ter tido entre seus fundadores um dos mais brilhantes poetas baianos do século XX: Antonio Nonato Marques, o Marquês das Laranjeiras, O poeta da Baixinha, hoje um Nonato Encantado.

A atividade literária, sobretudo na área da criação poética, iniciada na adolescência, o acompanhou por toda a vida. Em poesia publicou: “Poemas de meu enlevo”, “Poemas do Céu e da Terra”, “Tempo de Poesia”, “A poesia era uma festa”, “Os dois últimos poetas da Baixinha”, em parceria com o também poeta Bráulio de Abreu. Na prosa, destacam-se: “O Lado verde da vida”, “Dom Pedro I e seus amores”, “Pinga-Fogo”, “Santo Antonio das Queimadas” e “Uma Porta para Canudos”. Escreveu duas peças para teatro: “A Procura de Marido” e “O Gigante também tem asas”, que foram encenadas em algumas cidades baianas. Deixou inédito o livro “Crônicas Rurais” que a ALAS poderia tomar a iniciativa, fica registrado aqui a proposta, de tentar publicá-lo ou encontrar um patrocínio neste sentido. Outras produções literárias de Nonato Marques foram também publicadas em revistas e jornais do sul do país. E a respeito desses trabalhos existe uma grande fortuna crítica.

Na área de estudos técnicos vinculados à agronomia destacam-se títulos como: “Geografia do Fumo na Bahia”, “Iniciação Cooperativista”, “Pessoas, Plantas e Animais” e monografias técnicas como “O Sisal na Bahia” e “O Umbuzeiro”.

Falar sobre Nonato Marque é falar sobre uma parte da história da vida literária da Bahia e sendo assim, não podemos deixar de destacar o seu papel como membro do Grupo de Poetas da Baixinha. A denominação de Baixinha, era porque o Café Progresso, onde jovens poetas-boêmios se encontravam, estava situado próximo a um larguinho, de onde despontam as ladeiras do Carmo, do Passo e do Pelourinho, e que liga a Baixa dos Sapateiros ao Taboão.

O Grupo da Baixinha, que tinha como mecenas Raimundo Pena Forte, era formado por rapazes de 18 a 21 anos de idade, boêmios talentosos que passavam todo o tempo

improvisando e escrevendo literatura em cafés e bares da cidade. O grupo da Baixinha freqüentava o Café Progresso até o horário de saída do último bonde. Fizeram parte do Grupo da Baixinha: Alves Ribeiro, Aníbal Rocha, Amphiphio Britto, Ângelo Brandão Donatti, Bráulio de Abreu, Clodoaldo Milto, Dagmar Pinto, De Souza Aguiar, Epaminondas Pontes, Elpídio Bastos, Egberto de Campos Ribeiro, Honorato Gomes, Leite Filho, Nonato Marques, Otto Bittencourt Sobrinho, Pereira Reis Júnior, Pinheiro Viegas, Raimundo Penna Forte, Samuel de Brito Filho, Wasny Casaes e Zaluar de Carvalho. O Grupo da Baixinha era conservador e seus integrantes cultivavam o verso rigorosamente metrificado, no melhor estilo parnasiano.

O Grupo foi responsável pelo lançamento da revista *Samba* que marcou época e presença na história da vida literária baiana dos anos vinte do século passado. Graças ao Conselho de Cultura do Estado da Bahia recentemente saiu publicada uma edição facsimilada da mesma. A revista mensal *Samba* foi a primeira de feição modernista a ser editada na Bahia, sendo, portanto, precursora da revista *Arco & Flexa*, liderada pelo poeta e crítico Carlos Chiacchio.

Segundo depoimento de Nonato Marques, no livro “*A poesia era uma festa*”, “*Samba* era uma revista modesta composta em papel jornal. Foram publicados apenas quatro números. A revista teve vida efêmera como os cometas, porém, mesmo assim, deixou um traço luminoso na história da vida literária”.

Nonato Marques registrou, no livro “*A poesia era uma festa*”, publicado em 1994, o seu tempo poético de vida com as seguintes e precisas palavras:

“No meu tempo a poesia fazia parte do cotidiano da vida da província. Vale dizer: habitava a idade dos homens e como eles conviviam no seu dia-a-dia, através da leitura de revistas e jornais que lhe abriam espaços generosos. A poesia se misturava com as pessoas, alegrando-as, divertindo-as, animando-lhes as festas cívicas e particulares, conquistando-as de tal maneira que era muito raro encontrar alguém, ainda que medianamente instruído que não soubesse de cor alguns versos de sua predileção”.

Nonato nos deixou um legado como obras. Deixou também viúva, dona Maria Angélica Marques, sete filhos, 13 netos e quatros bisnetos, a quem estendo esta homenagem com a palavra de muito obrigado, por ter ajudado na edificação da obra deste poeta encantado. Para finalizar vou recitar alguns poema do POETA NONATO MARQUES:

DESPEDIDA

Nonato Marques

**Foi bem ali naquela ponte estreita
- em tudo a um cromo antigo parecida –
que ela tristonha e um tanto contrafeita
levou-me seu adeus de despedida.**

**Entre meus braços tensos envolvida,
ela por entre lágrimas desfeita
maldizia a desdita da partida
que ia forçada a viver insatisfeita.**

**Era a separação. Era a distância.
Era a ausência cruel – próxima e expressa –
que violentava um grande amor de infância.**

**Pelo meu rosto junto a minha fronte
as lágrimas corriam mais depressa
do que a água que corria sob a ponte...**

XXX

BONECA

Nonato Marques

**Porque ela é tão pequena e tão franzina
até receio quando alguém nos vê
beijar suas mãositas de musmê
ante seus olhos grandes de menina.**

**Ela parece assim (não sei porquê)
tendo uma boca rubra e pequenina,
uma boneca original da China
que ri e dança namora e lê.**

**Tenho receio de tocar de leve
aquela alvinha como a neve,
aquela carne tentadora e louca.**

**Se beijo-a muito, tenho muita pena
porque ela é tão franzina e tão pequena
que o meu beijo mau cabe em sua boca.**

Trecho de um outro poema referindo-se à época em que a poesia era uma festa:

**“...os rapazes boêmios daqueles
tempos perambulavam a declamar
pelas ruas tortuosas e
enladeiradas de Salvador,
até altas horas da noite,
dentro da qual sibilava ,
a intervalos, o apito do guarda
noturno e se ouvia o grito
dolente e comprido
da negra do acarajé.”**

Salve Nonato Marques, o Marquês das Laranjeiras, o mais novo Poeta Encantado da
Bahia!

Muito obrigado

Outono de 2006, Salvador, 12/06/2006.

PAULO GAUDENZI: UM PROFISSIONAL DA CULTURA E DO TURISMO⁴³

Tenho a honra e a incumbência de saudar um amigo, Paulo Gaudenzi, atual Secretário da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, nosso convidado de hoje.

Falar de Dr. Paulo Gaudenzi, bacharel em Ciências Econômicas pela UFBA, licenciado em História pela UCSAL, além de possuir várias especializações, é uma tarefa prazerosa pelo seu longo e extenso currículo de serviços públicos prestados ao turismo e à cultura. Sua atuação sempre foi muito transparente e pode ser visualizada quando verificamos o crescimento do turismo em nosso território e a estruturação dos setores culturais da Bahia, que sob seu comando, direto e indireto, mudaram muito nos últimos 15 anos.

Gaudenzi, autor de vários trabalhos na área, a exemplo do livro “*Turismo no Século XXI: Clauster de Entretenimento*” (2001), começou a se envolver profissionalmente com o Turismo há exatamente 31 anos, quando passou a ser, em abril de 1975, o Coordenador de Fomento ao Turismo da Secretaria da Indústria e Comércio, passando em seguida, no ano de 1978, a presidente do Centro de Convenções e, em 1979, a Diretor presidente da Bahiatursa, onde marcou presença com sua dinâmica atuação, fazendo com que a empresa se destacasse no panorama nacional e o turismo crescesse na Bahia.

Na Bahiatursa atuou por 14 anos, divididos em dois momentos, o primeiro, no período de 1979 a 1987, e o segundo de 1991 a 1996. No intervalo entre os dois períodos, entre 1988 e 1991, atuou na iniciativa privada como Diretor da BTS Turismo Ltda, uma grande agência de viagens. Durante seu segundo período na Bahiatursa ocupou, no ano de 1994, a função de Secretário da Indústria e Comércio e a partir de 1995 passou a desempenhar a função de Secretário da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, ou seja, durante os três últimos governos ou durante os últimos 11 anos, ele tem sido o homem responsável pelas políticas implementadas para o desenvolvimento do turismo e da cultura da Bahia.

⁴³ Saudação de apresentação proferida na reunião do Rotary Club da Bahia realizada no dia 27 de abril de 2006 com a presença do então secretário de Cultura e Turismo da Bahia, Paulo Gaudenzi.

Inúmeras são as obras e ações realizadas pelo governo do Estado nestes dois setores sob a responsabilidade direta de Gaudenzi. Impossível enumerá-las todas neste momento. Entretanto gostaria de destacar algumas ações no setor cultural, de minha preferência, explique-se, talvez por ser, eu próprio, um militante e agitador cultural. Assim sendo, vale enaltecer que foi durante a administração de Paulo Gaudenzi à frente da Secretaria da Cultura e Turismo, que foi implantado, a partir de 1999, o FAZCULTURA – Programa Estadual de Incentivo a Cultura. Talvez esta seja a intervenção mais importante que o Estado já realizou no setor devido aos resultados imediatos e os que ainda serão colhidos no futuro, graças ao trabalho de conscientização não só dos produtores como também dos empresários patrocinadores de eventos culturais que, usando o incentivo fiscal, estão possibilitando o desenvolvimento das artes e da cultura. Aliás, como o próprio Gaudenzi costuma afirmar “o governo não faz cultura, mas facilita, abre canais e incentiva”.

Destacaria ainda como digno de registro, entre tantos outros feitos, a valorização da produção audiovisual regional e a divulgação massiva da diversidade cultural baiana realizada pelo IRDEB, por meio da TV Educativa, um dos muitos órgãos vinculados à Secretaria da Cultura e Turismo. Merecem destaque, neste processo, a produção dos programas da série “Mapeamento Cultural e Paisagístico da Bahia”, como o “Bahia Singular e Plural” e o “Memória em Película”.

Foi a partir de 1995, ano em que Gaudenzi assumiu a Secretaria, que a TVE começou esta linha de produção de documentários regionais. Até o ano 2000, a TVE já havia produzido 36 documentários vinculados ao projeto. Para tanto, as equipes responsáveis pelo registro percorreram mais de 70 mil quilômetros do interior baiano, reunindo um total de 400 horas de gravação de sons e imagens de 243 manifestações de música, dança e canto do trabalho em mais de 60 municípios. No ano de 2002, a série “Bahia Singular e Plural” foi vencedora do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na categoria divulgação. Estes documentários passaram a ser exibidos no Brasil e em vários outros países, pois receberam legendas em inglês e espanhol.

No ano de 2003 começou a ser implantado o Pólo de Teledramaturgia da Bahia, envolvendo o IRDEB e a Fundação Cultural do Estado, dois órgãos da Secretaria. O

principal objetivo deste projeto é incentivar a regionalização da teledramaturgia e investir na capacitação dos profissionais baianos do setor audiovisual.

Se isto não fosse suficiente para marcar a trajetória profissional vitoriosa deste incentivador cultural, seus feitos na área do turismo mereceriam outros destaques por sua importância econômica para o Estado. O turismo é conhecido como sendo a indústria sem chaminé, a indústria que produz divisas sem poluição. Gaudenzi é um dos responsáveis pelo grande salto que a indústria do turismo deu nos últimos anos na Bahia. Sua administração lançou várias estratégias de desenvolvimento do setor, valorizando vários eixos turísticos, sendo o mais recente deles a Costa dos Coqueiros, que visa a implantação de um ciclo de desenvolvimento sustentado do turismo com o objetivo de transformar definitivamente esta atividade num dos principais pontos de desenvolvimento da economia do Estado. Como resultado direto das ações de implementação do turismo, nos últimos 12 anos, só a iniciativa privada ligada ao setor hoteleiro investiu mais de US\$ 1 bilhão na Bahia. Mas, destaque-se, os números e volumes de investimentos realizados aqui pelo setor turístico ultrapassam os limites de tempo que tenho para apresentar e saudar este homem da Cultura e do Turismo. Espero que ele mesmo, que ao longo de sua carreira profissional já proferiu mais de uma centena de conferências, possa detalhar, para os presentes, qual é a estratégia turística e cultural da Bahia para o século XXI.

Pois bem, meus senhores e minhas senhoras, em síntese, este é Paulo Gaudenzi, o profissional responsável pelo sucesso da Cultura e do Turismo da Bahia.

Muito obrigado!

QUEM É SÉRGIO MATTOS

Sérgio Augusto Soares Mattos, filho de Maria Helena Soares Mattos e de José de Castro Mattos, nasceu em Fortaleza, Ceará, no dia primeiro de julho de 1948. Desde 1959, vive em Salvador, tendo recebido o título de Cidadão Baiano, outorgado pela Assembléia Legislativa. Diplomado em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia em 1971, Mattos é pós-graduado em Comunicação, com Mestrado e Doutorado pela Universidade do Texas, em Austin, Estados Unidos. Foi o primeiro doutor da Faculdade de Comunicação da UFBA, tendo sido também responsável pela orientação da tese do primeiro doutor formado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Contemporânea da FACOM/UFBA. Mesmo dedicando-se à pesquisa e ao ensino, não abdicou de atuar no mercado e sempre se manteve no exercício do jornalismo diário, em inúmeras funções editoriais nos jornais baianos. É também poeta com oito livros publicados e compositor com dezenas de composições gravadas por diversos intérpretes, sendo que possui quatro CDs individuais com suas composições.

No ano de 2000 foi o vencedor do Prêmio de Comunicação Luiz Beltrão, na categoria de Maturidade Acadêmica. O prêmio foi outorgado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, que congrega mais de 500 pesquisadores da área. A outorga do troféu ocorreu durante o XXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado em Manaus, Amazonas. O Prêmio Luiz Beltrão de Ciência da Comunicação tem a finalidade de reconhecer a qualidade do trabalho acadêmico realizado nas universidades ou nos centros de pesquisa, valorizando a atuação individual e coletiva. A meta é sinalizar, anualmente, para as novas gerações, quais as pessoas ou instituições que apresentaram contribuições relevantes para o campo das Ciências da Comunicação.

Sérgio Mattos foi diretor-coordenador da COEPP – Coordenação de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação UNIBAHIA – Unidade Baiana de Ensino, Pesquisa e Extensão, no município de Lauro de Freitas - BA, além de ter sido o coordenador que implantou os cursos de Jornalismo e Relações Públicas das Faculdades Integradas Ipitanga mantidas pela UNIBAHIA. Completando suas atividades profissionais, Sérgio Mattos integrou a equipe fundadora da *Tribuna da Bahia*, onde além de repórter especial

foi chefe de reportagem; no jornal *A Tarde*, ocupou a função de editor dos suplementos *Jornal de Utilidades*, de *Municípios e Rural* até fevereiro de 2003. Foi o diretor de redação responsável pela criação e implantação da revista *NEON*, de arte cultura e entretenimento, que circulou de janeiro de 1999 a dezembro de 2004. Paralelamente a estas funções profissionais, Sérgio Mattos foi presidente fundador do IBL – Instituto Baiano do Livro, e presidente fundador da ALAS – Academia de Letras e Artes de Salvador. Na década de 1980 do século passado foi diretor do Instituto de Radiodifusão Educativa do Estado da Bahia – IRDEB, quando foi responsável pela elaboração dos projetos para a implantação da TV Educativa da Bahia.

Sérgio Mattos é autor de inúmeros trabalhos acadêmicos, tendo escrito dezenas de artigos e capítulos de livros na área da comunicação. Dentre seus trabalhos estão os seguintes títulos de teses, livros e plaquetas:

The Impact of Brazilian Military Government on the Development of TV in Brazil (Tese de Mestrado), 1980.

The Development of Communication Policies Under de Peruvian Government, 1981.

Domestic and Foreign Advertising in Television and Mass Media Growth: A case Study of Brazil (Tese de Doutorado), 1982.

The Impact of the 1964 Revolution on Brazilian Television, 1982.

IRDEB – Relatório das atividades de 1983/1984.

Comunicação, Desenvolvimento e Segurança Nacional, 1988.

Um Perfil da TV Brasileira: 40 anos de história, 1990.

Censura de Guerra: da Criméia ao Golfo Pérsico, 1991.

A Tarde Municípios: uma experiência jornalística voltada para o municipalismo, 1993.

Bibliografia dos Docentes do Departamento de Jornalismo: produção científica, literária e artística, 1994.

O Controle dos Meios de Comunicação, 1996.

A televisão e Cultura no Brasil e na Alemanha, 1977(org.).

Televisão na era da globalização, 1999 (org.).

A televisão no Brasil: 50 anos de história, 2000.

Imparcialidade é Mito, 2001.

História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política, 2002.

Mídia Controlada: a história da censura no Brasil e no mundo, 2005.

Comunicação Plural, 2007 (org.).

No campo literário, além de participar de várias antologias poéticas e de ter veiculado sua produção em revistas, jornais e na internet, publicou os seguintes livros:

Nas Teias do Mundo, 1973, (poesia).

O Vigia do Tempo, 1977, (poesia).

A Batalha de Natal, 1978, (crônica infanto-juvenil).

Time's Sentinel, 1979 [Tradução de Maria Luisa Nunes], (poesia).

I No Longer Sing, I Cry (Já não canto, choro), 1980. Edição bilíngüe [Tradução de Albert Bork], (poesia).

Lançados ao Mar, 1985, (poesia).

Asas Para Amar, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996, (poesia).

Estandarte, 1ª ed. 1995; 2ª ed. 1996; 3ª ed. 1996, (poesia).

Trilha poética, 1998, (poesia).

Étendard, 1998 [Tradução de Daniel Bloom], (poesia).

Fio Condutor, 2006 (poesia).

Amadeu, um bandido nordestino, 2008 (novela).

Os funerais de dona Camila, 2008 (novela).

As confissões sexuais de Maria Francisca, 2008.